

Amores Infernalis

Meijssa Marr
Gabrielle Zevin
Scott Westerfeld
Justine Larbalestier
Laurie R. King



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Amores Infernais

MELISSA MARR

SCOTT WESTERFELD

JUSTINE LARBALESTIER

GABRIELLE ZEVIN

LAURIE FARIA STOLARZ

Dormindo com o espírito

LAURIE FARIA STOLARZ

Abominável mundo perfeito

SCOTT WESTERFELD

Mais ralo que água

JUSTINE LARBALESTIER

Fan Fic

GABRIELLE ZEVIN

Perdido de amor

MELISSA MARR

Dormindo com o Espírito

LAURIE FARIA STOLARZ

Capítulo Um

Eu acordei suando frio – uma queda brusca, uma sensação que se estendia por toda minha coluna e fazia meus joelhos tremerem. Eu puxo as cobertas e cubro meus ombros, sentindo meu coração batendo rapidamente.

E percebo a dor em meu pulso.

Eu acendo a lâmpada de leitura e olho para o local. Outro leve hematoma - gigante vermelho que pega a parte da frente do meu pulso e segue para parte inferior. Então eu pego a caneta na mesinha de cabeceira e faço mais um registro na marcação que mantenho desde as duas semanas que mudamos para cá, para marcar a sexta vez que isso aconteceu.

Seis vezes.

Seis vezes que eu acordei com uma ferida em meu corpo.

Seis vezes que eu me encontrei mentindo que me despertava cama, demasiada aterrorizada para voltar a dormir.

Por causa da voz que assombra meus sonhos.

Desde que nos mudamos para cá, tenho tido estes esquisitos pesadelos. Neles, eu ouço uma voz masculina.

Eu nunca vejo seu rosto. É apenas a sua voz, sussurrando coisas que eu não quero ouvir – que fantasmas existem, que eu preciso ouvi-lo, que ele não me deixará descansar até eu faça.

Felizmente, sou capaz de me fazer despertar. Mas isso é quando ele me domina tão forte que me deixa uma marca.

Eu sei que parece completamente louco e, em primeiro eu tentei encontrar alguma explicação lógica para, talvez eu tivesse torcido meu braço durante a noite, talvez eu tivesse batido a perna no canto da minha cama ou rolado em uma posição embaraçosa.

Tentei dizer a mim mesmo que os sonhos eram o resultado do estresse de ter de mudar - metade do país; mudança de escola e deixar todos os meus amigos pra atrás. Quer dizer, é um período de adaptação, certo?

Mas agora sei que é mais do que estresse. Porque, entre as contusões e as dores, e as crescentes olheiras

debaixo dos meus olhos pela falta de sono, sinto-me como se as coisas fossem piorar.

"Brenda?" Minha mãe pergunta, de pé na porta do meu quarto. "O que está fazendo?"

Eu enterrar meu punho no monte de cobertas, percebendo como cheiro dele – como torta de maçã - ainda continua nas minhas cobertas.

"Você estava gemendo em seu sonho ", ela prossegue.

Eu olho para o número fogo-vermelho brilhante do meu relógio digital. São 4:05 "Um sonho ruim, eu acho", eu digo, tentando encolher os ombros para isso.

Ela concorda e brinca com o cinto de seu roupão, apenas persistente lá na porta, até que ela finalmente faz a pergunta: "Você não está ouvido vozes mais uma vez, está?"

Eu estudo seu rosto, perguntando se ela pode lidar com a resposta, mas decidi que ela não pode. Então eu agito minha cabeça, observando sua expressão mudando de ansiedade para alívio. Ela permite a respiração e força um sorriso, ainda remexendo com roupão dela, provavelmente pensando sobre a minha sanidade.

Mas isso está ok.

Porque eu pergunto sobre isso, também.

Esta não é a primeira vez que os meus pais me encontraram acordado nas primeiras horas da manhã. Este não é a primeira vez que se queixam de que eu gemia, ou me dão o olhar – o que diz que eu estou ficando louca.

Ou reparam em todos os meus machucados.

A primeira vez tinha uma em meu tornozelo - uma grande mancha roxa, forrada com uma mão cheia de arranhões. A noite que isso aconteceu, eu fui ao seu quarto, perguntando se eles podiam ouvir a voz, também, perguntando se alguém tinha entrado em nossa casa - talvez a voz não fosse parte de um sonho de todo.

Mas os meus pais disseram não, eles não tinham ouvido nada. Eles parecem especialmente preocupados depois do meu pai tinha verificado as coisas, mediante a minha insistência, como se fossem muito mais medo por mim do que comigo.

"Quer que eu te faça um leite quente?" Minha mãe pergunta agora.

"Não, obrigado", eu disse, ainda capaz de ouvir a voz de meu sonho. Isso brincava na minha orelha - um lento e rítmico hálito que empurra as duas sílabas do meu nome mais e mais e mais: *Bren-da, Bren-da, Bren-da.*

"Eu só quero voltar a dormir", eu menti, recuperei um vislumbre de mim no espelho da penteadeira. Meus normalmente brilhantes olhos verdes estão cheios de com veias de cor vermelha. E meu cabelo é uma bagunça - um emaranhado ruivo de desordeiros cachos alto em cima de minha cabeça em um rabo de cavalo desleixado, porque eu não posso realmente ter de lidar com o estilo de minha juba.

Porque eu não tenho obtido uma noite inteira de sono, uma vez desde que mudamos para cá.

"Boa noite, mãe", eu sussurro, e a mentira volta sobre mim e meus travesseiros, então ela vai voltar para a cama. Eu puxo o cobertor ao longo de meus ouvidos e silenciosamente cantarolo um pouco de música dentro da minha cabeça, na esperança de que irá me acalmar.

Na esperança de que irá afogar a sua voz.

Capítulo Dois

No dia seguinte na escola, Monsieur DuBois, meu professor de francês, nos colocou em pares para treinarmos um diálogo. Eu fazia Isabelle, enquanto Raina, minha dupla, era Marie-Claire. Nós começamos conversando sobre nossos hobbies e matérias da

escola e então, quando o Monsieur parecia muito preocupado enquanto ele colocava na parede figuras de vários tipos de queijos franceses – e Raina e eu tivemos de rever os limites de nosso vocabulário em francês – ela me disse (em inglês) que no ano passado, em meados de dezembro, bem antes do baile do segundo ano, ela era a menina nova, também.

“É uma droga quando você precisa deixar toda a sua vida para trás,” ela disse, transformando seu cabelo escuro numa longa, fina trança ao lado de sua cabeça.

Eu concordei, pensando em meus amigos em casa, querendo que eles estivessem bem aqui agora.

E se eles sentem a minha falta, também.

“Então, eu percebi que você não está com ninguém,” Raina continuou. “Eu vi você sentando sozinha na cafeteria outro dia. Isso é um suicídio social, você sabe. Se não tratada, pode te levar ao atropelamento social.”

“Atropelamento Social?”

Ela concordou, ainda mexendo no cabelo dela, tentando ajeitar todas as camadas, apesar de ter tantas presilhas ela tentava adornar o topo de sua cabeça. “É matar sua vida social – isso ficará marcado em sua vida escolar, especialmente no meio do ano, você sabe. Todo mundo já pertence a uma panelinha.”

“Panelinha?”

“Sim,” ela disse, seus olhos castanhos adquiriram um brilho como se isso fosse algo grande, chocada pelo fato de seu linguajar - especialmente quando deveríamos estar falando em nossa língua natal agora¹. “Todo mundo já anda com alguém,” ela explicou. “Pessoas verão você como perdedora. Eu penso, ao menos que você *queira* ficar sozinha...”

“Eu não tenho exatamente pensado muito sobre isso.”

“Bem, você *deveria*,” ela disse. “Porque não há muito tempo.”

Eu senti meu rosto enrubescer, enquanto pistas da filosofia dela eu tentava entender eu seu

vocabulário.

“Quer *minha* opinião?” ela perguntou.

Eu abri a boca para mudar de assunto, para perguntar sobre o próximo dever de casa, mas então Raina me deu sua opinião de qualquer jeito: “Porque se mudar de East Burn Suck, Massachusetts, que leva em torno de uma hora e doze minutos vindo de Boston...? Num dia bom, claro.

Resumindo: Você totalmente deveria andar comigo e Craig.”

Ao mesmo, um rapaz de cabelos castanhos espetados e rosto branco, quem eu presumi que fosse Craig, deslizou para seu assento. “Será que alguém me chamou?”

“Craig, Brenda; Brenda, Craig,” ela disse nos apresentando.

“Enchanté,” Craig disse, fazendo uma falsa pronuncia em francês. “Mas meu nome é Jean-Claude até o sinal tocar.”

Raina rolou os olhos e então deu a Craig todo resumo da minha situação, transformando meu status de criança nova numa análise social. De acordo com ela, eu teria somente mais uma semana, no máximo, então meu status solitário seria permanente.

“Não ligue para Raina,” Craig disse, percebendo claramente meu desconforto. “Ela tende a levar tudo para o lado político-social.”

“*Que seja...*” Raina disse, prendendo um elástico em sua trança, tendo apenas finalizado isso.

“Você sabe que eu estou totalmente certa.”

Craig deu de ombros e voltou o foco para mim. “Então, o que você diz? Mesa para *trois*, começando amanhã?”

“Você é uma droga de queijo fedido,” Raina disse, sem dúvida se referindo ao seu francês.

“Soa legal.” Eu sorri, notando que essa era a primeira vez que eu me sentia normal desde que eu me mudei para cá.

Capítulo Três

Eu estava no meu quarto quando o relógio debaixo das escadas soou 11:00 pm, mas eu não queria ir dormir.

Eu corri meus dedos pelo meu pulso, percebendo como a marca vermelha tinha se transformando num tom profundo de roxo, e como o nó no meu estômago se tornava maior a cada momento.

Eu tinha feito todos meus deveres de casa, tomado meu banho, e colocado meus livros na estante em ordem alfabética, tentando duramente me manter acordada, mas após um comercial de meias-calças, uma mini-maratona de *Cops*², e mais de uma hora de QVC jewelry³, e me senti pronta para dormir.

Até que eu ouvi a batida na minha porta.

“Entre,” eu disse, assumindo que fosse minha mãe. Ela as vezes gostava de me checar durante a noite.

Mas a porta não abriu.

Eu sentei em minha cama e acendi a luz do abajur.

“Mãe... é você?”

Sem resposta.

Eu deixei sair um suspiro e me levantei e me encaminhei até a porta. Eu tentei a maçaneta, mas ela não abriu, como se estivesse trancada por dentro.

“Mãe?” eu repeti, ainda tentando forçar a maçaneta. Eu bati na porta, esperando capturar a atenção dos meus pais.

Mas nenhum deles vieram. E a maçaneta não abria.

“Brenda,” a voz sussurrou de algum lugar na minha frente. A voz *dele* – de um dos meus sonhos.

Eu me virei para olhar, meu coração estava acelerado.

“Você está pronta para conversarmos?” sua voz continuou.

Eu pesquisei pelo quarto, mas eu não o encontrei em lugar nenhum. Todavia tudo parecia diferente agora.

Minha cama estava com uma coberta azul marinheiro onde antes tinha uma colcha rosa. E medalhas

de natação e hockey que estavam nas minhas paredes – as que eu tinha ganho há cinco anos atrás – tinham sido substituídas por memórias de coisas de esportes: bandeiras, tacos de hockey, e pôsters.

Eu balancei minha cabeça, desejando saber onde eu estava, sabendo que não era no meu quarto.

E eu não deveria estar aqui.

“Nós precisamos conversar,” a voz dele sussurrou. Eu podia sentir a respiração no meu pescoço.

Eu dei a volta e tentei espiar para vê-lo, mas não havia ninguém. E a lâmpada do meu abajur tinha se apagado, me deixando completamente no escuro.

Um momento depois, a lua apareceu na janela, iluminando um canto do quarto onde uma sombra se mexia nas paredes.

Eu fui para porta novamente. Eu bati e chutei a porta, então forcei a maçaneta com toda minha vontade.

“Não tenha medo,” ele disse, parado no luar, e disponível para que eu pudesse vê-lo – seus pálidos olhos azuis e um sorriso na boca. Ele deveria ter minha idade, talvez dezessete ou dezoito no máximo, com uns vinte centímetros mais alto que eu, e o cabelo da cor de caju.

Enquanto ele se movia, a sombra de sua face, revelava algo em sua testa, como se ele tivesse sido atingido por algo. A ferida é profunda e funda.

“Meu nome é Travis,” ele disse. “E eu tenho esperado por tanto tempo alguém como você?”

Vestido de preto, com sua camiseta que cobria seu peito como suas botas de solado de borracha estavam em seus pés, ele parou em minha frente – forte – seus olhos se recusando a piscar.

“Alguém como eu?” eu perguntei.

Ele concordou e chegou um pouco mais perto. “Alguém que pudesse me ver e ouvir. Eu estive esperando bastante tempo para ser ouvido.”

Eu tentei dar outro passo para trás, mas entre ele e a porta eu estava completamente presa.

“Me desculpe pelo seu machucado.” Ele tentou tocá-lo, mas eu retirei a mão antes que ele pudesse fazer.

“Eu não queria machucar você,” ele continuou. “Eu apenas queria segurar você, para que você não saísse de seus sonhos acordando.” Ele deu outro passo, somente uns centímetros de distância de mim agora. “É

desconfortante para nós fantasmas. Nós não sabemos o poder de nossa própria força, especialmente

quando estamos tentando fazer contato físico com quem não está sonolento, ou, como você, quem está quase acordando. Isso tudo é sobre frequência e energia. Coisas muito complicadas.” Ele sorriu.

Eu balancei minha cabeça e me forcei a acordar. Eu acho que ele sentiu isso, porque um momento depois, ele segurou em meu antebraço.

“Por favor,” ele pediu, seu rosto era todo sério. “Não me deixe essa noite.”

“Não!” eu disse, me afastando.

Ele tentou agarrar meu braço, mas os gritos me acordaram.

“Brenda?” meu pai me chamou, abrindo a porta do meu quarto.

Eu sentei na minha cama e tentei manter a respiração, notando como tudo no meu quarto estava normal novamente – minha coberta rosa e minhas medalhas na paredes.

“Você está bem?” ele checkou o quarto.

Eu fiz o meu melhor concordando, mesmo que eu sentisse que tudo estava ok – ainda tinha aquela sensação quente e retardatória em meu antebraço.

Capítulo Quatro

No almoço do dia seguinte, instantaneamente antes de me sentar sozinha, eu sinalizei para Raina e Craig, que definitivamente foi uma benção. Suicídio social de lado, eu realmente precisava de diversão. Eu apenas não podia parar de pensar em meu sonho da noite passada.

Eu gostaria que tivesse alguém que eu poderia falar sobre tudo, o tipo de coisa de quando a minha irmã morreu. Eu tentei explicar como eu me sentia, também – que eu *sabia* que tinha acontecido – mas ninguém me entendeu.

E como eles poderiam?

Como alguém poderia entender algo tão sem noção: o espírito de minha irmã, Emma, em sua roupa de escoteira – a que ela sempre insistia em usar para vender comidas, vender biscoitos, ir à reuniões da tropa ou apenas andar pela casa. Ela tinha ficado em coma por seis meses.

Mas eu ainda a tinha visto naquele dia. Ela abriu a porta da frente de nossa casa, atravessou a sala de estar para me dar um beijo de adeus, e então saiu sem nenhuma palavra.

Eu sabia que tinha sido o seu fantasma que apareceu para mim. Eu sabia que ela estava morta. Quando eu tentei dizer a minha mãe, ela bateu o pé no chão, se recusando a acreditar em mim, me dizendo que eu era cruel e insensível por dizer estas terríveis mentiras. Mas então, menos de cinco minutos depois, meu pai ligou do hospital e nos disse – Emma tinha falecido.

Craig deslizou uma tigela cheia de fritas e molho para mim. “Como estamos indo?” ele perguntou.

Raina fez uma carranca com a oferta. “Você realmente quer uma menina nauseada no seu primeiro dia almoçando conosco?”

“Na verdade,” eu disse, “isso parece bom.”

Craig gostou da resposta. Seu sorriso apareceu, ainda que pequeno - ainda adorável – o espaço entre os dois dentes da frente. “Eu *sabia* que a garota tinha paladar.”

Nós acabamos trocando lanches como na escola primária – um pouco das fritas dele pelos meu manteiga de amendoim – aipo recheado. E então Craig sugeriu que a gente devia fazer algo no fim de semana.

“Raina e eu daremos a você um tour pela cidade.”

“Isso tudo vai levar uns cinco minutos,” Raina gracejou, olhando para meu pulso.

Eu abaixei minhas mangas para cobri-lo, e então levantei meu polegar para cima para o tour. Nós fizemos planos para sábado a noite – as 7:00 pm. Afiado. Craig se ofereceu para me buscar, e foi quando eu disse onde morava.

“*Você está brincando?*” Raina engasgou, enquanto tomava seu morango com leite. “A casa do banho de sangue?”

“O que você está falando?” eu parei de mastigar.

“Nada demais,” Craig disse, tentando fazer isso soar sem importância. “Apenas sua típica vizinha amigável-”

“*Banho de sangue!*” Raina gritou, terminando por ele. “O vendedor não contou a real história da sua casa?”

Eu balancei minha cabeça enquanto eles me davam o detalhe: um rapaz de dezessete anos tinha sido assassinado ali, a polícia achou o corpo dele no banheiro, e tinha sido o namorado da mãe que tinha feito aquilo.

“Aparentemente, um golpe na cabeça,” Craig explicou. “O namorado bateu nele com um pé-de-cabra e ele bateu forte contra a tubulação de ferro fundido.”

“Por isso o banho de sangue,” Raina ofereceu.

“Amável,” eu disse, pensando no rapaz do meu sonho – ele tinha uma marca na testa.

“Sério,” Raina continuou, “eu não sei como você consegue dormir a noite. Pessoas dizem que o lugar é insano.”

“Eu *não* consigo dormir a noite,” eu disse, sentindo meu estômago revirando. “Eu digo, não totalmente.”

“Bem, isso explica,” ela disse. “Eu digo, eu odeio ser rude, mas você tem uma séria bagagem nessas olheiras, e eu não estou falando de Louis Vuitton.”

“Imagina, não rude de todo.” Craig sinalizou.

Raina me estendeu uma maquiagem para cobrir os machucados, explicando que isso era “uma coisa boa,” reservada somente após suas longas noites de maratonas de estudo.

“O que significa nunca deve ser usado,” Craig comentou.

Enquanto eles continuavam a brigar, eu deslizei para minha cadeira, lutando contra a urgência de

sacudir minhas batatas fritas neles.

“Você está bem?” Craig perguntou, provavelmente percebendo meu estranho olhar.

“Sim,” Raina brincou, “seu chefe não vai nos mandar pagar agachamentos agora vai? Tudo que eu preciso é de um saco de vomito para despejar meu molho.

“Eu tenho de ir,” eu disse, levantando da mesa. Eu agarrei meus livros e sai da cafeteria, em duvida se levar a maquiagem de Raina vai encobrir tudo o que anda acontecendo em minha casa.

E em meus sonhos.

Capítulo Cinco

Enquanto eu chegava da escola, eu larguei meus livros no chão e fui direto para meu computador.

Começo pesquisando por nossa casa, que é tudo o que eu tenho. Um artigo da *Addison Gazette* chamava atenção.

Era sobre a nossa casa, sobre como finalmente ele foi vendida – para meus pais – após alguns anos no mercado.

Aparentemente não fomos a primeira família a viver aqui desde o infame banho de sangue. Duas outras famílias habitaram o lugar, mas não ficaram muito tempo – seis meses uma, seis anos a outra. Ambas ouviam coisas a noite.

O artigo seguia falando da história da casa, e o que tinha acontecido vinte anos depois. Raina e Craig estavam certos.

Um rapaz de dezessete anos tinha sido assassinado. Seu corpo foi achado na banheira após ele ter sido acertado com pé-de-cabra.

“Travis Slather,” eu sussurrei, lendo o nome da vítima alto. O gosto tóxico das palavras na minha boca. Eu fechei meus olhos, tentando manter tudo junto, lembrando o rapaz do meu sonho de ontem a noite.

Ele me disse que seu nome era Travis.

De acordo com o artigo, Jocelyn, mãe de Travis, estava em casa quando aconteceu, mas ela estava sem condições. A polícia descobriu ela no closet debaixo da escada, muito mal mas ainda viva. Eu continuei lendo, aprendendo sobre o assassino – que realmente tinha sido o namorado da mãe dele, que ele tinha uma ficha criminal com abusos domésticos, e ele tinha estado algum tempo na prisão.

Eu olhei sobre os ombros para o meu quarto, imaginando as imagens dos meus sonhos – as coisas de esporte e a coberta azul – sabendo que esse era o *seu* quarto, o que me levava a pesquisar ainda mais.

Eu acabei caindo num site chamado „*As Casas mais Mal-Assombradas de New England*“. Eu rolei a página e vi a foto da minha casa. Era basicamente a mesma coisa de agora – mesma cor marrom, mesmos degraus de madeira, mesma caixa de correio de metal – exceto que a árvore agora era muito mais alta. E a janela do segundo andar – a do meu quarto – deixou de estarem tapadas.

Isso seriamente me deu arrepios.

Eu tentei em outros sites, procurando por fantasmas e assombração, casando todos as informações – desde casos como Elvis, Marilyn Monroe, e Kurt Cobain e seus corpos assombrados – até eu finalmente encontrar algo útil.

Esse website falava sobre assassinatos em geral, afirmando que fantasmas se formavam porque eles não conseguiam passar, porque eles tinham negócios inacabados. Eles sinalizavam que havia pessoas com senso extra-sensorial, algo capaz de captar as pontas soltas.

Então eles finalmente podiam ir embora.

Um estranho nó se formava em meu peito apenas pensando sobre isso. Eu digo, incluindo a vez que eu tive algo com a Emma, eu nunca tinha pensado sobre eu mesma sendo ou possuindo poder extra-sensorial, nem mesmo poderes super-natural.

“Brenda?” meu pai chamou, abrindo um pouco a porta do meu quarto. “Você está ok? Você está aqui a tarde toda. Eu vim perguntar se você não quer assistir um jogo juntos.”

“Porque vocês não me contaram?” eu disse, fazendo meu melhor para não hiper-ventilar.

Ele abriu a porta toda. “Contar o *quê?*”

“Que aqui teve um assassinato, que um rapaz foi morto aqui há vinte anos atrás.”

“Desde de quando você acredita em fantasma?”

“Desde que Emma morreu,” eu disse, sentindo minha mandíbula enrijecer.

Ele olhou pelo corredor, checando se minha mãe não estava escutando. “O jantar sai em meia hora,” ele disse tentando me ignorar.

Isso era uma regra não falada em nossa família que nós não devíamos falar sobre Emma. Desde que ela tinha falecido há cinco anos atrás, era como se ela nunca tivesse existido. Meus pais tinham tirado os móveis e limpado o quarto dela e transformado em um escritório – um que nunca foi usado. Todavia, minha mãe se doou ao seu trabalho na fábrica de doces, fazendo qualquer coisa que ela pudesse, assim ela não precisava pensar. Ou gastando tempo em casa. Onde tudo seria apenas adormecer.

Isso tinha melhorado ao longo dos anos, mas minha mãe nunca mais tinha sido a mesma.

E eu suponho que nem eu, também.

Parte de mim se culpava pelo acidente de Emma. Ela tinha pedido emprestado meus patins no dia que ela se acidentou. Mas eu disse não. E então Emma pegou a bicicleta para ir ao parque e atravessou sem olhar

para os dois lados.

Ela nunca voltou para casa.

“Eu fiz uma pergunta,” eu disse, observando duramente o rosto dele. Meu pai se recusava a me olhar nos olhos.

“Esta é uma boa casa com boas pessoas nela,” ele disse, falando para as paredes. “Fim da história.”

“Não é o fim da história.” Eu balancei minha cabeça. “Porque você não me disse? Vocês não acharam que eu ia descobrir ou qualquer coisa assim?”

“Nós não acreditamos em fantasmas,” ele sinalizou.

“Não,” eu disse, devolvendo. “*Você* não.”

“Jantar em meia hora,” ele repetiu, fechando a porta atrás dele.

Eu disse que não estava com fome, mas eu acredito que ele não me ouviu.

Porque ele já tinha deixado o quarto.

Capítulo Seis

Até eu finalmente cair no sono na noite passada, eu fiquei horas fazendo mais pesquisas online. E aprendendo mais sobre Travis.

Sobre sua paixão pelo hockey e todos os prêmios; como ele amava acampar, mesmo com o tempo ruim. E como ele lidava com uma grande perda, também..

Seu pai tinha morrido de uma falha no coração quando Travis tinha apenas sete anos, deixando ele completamente devastado.

A idéia toda da coisa – de como Travis parecia humano nos artigos e depoimentos, e como isso nos fazia ter algumas coisas em comum – isso me mantinha sonolenta em todas as minhas aulas, minha mente vagava com questões.

Mas, agora, no fim do dia escolar, eu estava exausta. Mesmo o assento de vinil craquelado do ônibus estava cozinhando. Eu me joguei num dos bancos do fundo e fiquei próxima da janela, esperando o motorista anunciar meu ponto.

E então eu senti alguma coisa respirando no meu ombro. Eu me virei.

Era ele, sentado num banco atrás de mim – *Travis*.

“Olá, Brenda.” Seus pálidos olhos azuis fixados em mim. O ferimento em sua testa não estava presente agora.

Minha boca estava escancarada, surpresa de como bem ele parecia, a amplitude de seus ombros e a intensidade de seu sorriso. Eu olhei em volta, querendo que mais alguém estivesse vendo ele, mas parecia que apenas estávamos sozinhos, aparentemente todas as outras crianças já tinham saído em seus pontos.

Ele se encosta na parte de trás do meu assento e descansando as mãos perto da minha cabeça, revelando os músculos de seu antebraço e a cicatriz em seu polegar. “Você tem feito pesquisas sobre mim,” ele disse.

Eu concordei e tirei minha mão, com medo que ele pudesse me agarrar, como nos sonhos.

“Você achou o que anda procurando?” ele continuou.

Eu balancei minha cabeça, sabendo que não tinha. Quando Emma apareceu para mim naquele dia, ela tinha uma coisa em mente: dizer adeus. E não tinha idéia do que Travis queria.

“O que você quer?” eu perguntei, maravilhada como isso era possível, como ele podia estar sentado aqui agora.

Ele sorriu como se pensasse sobre minha confusão. “Primeiro,” ele disse, chegando bem mais perto, “O que eu *não* quero é machucar você. Mas eu preciso de sua ajuda.” suas mãos agarraram o assento atrás de mim, ficando próximo de mim novamente. “Eu não posso forçar você a ficar comigo em seus sonhos; isso obviamente não funciona e eu fui estúpido de tentar.” Ele olha para meu pulso. “A verdade é que eu preciso que você queira ficar comigo, queira me ajudar e me escutar. Eu não estarei pronto para descansar até que você esteja.”

Eu dei uma profunda respiração, pensando sobre minha irmã, Emma. Em alguns dias, eu não descansava, também.

Travis olhava intenso, continuando a me estudar. “Eu poderia ajudar você, também, você sabe.”

“Eu não preciso de nenhuma ajuda,” eu disse, minha voz tremia com as palavras.

“Não de todo?”

Eu olhei para longe, evitando a questão, sentindo seu o calor da sua respiração em meu queixo. Ele tinha cheiro de maçãs assadas.

Um segundo depois, o ônibus chegou na minha parada.

Travis colocou sua mão sobre a minha, fazendo meu coração correr dentro do meu peito.

“Você irá me ajudar?” ele perguntou.

Meus lábios tremeram, seu tom não era urgente. Parte de mim queria dizer sim para ele; outra parte queria acordar desse sonho e nunca mais dormir de novo.

“Saindo?” o motorista perguntou.

Eu encontrei os olhos de Travis, observando ele me olhar, focando tudo, seus lábios pálidos e a tensão em seu pulso.

“Ooolllllllláááááááá?” o motorista gritou.

Um momento depois, eu senti meu corpo em choque. Eu relutantemente abri meus olhos, somente para encontrar uma menina de cabelos loiros cacheados com grossos óculos verdes olhando para mim, me balançando para me fazer acordar. Todos do ônibus olhavam para mim - devia ter umas vinte crianças. O motorista olhou na minha direção pelo espelho retrovisor. “Saindo?” ele repetiu.

Eu concordei, agarrei meus livros e corri porta afora.

Capítulo Sete

Mais tarde, em casa, eu tentava cair no sono, para ver onde meu sonho me levaria, mas a visita de Travis tinha me deixado mais acordada do que nunca. E contudo, fisicamente, eu me sentia exausta.

No café da manhã da manhã seguinte, minha mãe me serviu um amontoado de pilhas de panquecas, insistindo que eu precisava comer, e que minha pele pálida e as olheiras em meu rosto estavam deixando ela e meu pai preocupados.

Mas depois de só ter dormido duas horas na noite, eu não tinha apetite, e então eu as coloquei em meu prato entupido com litros de xarope, incapaz de tirar minha mente de Travis.

E incapaz de ficar acordada.

Finalmente, depois de três mordidas e um bom quinze minutos de brincadeira com o xarope, eu me retirei da mesa e subi as escadas até o banheiro. Eu fechei e tranquei a porta atrás de mim, sentindo um calafrio nos meus ombros.

Não era como se não estivesse estado aqui antes. É que desde que eu descobri o que aconteceu na casa, eu estava evitando aqui como se o local tivesse um tipo de praga, optando pelo banheiro do andar de baixo.

Eu olhei em volta, desejando que parecesse como há vinte anos atrás. Como eram as cores das paredes? Como eram os pisos de cerâmicas? O mesmo misturador de cobre?

E sobre a tubulação?

Eu olhei para baixo, meu coração batia tão alto que eu quase podia ouvi-lo em meus ouvidos. Imagens do dia de vinte anos atrás apareciam em minha mente – nunca tinha estado aqui, eu nem tinha nascido ainda. Eu podia ver a figura de Travis e sua surpresa quando o pé-de-cabra veio contra ele. E eu o vi indo para trás, batendo a cabeça, contra a tubulação de ferro fundido.

Eu me virei, resistindo a urgência de ficar doente e percebendo como eu ficava fria. A temperatura no banheiro tinha descido para dez graus.

“Brenda?” minha mãe me chamou, batendo na porta. “Você está bem?”

“Bem,” eu disse, observando o radiador, desejando que isso funcionasse direito.

“Você quer mais panquecas?” ela perguntou.

Eu disse que não queria, confusa que ela tivesse perguntado, ela não tinha percebido meu prato não

terminado?

Eu me mexi pelo banheiro checando a temperatura, passando minhas palmas pelo radiador. Mas tudo que eu sentia era frio – o frio gelado do radiador penetrava em meus ossos e deixava minha pele com coceiras.

Ao mesmo tempo, alguma coisa tocou minhas costas e subiu pela minha coluna. Devagar, eu me virei. Mas não tinha ninguém – ninguém perto da pia ou na banheira, mesmo assim tinha a sensação de que alguém me observava.

“Mãe?” eu chamei, desejando que ela estivesse do outro lado da porta.

Ela não respondeu.

Eu me virei procurando, dizendo a mim mesma que era apenas a minha imaginação e que eu precisava manter o controle

O radiador estava tão frio como o banheiro. Eu me abaixei e coloquei meu ouvido contra ele. Eu queria ver se eu podia ouvir a pressão de calor elevando-se através da canos, mas estava tudo muito quieto.

Um momento depois, eu estava parada perto do radiador. Algo chamou a atenção, talvez um cordão. Eu tentei pegar com meus dedos, mas eles estavam fora do alcance.

“Brenda,” minha chamou, de trás da porta novamente.

Eu dei um suspiro profundo. O cheiro de maçãs assadas estava no ar. “Travis?” eu sussurrei.

“Brenda,” minha mãe repetiu. “Se levante AGORA!” Ela encostou alguma coisa dura perto da minha cabeça. O

impacto do nariz me fez acordar.

Eu não estava no banheiro. Eu estava na cozinha, na mesa, e minha cabeça estava cheia de restos de guardanapos.

Existia um prato de panquecas estava na minha frente. “Me desculpe,” eu disse, tirando a cabeça da mesa. Minha mãe estava perto de mim, com a frigideira na mão - obviamente o que ela tinha usado para me acordar. “Eu devo ter caído no sono.”

“Seu pai e eu estamos muitos preocupados com você,” ela disse.

“Me desculpe,” eu repeti.

“Você está usando drogas?” sua boca era uma linha fina, cheia de raiva.

Eu balancei minha cabeça, muito cansada para discutir sua estúpida teoria. Imediatamente, eu peguei uma faca de manteiga, e me retirei da mesa – desta vez *real* – e subi para o banheiro de cima.

O radiador de ferro está em plena vista. Exatamente como no meu sonho, tinha sido pintado de prata, mas ainda dava para ver o verde manchado embaixo da onde estava descascando. Eu me aproximei devagar, sentindo o frio no banheiro, sentindo o frio em meus braços. Eu me abaixei e espio o radiador.

E então foi quando eu vi – o cordão dos meus sonhos.

“Brenda?” minha mãe me chamou, abrindo a porta. “O que está acontecendo?”

Minha boca tremia semi aberta, mas as palavras não saíram.

Seus olhos pareciam flechas, observando a faca na minha mão. “O que você está fazendo?”

“Eu deixei cair meu cordão,” eu disse, finalmente.

Ela concordou, mas eu não podia dizer se ela acreditou em mim. No entanto, ela me deixou sozinha, comentando sobre como o banheiro estava frio e dizendo que ela precisava checar o termostato debaixo das escadas.

Demorou algum tempo, mas eu estava apta para trabalhar no cordão, tirando do radiador usando minha faca de manteiga.

Era de prata esterlina com um pingente em forma de coração. Eu deslizo meus dedos por ele, percebendo como o fecho está apertado, mas as ligações estavam quebradas. As iniciais estavam gravadas em bonita caligrafia.

Meu coração acelerou, revendo todos os artigos online. O primeiro nome da sra. Slather era Jocelyn.

Isso tinha pertencido a ela.

Capítulo Oito

No sábado a noite, Craig e Raina me levaram por um tour na cidade, que consistia dirigir pela sorveteria/pizzaria da rua Principal, o cabeleireiro onde Craig cortava o cabelo, e uma mercearia que vendia de tudo. Nossa última para foi na cafeteria, que, de acordo com Raina, era o lugar mais imperfeito na cidade.

Super-exausta, eu pedi um expresso duplo com extra creme.

“Tá brincando?” Raina perguntou. “O cartaz diz *Stanley's*, não Starbucks. Só há um tipo de café aqui.”

Nós terminamos com um xícara regular, e então Raina nos levou para o canto.

“Então, o que está acontecendo para precisar de velocidade?” ela perguntou.

“Desculpe?”

“Um *expresso duplo com creme extra*?” Ela levantou sua sobrancelha com curiosidade. “Eu pensei que o problema fosse que você não está conseguindo dormir. Como um combustível de foguete, eu ficaria saltando todas as noites em meu quarto.”

“Agora existe um sinal sobrenatural,” Craig disse.

Tomei um gole da minha saborosa xícara, sabendo que eu precisava dormir, mas parte de mim ainda tinha medo do que veria, o que significaria. E, ainda, desde meu sonho no ônibus no outro dia, desde minhas pesquisas sobre Travis, eu não podia ajudar mas eu desejaria vê-lo outra vez.

Se ele pudesse pegar na minha mão.

E fazer meu coração acelerar.

“Isso é fácil, não?” Craig perguntou. “Dormir num lugar novo, eu digo.”

Eu dei de ombros, pensando sobre o cordão que eu achei. Eu tinha escondido nos meus velhos tênis no meu armário, perto dos meus patins – os que eu não tinha visto desde que Emma morreu.

Eles devem estar uns três números menores agora, eu tinha mantido os patins desde aquele dia, incapaz de deixar ir embora o que aconteceu.

“Eu estava falando com meus pais sobre sua casa,” Craig continuou. “Falando sobre esse assunto... meus pais tem vivido aqui desde que nasceram. Mas a história do assassinato... é atualmente muita coisa para

pensar.”

“Mais triste que uma sangrenta banheira.” Raina perguntou.

Craig concordou. “Acontece que Travis estava tentando manter a mãe bem naquele dia. Aparentemente, ele veio para casa e viu o namorado da sua mãe indo para ela com seu pulso. Travis tentou distrair o cara usando a si mesmo como isca. Quando sua mãe ligou para o 911, ela não conseguiu falar. Ela estava muito assustada com o que o namorado podia fazer com ela, eu acho. Ela acabou indo se esconder no armário debaixo da escada porque ela não pôde ficar ouvindo os gritos de seu filho.”

“Parece uma boa moça,” Raina disse.

Craig ignorou. “Eu acho que ela perdeu muito depois daquilo. Ela culpou ela mesma. É o que todo mundo diz.”

“Onde ela está agora?” eu perguntei.

“Ela está pirada, também,” ele disse. “Ela mora em um dos condomínios perto do lago. Foi o que meus pais me disseram.”

“Melhor você parar,” Raina pediu. “Você está começando a parecer um pirado.”

“Melhor parecer como um do que se vestir como um,” ele disse, fazendo gestos para sua camiseta. Tinha um gigante tubarão, o mascote da escola, nadando acima das palavras 'Addison High Bites'.

“Eu sonhei com ele,” eu soltei, pondo um fim na discussão.

“Você sonhou com *quem*?” Raina perguntou.

“Travis Slather.”

“Um, o que você está falando?” Craig perguntou.

Eu dei um gigante suspiro e contei tudo: como começou com apenas a voz dele; como eu acordei com machucados inexplicáveis; e então como ele tinha aparecido para mim, recentemente, me pedindo ajuda.

“Eu disse que aquele lugar ia te deixar doida,” Raina disse.

“Mas talvez você esteja sonhando com ele devido a tudo que você ouviu,” Craig disse. “Eu digo, eu provavelmente estaria tendo pesadelos, também.”

“De jeito nenhum,” eu disse. “Eu comecei sonhar com ele antes de saber sobre o assassinato, antes de eu saber que a casa era assombrada.”

“Então, como você supostamente vai ajudar ele?” ele perguntou.

“Eu não sei.” Eu balancei minha cabeça.

“Bem, ele era gato afinal?” Raina sinalizou. “Porque eu ouvi que ele era quente.”

“E aqui vamos nós.” Craig rolou os olhos.

Mas eu não pude deixar de sorrir ao comentário dela. Eu fiz o melhor para parar, mas o sorriso em minha cara e isso deixava minhas bochechas vermelhas.

Porque o garoto era *quente*.

Porque parte de mim não podia esperar para vê-lo novamente.

Capítulo Nove

No meu quarto, eu troquei para meus pijamas – uma camisa gigante de esporte com um short de flanela – e tomei um copo de leite quente para poder dormir. Antes de eu ir para cama, eu abri minha janela, apreciando a gelada, fresca brisa entrar no quarto.

O céu parecia maravilhoso com uma lua cheia e estrelas. Eu abri as cortinas, fazendo o meu melhor para relaxar minha mente pensando em coisas simples, como o jogo de hockey de amanhã e pão de canela para o café da manhã, e meu pulso acelerou e eu me senti tonta.

Porque tudo que eu pensava era em Travis.

Eu dei um profundo suspiro e espirei uns cinco minutos inteiros, tentando me manter calma, mas quando eu me virei, ele estava sentado no canto da minha cama.

“Olá, Brenda,” Travis disse. “Você estava esperando por mim, não?”

Eu concordei. Meu rosto pegava fogo.

“Bom, porque eu estava esperando você, também.” Ele levantou e estendeu sua mão para mim.

Eu peguei e ambos ficamos ali, parados um na frente do outro. “Eu quero ajudar você,” eu disse, nada de calor em suas mãos.

“Você tem certeza?”

Eu concordei novamente e levantei meu olha para sua testa onde o ferimento deveria estar.

“Ainda está ai,” ele disse, esfregando a mancha. “Mas não é exatamente bonito, então eu meio que escondi – uma das coisas de ser um fantasma.” Ele sorriu, tentando fazer graça sobre isso.

“Isso ainda machuca?”

Ele concordou, colocou minhas mãos entre as suas e transformou meu interior. “Ela não irá se curar até que eu faça.”

“Eu andei pensando,” eu disse, ansiosa para mostrar a ele o cordão. Eu me movi para meu armário e abri a porta.

Meus patins estavam à vista.

Eu dei um passo para trás, minha mão tremia. Minha boca estava seca. Normalmente, eu mantinha

meus patins num saco de papel, escondido bem atrás.

“Como eles vieram parar aqui?” eu suspirei.

“Brenda?” Travis chamou. “Você está bem?”

Eu balancei minha cabeça, pensando em como isso aconteceu. Teria minha mãe arrumado meu armário enquanto eu não estava? Meu pai tinha vindo olhar por aqui?

Travis veio e colocou seus braços em meus ombros por trás. “São apenas patins,” ele disse.

“Não,” eu disse, sentindo meus olhos se encherem. “Você não entende.”

“Eu entendo,” ele suspirou. “Eu entendo um monte de coisas mais do que você pensa. E eles são apenas patins. Eles não são *ela*. Eles não representam ela.”

“Você fez isso?” eu pergunto, me virando para ele.

“Não fique chateada.” Ele enxuga minhas lágrimas com sua manga. “Eu apenas quero que você seja feliz.

Sua irmã gostaria disso, também. E você não será feliz enquanto esconder o passado num saco de papel.

Pense nos bons momentos que teve com sua irmã quando se lembrar dela. Não pense nos patins.”

“Como *voce* sabe o que minha irmã quer?”

“Eu penso que seja por experiência própria,” ele disse.

Eu queria ficar furiosa com ele, mas não consegui. E quanto mais louco isso soava, mas eu sentia que precisava chorar. Depois da morte de Emma, eu não podia mostrar qualquer emoção, e agora isso parecia grande demais para guardar.

Travis me segurou por tanto tempo quanto precisei, até todas as minhas lágrimas por Emma secarem.

“Obrigada,” eu disse, secando meus olhos, tentando me recompor.

“De nada.” Ele sorriu e pegou minha mão, deu um apertão, então se moveu passando por mim indo para o armário.

Ele pegou o cordão dos meus antigos tênis. “Eu vi que você escondeu ele aqui,” ele disse. “Eu dei isso para minha mãe no Dia das Mães. Eu ainda lembro daquela manhã. Eu tentei fazer torradas francesas, mas eu deixei queimar e ficaram mais como roscas estranhas. Nós acabamos comendo sucrilhos.” Ele riu e ficou passando o polegar pelo pingente em formato de coração. “De qualquer forma, eu dei isso a ela, junto com

um buquê de flores silvestres. O dia em que fui morto, o bastardo arrancou o cordão do pescoço dela e jogou pelo banheiro. Ele ficou preso no radiador, mas ela nunca foi capaz de achá-lo.”

“Me desculpe pelo que aconteceu com você.”

Ele deu de ombros. “É a vida, eu acho. Não há garantias. Como meu pai... pelo que todo mundo sabe, ele estava em perfeita saúde. Mas, então, um dia, ele apenas nunca mais voltou para casa.”

Eu concordei, pensando como tinha acontecido com Emma, também. “Você gostou de sua vida apesar de tudo?”

“Teve seus momentos.” Ele sorriu e seus olhos se prenderam aos meus. “Eu só tive um pesar.”

“Qual foi?”

“Não ter vivido o bastante para dizer a minha mãe que o que aconteceu não foi culpa dela. Eu parei para ajudar ela – para distrair aquele idiota dela – porque eu queria. Foi minha escolha.”

“Mas você só tinha dezessete.”

“Eu sei.”

“E você não está com raiva afinal?”

Ele deu de ombros de novo. “Que bem isso faria? Minha mãe fez o melhor que ela pôde, mas ela não era uma mulher forte. Eu sabia disso. O namorado dela sabia disso, também. Isso era porque ele tratava ela tão mal. Mais, você podia totalmente mudar as coisas e dizer que foi minha culpa. Se minha mãe fosse capaz de fazer a coisa certa, talvez, eu poderia ter feito algo com ele antes que qualquer coisa acontecesse.”

“Eu acho,” eu disse, desejando que ele pudesse esquecer.

“Entretanto,” ele continuou, “a vida é muito curta para viver com toda essa culpa. Isso é o que minha mãe está fazendo agora, mesmo depois de vinte anos. E é o que você está fazendo, também, não é... com Emma?”

Eu dei de ombros e olhei em volta. “Como você sabe tanto de mim?”

“Eu estou dentro dos seus sonhos, lembra? Eu sei tudo sobre você.”

Eu concordei, percebendo que *isso* era um sonho, e que eu teria de em algum momento acordar.

“Então, você ainda vai me ajudar?” ele perguntou, despejando o cordão na minha mão. “Você poderia entregar isso a ela? Poderia dizer a ela não se culpar pela minha morte?”

“E o que acontece então?” eu perguntei.

Travis mordeu seus lábios e tocou meu rosto. Seus dedos pareciam veludo contra minha pele. “Eu estarei apto para passar.”

“Isso é o que eu penso,” eu disse, tendo a minha voz soado com desapontamento.

“Mas eu quero passar mais tempo com você antes.” Ele correu os dedos em minha mandíbula. “Eu quero ver você o quanto eu puder antes do tempo acabar.”

“E quando ele *acaba*?”

Ele tirou uma mecha do meu cabelo do meu rosto e chegou mais perto, seus lábios estavam em frente aos meus. “O

que quer que você faça,” ele sussurrou, ignorando a questão, “não acorde agora.”

Um momento depois, e senti o beijo. Ele fazia pressão na minha boca e fazia minha pele chiar. “Nós não temos muito tempo,” ele disse, uma vez que o beijo tinha terminado. “Você vai acordar a qualquer momento. Eu posso sentir isso.”

“Então o que agora?”

“Agora eu vou ficar enquanto eu ainda puder.”

Nós ficamos na minha cama, Travis me mantendo em seu abraço. Eu tentei me manter sonolenta, para prolongar o momento tanto quanto eu pudesse. Mas sons de pássaros lá fora me despertaram.

Eu rolei pela minha cama procurando ele. O cordão de sua mãe estava no travesseiro ao meu lado. Mas Travis não estava em nenhum lugar.

Capítulo Dez

Passei os próximos vários dias dormindo sempre que podia - bebendo lotes de leite quente, coisas descafeinadas, e reduzi a minha ingestão de açúcar, carboidratos, e qualquer outra coisa que possa me manter acordada. Raina me diz que ela pode ver a diferença, mas atribui estar maquiada e não ao fato de que ia para cama mais cedo cada noite, tendo cochilos durante o dia.

E vendo Travis.

Nos meus sonhos, Travis e eu conversamos sobre tudo - sobre o seu filme favorito dos anos 80 (*De Volta para o Futuro* e *Curtindo a Vida Adoidado*), como eu gostaria de começar a nadar de novo, e como ele perde o tato com o gelado do sorvete. Nós adoramos falar sobre música e lugares que já visitou. E os lugares que ele nunca pôde ver.

Nós até falamos Emma.

Embora os meus pais não me permitam dizer o nome dela, Travis escuta eu falar sobre o dia do acidente de Emma, os seis meses que se seguiram, enquanto ela estava em coma, e o dia que ela morreu, quando seu fantasma apareceu para mim.

"Eu penso sobre ela o tempo todo", eu digo em nossa última noite juntos. "Eu me pergunto o que ela desejaria ser agora, se nós seríamos amigas, e se eu ia ensinar coisas como fazer doce de manteiga - minha especialidade - ou como fazer armadilha e driblar no campo de hockey. Só espero que ela está feliz... onde ela está."

"Ela é", diz ele, puxando-me perto. "Não há necessidade de sentir mal por nada."

"Tem certeza?"

Ele rompe o nosso abraço ao olhar para mim. Ele segura meu rosto e olha nos meus olhos. "Mais do que certo."

"Não quero perder você", eu digo, lutando contra o desejo.

"Ainda há o agora", diz ele. "Portanto, não acorde."

"Vou fazer o meu melhor."

Nós acabamos tendo um passeio pela lagoa, onde ele e o pai costumavam ir pescar. Travis escolhe um local próximo à água e estende um grosso cobertor. Sentamo-nos um de frente ao outro, mãos e pernas

entrelaçadas.

"Eu desejo que você pudesse ficar", eu sussurro.

Travis entrelaça seus dedos com os meus, enviando quentes e picantes sensações as minhas costas. "Eu sempre estarei com você", diz ele.

"Mas não como agora. Eu não serei capaz de ver você."

"Não seria justo eu ficar. Você tem sua própria vida para viver."

"Bem, talvez eu quero vivê-la com você."

Ele sorri e encosta sua testa contra a minha. E então ele me beija e o gosto de cidra de maçã quente invade minha boca. "Eu vou estar sempre com você", ele repete, sussurrando em meu ouvido. "Só nunca diga adeus".

Eu descanso minha cabeça contra seu peito enquanto lágrimas rolam pelo meu rosto.

Continuamos à espera e beijando um ao outro, até o sol subir e despejar seus raios dourados na água... e eu acordei.

Capítulo Onze

Raios do sol atravessavam a minha janela do quarto. Eu me escondi dele e rolei sobre a cama, pensando por que razão o meu despertador não tocou, especialmente porque hoje é o dia que eu tenho planeado para ver a mãe do Travis.

Cerca das dez, Craig chega para me buscar. Ele se voluntariou para me levar ao condomínio da sra. Slather.

A poucos dias atrás, eu disse a ele e Raina a história completa, sobre o colar, sobre a minha irmã, Emma, e como a minha relação com Travis passou de zero a sessenta em menos de um semana.

"Você está nervosa?" Craig pergunta, parando em frente ao lugar.

Estamos em um desses condomínios, onde todas as unidades, incluindo as dependências circunda eles, são perfeitos. A da sra. Slather é uma das últimas. Há um carro estacionado com manchas de ferrugem na frente e alguns jornais sobre o seu tapete de bem-vindos.

"Você quer que eu vá com você?" Craig pergunta.

Eu agitar a minha cabeça e saio do carro, o colar pressionado minha palma. Há dez degraus até sua porta. Eu subo sobre eles lentamente, tentando me acalmar, abrandar as batidas do meu coração.

No oitavo degrau, eu paro e olho para trás para o carro de Craig. Ele levanta o polegar para cima e eu continuo, grata que ele está aqui. E que eu tenha chegado tão longe.

Meus dedos agitando ligeiramente, dou uma respiração profunda e continuo até a porta. Finalmente, toco a campainha. Eu posso ouvir alguém se mexendo no interior. A porta abre um segundo depois.

"Posso ajudar?" Pergunta a mulher.

Ela é mais velha do que eu imaginava, talvez na casa dos sessenta, com cabelos prateados e uma boca torta.

"É Jocelyn Slather?" pergunto, ouvido o palpar na minha voz.

"Quem é você?" Seus olhos azuis minúsculos estreitos sobre mim. As profundas linhas de expressão como se fossem membros.

"Eu acho que tenho alguma coisa sua", eu digo, ignorando a questão.

Sua boca se fecha em uma carranca. "E eu acho que você tem a pessoa errada."

Ela vai fechar a porta, mas eu sou capaz de detê-lo pondo meu pé na porta. Eu suspeno o colar na frente de seus olhos.

"Onde você conseguiu isso?" Ela olha além, em direção a rua, para ver se eu estou sozinha.

"Travis queria lhe dar isso."

"Quem é você?", Ela repete.

"Sou uma amiga do seu filho."

"Bem, meu filho está morto." Ela vai fechar a porta novamente, mas meu pé ainda está no caminho.

"Por favor", eu digo. "Quero dizer, eu sei que parece loucura, mas me escute. Eu tenho sonhos sobre ele."

Ela sacode a cabeça e me deixa na porta, diz para eu ir ou vai chamar a polícia.

"Espere", eu insisto, mantendo a porta aberta.

A mãe do Travis pega o telefone e clica as teclas.

E assim eu conto sobre ele, despejando fora todos os detalhes que Travis me disse sobre o Dia da Mãe e da torrada francesa, como é que ele lhe deu flores silvestres, como o colar foi rasgado de seu pescoço. "Ele foi lançado pelo banheiro", eu lhe disse. "Você procurou ele por toda parte, mas não podia encontrá-lo. Estava no radiador."

Sra. Slather para de discar e abaixa o telefone. A mão dela treme sobre sua boca.

"Ele quer que você saiba que ele não te culpou por sua morte," eu continuo.

"Como você sabe tudo isso?", Indaga, vindo em minha direção de novo.

"Eu sonho com ele," eu repito, segurando o colar para ela.

Ela pega e tenta dizer algo. Sua boca move-se para formar palavras, mas nada sai.

"Eu sei que não faz sentido", eu digo, "mas talvez não precisa. Talvez a única coisa que importa agora é que você parar de viver uma vida de culpa."

E talvez eu vá fazer o mesmo.

Capítulo Doze

É sábado à tarde, completa três semanas desde a minha visita à Sra. Slather.

E completa três semanas desde que eu vi Travis.

Estou sentado na Cafeteria Stanley com Craig e Raina, uma grande xícara posicionada sobre a mesa em minha frente, uma vez que, curiosamente, o desejo de café do Stanley está realmente começando a crescer em mim.

"Então, como você está segurando?" Craig indaga. Eu dou de ombros, tentando o meu melhor para ficar otimista. A verdade é que, com a ausência de Travis dos meus sonhos, minha vida aqui ficou mais gostosa -

não como a xícara do Stanley.

É estranho, mas meio que se mudando por todo o país – longe de todas as coisas de Emma - trouxe-a para mais perto. Apenas ontem, quando fui fazer pudim na cozinha, eu disse acidentalmente o nome de Emma na frente de meus pais - uma vez que Emma e eu brigávamos para ver quem iria lambe a colher, a tigela, e o batedor - nenhum deles comentou comigo. Eles apenas trocaram um tipo de olhar e, embora eu não apostaria a minha vida, eu estou bastante certa que vi um minúsculo sorriso nos lábios de minha mãe.

Para ela – e eles - é enorme.

Em seguida, cerca de duas semanas e meia atrás, eu abri o meu armário para olhar os patins, para realmente vê-los em cinco anos - branco com listras vermelhas correndo para baixo e para os lados, prendedores rosas brilhantes, e um gigante arranhão na frente de quando eu fui tentar fazer uma rodada.

Eu levei-os para fora e deixou-os na minha mesa, para eu ser forçada a olhar para eles o tempo todo. Após alguns dias, a ansiedade passou e tornaram-se apenas patins. Nada mais. E assim acabei doando-os a Goodwill, optando por lembrar da minha irmã em todos os nossos doce de manteiga e os tempos que fizemos fortes de cobertor na sala de jantar.

"Você está parecendo muito melhor", diz Raina, reposicionando uma das muitas presilhas que adornavam o cabelo dela. "Quero dizer, eu estava considerando seriamente uma internação numa clínica para você."

"Bem, obrigado", eu digo, olho meu reflexão no espelho da parede atrás dela. Tendo finalmente conseguido dormir, não sou mais um zumbi. As veias vermelhas tinham ido embora dos meus brilhantes

olhos verdes.

Assim, minha cansada e pastosa compleição; minha pele parece, ousado dizer, brilhante, em comparação com apenas um mês atrás. E assim é que o meu cabelo - deixou de ser como uma cascata de fada estranha que pendurava sobre o meu rosto. Agora parece radiante.

"Portanto, é seguro para assumir a sua casa é uma zona livre de fantasma agora?" Craig sorri, expondo o-tão-adorável vazio entre dois dentes da frente.

"Bem, eu não iria tão longe," Eu digo, olhando para baixo em meu punho, onde o machucado foi finalmente curado. "Quero dizer, às vezes, quando eu menos espero, tenho uma dica de um ele - vibração, um sentimento, uma lufada de seu perfume picante."

Tal como no outro dia quando fui acordar, eu poderia ter jurado que senti alguém fechando minha mão.

Poucos dias antes, quando fui me vestir, eu pensei que eu detectei um bastão de hockey contra a parede, mas, quando eu olhei para trás, ele tinha ido embora.

"Então, ele ainda está ao redor," diz Craig, tentando ser claro.

"De alguma forma, eu acho, ele sempre estará."

"Isso é totalmente quente." Raina agarra um pacote de açúcar e faz tentativas de se engraçar com ele.

"Qualquer chance dele ter disponível um amigo morto?"

Eu dou uma risada, pensando se Travis me vigia agora, se ele está feliz onde está.

E se seu coração dói, também.

"Você deve ir totalmente em um desses shows de caçar fantasmas", diz ela. "Você sabe... o tipo em que o vidente ajuda a solucionar crimes e coisas assim."

"Tenho dificuldade psíquica."

"Bem, e do que mais você pode chamar? Depois do que ouvi, não era exatamente um meio para se comunicar com os mortos - muito menos de fazer com eles. Como foi que, a propósito?"

Eu abro sorriso, apenas ao pensar nisso. Sobre ele. Nosso último beijo em frente ao lago, os nossos dedos entrelaçados, e nossos lábios derretidos juntos.

"É bom, né?" Raina pergunta, pisca para mim. "Preciso de um fantasma - rápido."

"Certo", Craig diz, "porque ninguém com um pulso seria possivelmente um encontro para você."

Enquanto eles continuam a brigar, eu encosto no meu lugar, percebendo o súbito calor na minha palma.

E o cheiro de maçã assada à minha volta.

Abominável Mundo Perfeito

SCOTT WESTERFELD

Capítulo Um

Como a maioria dos dias, eu estava apenas matando tempo na Aula de Escassez.

Ela não era um curso verdadeiro com notas e tudo, então apenas os mais patéticos nerds trabalharam duro nisso. O resto de nós simplesmente não aparecia e tentava adormecer. Ninguém queria *deixar*, é claro, porque isso significava repetir: outro longo semestre assistindo todo aquele povo antigo faminto e doente. Pelo menos a história tem batalhas regulares; Escassez era apenas deprimente.

Então, enquanto eu caminhava e vi o que Sr. Solomon tinha escrito no antigo negro, eu gemi em voz alta.

PROJETOS FINAIS HOJE.

"Esqueceu algo, Kieran?" Isso era Maria Borsotti da mesa ao meu lado, o seu caderno com papel antigo fora e pronto para ser escrito.

"Isto *não* é justo," eu disse, caindo em meu lugar. Atribuições era suposto aparecer no headspace⁴ automaticamente. Mas uma das regras da Aula de Escassez era que todos os meios de tecnologia eram desligados. Tal como os nossos miseráveis, doentes antepassados, tínhamos de confiar nas nossas próprias mentes, ou, como no caso de Maria Borsotti, nos cadernos sobre a mesa.

Aprenda a escrever à mão? Para uma passar / falhar numa classe? Como um nerd.

Eu *pretendia* colocar um lembrete para mim mesmo. Os projetos eram os primeiros a chegar, os primeiros-flagelos (Humor de Escassez = hilariante), para a maioria das pessoas teriam ido direito ao headspace no momento que aula havia terminado na sexta-feira, correndo para olhar sobre o assunto mais fácil para ninguém pegar antes deles.

Nós deveríamos "encarar" algum tipo de feito antigo, gastar as próximas duas semanas sendo cego ou qualquer disso. Isso iria nos ensinar que as coisas eram realmente como nos velhos tempos, como se uma hora da aula de Escassez todos os dias não foi suficiente deprimente.

Mas eu tinha sido distraído por Barefoot Tillman, que desejava ir depois da aula em algum acampamento de viagem para Antártica. É difícil dizer não a Barefoot - quem tinha quase dois metros de altura e estava entre as mais bonitas da escola. Depois de conversar sobre roupas e pingüins com ela, eu tele-transportei diretamente para minha escalada nos Alpes. Isso foi o início de uma semana ocupada sem peste ou guerras ou qualquer coisas: shopping com a minha mãe na lua, atuar no headspace no trabalho de teatro

(minha turma estava fazendo *Hamlet*), e gastando todo o domingo construindo minha Habitação Pólo Sul para Engenheiros Avançados. A única Escassez de tempo que tinha criado na cabeça foi quando meu amigo Sho e eu estávamos em algumas batalhas e eu estava como, "Whoa, muita gente morta em volta!" Mas, então este avião me bombardeou, por isso eu esqueci de novo.

Então, era uma segunda-feira, muito tarde para fazer qualquer investigação. Como a classe começou oficialmente, o headspace acabou - minha agenda, minha câmara de flutuação, marcador de dia, estava indo embora. O mundo assumiu olhar um estranho, escasso: uma camada de visão, mas nada que pudesse ver Maria Borsotti sorrir.

"Pobre Kieran", disse ela.

"Me ajude," eu disse sussurrando.

Ela parecia longe. "Bem, eu *posso* ter tido bastante idéias.. "

Sr. Solomon começou por limpar a garganta. Ele disse que era o modo como as pessoas pediam atenção nos velhos tempos, porque eles sempre tinham sido assim.

"Bom, gente, eu espero que vocês estejam preparados para experimentar uma mudança de vida".

O falatório abaixou, na sala de aula.

Solomon levantou as mãos pedindo silêncio para nós. "Perspectivas é a chave para as próximas duas semanas. Este projeto não deve desanimar vocês. Na realidade, o melhor é entender como as coisas costumavam ser, para que vocês possam entender como suas vidas são felizes agora."

E esse era o verdadeiro ponto da Aula de Escassez: fazer todos nós apreciarmos as coisas sem nos queixarmos - até mesmo sobre coisas como realmente irritante, digamos, Aula de Escassez.

Maria se aproximou e sussurrou: "Oh, muito ruim. Eu não consigo encontrar minhas notas. Mas disseram que o Sr. Solomon tinha mais algumas idéias."

Eu engoli. Nosso professor tinha um projeto pesadelo para qualquer um que não viesse com seu próprio.

Peste Bubônica, talvez. Ou pé-de-atleta⁵, que soa como uma coisa boa de ter, mas não era. Eu me senti como uma daquelas crianças nerds que não conseguem encontrar um amigo na ginástica e tem de correr voltas em vez de jogar zero-g⁶.

"Quem quer ir primeiro?" Sr. Solomon pediu.

Mãos se levantaram, todos ansiosos para proteger, seus projetos. Eu senti lá congelada, meu cérebro

parecia não assistir a nada. Solomon indicou Barefoot Tillman primeiro.

"Posso fazer o resfriado comum?" Ela perguntou.

Eu olhei para ela. Era culpa de Barefoot eu ter esquecido este projeto, e ela vai pegar um *resfriado*? Depois de todas as fomes e pandemias que nós assistimos neste semestre? Mesmo nos dias de hoje as pessoas *às vezes* tem resfriados. Era como mudar de pólo, sempre minha roupa estava gelada pela manhã quando ia colocá-la. Desconforto desagradável. E "resfriado comum" soa muito idiota do que Resfriado do Pólo Sul⁷.

Um sorriso se espalhar em toda a face do Sr. Solomon.

"Você tem certeza que quer tentar algo assim... desagradável?"

Isso pareceu pegar Barefoot de surpresa, e eu vi pelo sorriso de Maria que ela já investigou este "Resfriado Comum", e se uma nerd como Maria não queria fazer parte disso, Barefoot estava em apuros.

"Eu posso lidar com isso", disse ela, blefando. Seus polegares foram contraindo-se com gestos de cabeça inconsciente, tentando buscar mais. Conhecendo Barefoot, ela não tinha ido além do nome. É esse tipo de trabalho preguiçoso que Escassez está suposto a nos ensinar, não confiar, porque as pessoas morriam ao serem preguiçosas.

Claro, Barefoot ainda estava na minha frente.

"Pois bem", disse Solomon: "o resfriado comum é todo seu, Senhorita Tillman. Aproveite."

Mais mãos dispararam.

Solomon assumiu o olhar de passeio aleatório em torno da sala de aula. Essa coisa de mãos levantadas era outra coisa dos passos do professor que fazia a aula de Escassez ser tão frustrante. Você tinha de esperar sua vez, em vez de discutir sobre vários níveis de áudio ou mensagens para um segmento grande. Não admira eles estarem sempre lutando - discutir coisas complicadas com um único nível de áudio era como tentar chupar de canudinho.

Lao Wrigley tinha a mão mais alta do que todos.

"Eu gostaria de fazer o transporte físico. Não tele-transporte geral." Ela jogou o cabelo. "Meu pai me trás voltando para escola de qualquer maneira."

"Que ambiciosa você é", disse Solomon, a alegria sádica no rosto fazia meu estômago virar. "Mas e sobre as suas aulas em outros continentes?"

Lao presunçosamente segurou o papel nas mãos. Ela não era Maria Borsotti - nível mais nerd, mas ela

sempre tinha seus apontamentos tirados do site antes da aula.

"Bem, meus cursos na Ásia, estão todos no site este semestre, por isso não tenho de me apresentar. Minha aula de skin-diving eletiva será nas Bahamas, mas há esta balsa cargueira que funciona duas vezes por dia, e tem alguns bancos de passageiros".

O Sr. Solomon concordou. "Uma investigação de excelência, Lao, mas eu acho que você verá que os barcos são surpreendentemente lento. Você sabe quanto tempo leva?"

Lao assentiu solenemente. "Duas horas inteiras, o Sr. S. Mas eu posso controlá-la se os nossos antepassados podiam."

"E sobre a sua vida social, Miss Wrigley? Isto significa nenhuma festa em Luna, durante duas semanas."

Ainda vestindo o rosto sério, Lao dobrou as mãos. "Bem, Escassez não significa muito se tiver que ser desistir de alguma coisa."

Revirei os olhos - como se Lao Wrigley tivesse toda uma vida social. Mesmo Maria levantou uma sobrancelha, como ela acabou de me enviar uma mensagem de rosto. (Essa era a uma coisa legal sobre Escassez: ele faz você perceber o quão quanto você poderia se comunicar usando apenas seu rosto.) Ainda não consegui rir em voz alta.

O Sr. Solomon concordou e começou a procurar sua próxima vítima.

Agora o meu cérebro realmente corria. Não havia me ocorrido que você poderia usar o tele-transporte. Eu me concentrava nos clássicos: doenças, fome ou algo com um membro paralisado. Talvez um abrandamento de tecnologia era mais seguro do que algumas bactérias correndo solta no meu corpo.

Eu tentei lembrar de todos os incidentes nos velhos tempos. Não tele-transporte (escolhido). Não expressões faciais (yeah, certo). Sem roupas (assim que eu congelar até a morte cair doente?). No nível do crédito garantido (e o que isso significa - conseguir um emprego?). Cada idéia parecia um pesadelo.

Eu acho que o ponto de Escassez: é sugado inexoravelmente.

"Quais são as idéias que vêm, Kieran?" Maria sussurrou.

Eu cerrei os dentes, ter a percepção de que o mal-humorado dos meus antepassados terem gasto muito esforço para descobrir como não sofrem de fome e ataques de leão e aleatórios crescimento de germes no seu interior. Muito apreciada, antepassados antigos, mas por que eu tenho que correr o risco de novo?

Embora o pensamento dos leões fosse muito legal. Eu me perguntava se eu pudesse fazer a predação, e ter um construtor fazendo algum bicho grande para me perseguir de vez em quando. Mas provavelmente iria

irritar o meu professor de teatro, recebendo saltos de ursos, enquanto ensaiava Shakespeare.

Solomon passou por meus colegas um a um, a quantidade de mãos levantadas diminuía.

Meu camarada Sho pegou a fome, dizendo que ele pensou que seria engraçado começar emagrecer. Seu bioframe⁸ não deixaria ele morrer, afinal de contas, e as pessoas jejuavam por duas semanas o tempo todo.

Solomon disse que tudo bem, mas fez ele prometer beber muita água.

Judy Watson escolheu o analfabetismo, o que significava que ela poderia só usar ícones e comandos verbais em seu trabalho. Este foi um excelente projeto, dada como muitas pessoas não liam mais. Eu tentei pensar em alguma variação sobre a idéia - mas nada funcionou e eu precisava ser alfabetizado para saber sobre Hamlet.

A maioria das pessoas teve doenças: câncer ou infecções, mesmo poucos parasitos. Dan Stratovaria tomou a cegueira dos rios⁹, assim seus olhos começariam a ser devorados durante as próximas duas semanas.

Solomon deixou ficar “não-cego” para fazer trabalhos de casa, e Dan tinha pensando em começar ter olhos novos de qualquer maneira, então outro trabalho fácil.

As únicas doenças que eu lembrava eram os com nomes engraçados, como a tosse convulsa. Mas duas semanas de coqueluche não soava como o divertimento.

"Você é bonito quando está nervoso", disse Maria sussurrou.

O Sr. Solomon olhou para nós. "Maria e Kieran, o que vocês dois têm estado a discutir com tanta fúria desde que começou a aula?"

"Bem, Kieran tem uma idéia excelente, o Sr. Solomon." Maria disse, e suprimi a vontade de chutá-la.

"Sem dúvida, Maria", disse ele. "Mas vamos ouvir o seu primeiro".

Maria apenas sorria. "Eu gostaria de suspender meus controles de hormônios."

Solomon assentiu lentamente, aparentemente, essas palavras fizeram sentido para ele. "Um pouco arriscado com dezesseis anos de idade, você não acha?"

"Vai ser divertido, descobrir como era ser um adolescente naquela época." Ela deu de ombros. "Isso soa sempre muito intenso quando você lê a respeito."

"Certamente que sim. Vamos correr livre de hormônios, então. E quanto a sua excelente idéia, Kieran?"

Eu ignorei expressão divertida Maria. "Bem, eu estava pensando em tentar alguma coisa... diferente".

"Maravilhoso. E o que seria isso?"

O que de fato? O *quê*? Eu tentei pensar em alguma coisa que iria me ajudar com a escalada de montanhas, como o medo das alturas. Ou motivar os meus conhecimentos da Antártica, como a possibilidade de congelamento. Ou me ajudar a entender melhor Hamlet, porque os tempos elizabetanos tinha sido tudo sobre a escassez de veículos pesados..

E com esse pensamento, de William Shakespeare veio ao meu socorro.

"Dormir", disse eu.

"Ah." Mr. Solomon estalou os dedos, parecendo satisfeito. "Muito original."

"Naturalmente, não me refiro aos níveis de dormir", eu adicionei rapidamente. "Mas algo como uma única noite, como costumava fazer. Hum, certo?"

"Bem, eu não creio que eu vou fazer você ficar oito horas", disse ele. "Contanto que você comece com REM¹⁰."

Concordei, fingindo que eu tinha alguma idéia do que era "REM", quando eu estava pensando, *oito horas por noite*? Como as pessoas antigamente faziam alguma coisa? Na maioria dos meses, eu pulava uma hora com minha suavização do cérebro.

Uma ponta de pânico deve ter se infiltrado no meu rosto, porque Solomon disse: "Eu acredito que alguns antigos dormiam tão pouco como três ou quatro horas por noite. Talvez você possa fazer alguma pesquisa sobre o assunto."

Eu sorri timidamente, apenas grato que eu tinha escapado da peste bubônica.

Capítulo Dois

Não que Kieran Black fosse bonitinho ou qualquer coisa assim.

Sua mania de se aventurar fora tinha um certo charme, o jeito que ele se tele-transportava da Antártica para as classes, seus cabelos com pingentes de gelo, lábios rachados pelo frio. E

ele estava bastante atrativo naquele dia, não que passear pelo Pólo Sul seja algo original na aula de Escassez.

Eu digo, quem quer ir lá fora nesses dias frios?

Então quando a aula terminou, eu decidi ter piedade dele.

“Precisa de ajuda?” Eu ofereci. “Na minha aula de Bio, nós temos esse hamster que dorme.”

Kieran me olhou como se eu estivesse brincando com ele novamente, mas deu um leve concordar. Nossos projetos eram supostos para começar agora, e ele provavelmente não sabia a primeira coisa sobre dormir.

Sho Walters passou por nós e bateu no ombro de Kieran. “Doce projeto, cara. Não fazer nada.”

“Bom, Nné?” Kieran disse, batendo de volta. “Mas não acredito que esquecer de comer seja tão difícil.”

“Hey, eu *gosto* de comer!” Sho comentou, então me deu um olhar divertido enquanto ele se dirigia para o corredor.

Eu rolei meus olhos, desejando que esse projeto valesse menos. Sho vivia sob as regras que a escola era uma droga, entender era superestimado, e o resultado eram os nerds. Se Kieran seguisse o mesmo caminho, eu não tinha tempo para essa postura.

Mas então ele murmurou. “E eu não gosto de perder tempo. Eu tenho uma habitação de neve para construir.”

Eu sorri. *Uma habitação de neve?* Talvez esse garoto valha a pena o meu esforço.

Enquanto alguns últimos estudantes saíam da aula, um olhar perplexo passou pelo rosto de Kieran. “Então tudo o que você tem de fazer é dormir? Sério que não tem mais nada?”

“Isso é o que Mikey, o hamster faz,” eu disse. “Ele respira, mas é tudo.”

“Sim, mas ele é um *hamster*. Isso não é chato para as pessoas?”

“Você não pode se aborrecer quando você está inconsciente, bobo.”

“Certo, inconsciente. Então é como quando você vai fazer cirurgia.”

“Não, é como...” Eu balancei minha cabeça. “Kieran, você não fez *nenhuma* pesquisa sobre isso, fez?”

“Não de verdade. Vou estar ocupado todo final de semana.”

“Como você vai fazer isso dormindo?”

“Bem, isso não é um jogo que estamos jogando. Este príncipe psicótico está pensando em suicídio, e dizendo como a morte pode não ser tão ruim, porque ele pensa que é como dormir.” Ele deu de ombros. “Então eu acredito que isso não é totalmente idiota.”

“Você andou lendo Hamlet?”, eu disse perplexa. Poderia Kieran Black possuir algo profundo? Na verdade, ele apenas chamou o grande personagem da literatura de “O príncipe psicótico”, mas tudo bem.

“Sim, eu li,” ele disse. “Não que isso possa chocar você. Talvez você pense que eu corra na rodinha de metal no fim do dia.”

“Oh, isso seria tão fofo.”

Ele rolou os olhos para mim, então ele acessou o headspace e comentou. “nós devemos começar. Pela próximas duas semanas, eu estou perdendo três horas no dia.”

Eu levei Kieran para minha aula de Bio, a qual tinha um hamster e um programa para os bioframes. Eu acreditava que tivesse o programa que cuidaria da minha redução hormonal – aquelas pequenas coisas que nos matinha calmo, e recolhidos e chatos ao mesmo tempo.

Conflitos adolescentes, aí vou eu.

Alguns outros alunos de Escassez estavam por aqui, atrás de informações sobre defesas de imunidades e reparo de órgãos. A máquina de IA (inteligência artificial) estava funcionando a todo vapor, checando e rodando simulações para ter certeza que nada era ilegal ou mortal. E, claro, Barefoot Tillman era a primeira da fila.

Kieran observava o habitat de Mikey e olhou para sua pequena forma. “Ele está dormindo agora?” “Não. Apenas descansando. Vê como os olhinhos dele estão abertos?”

Kieran o alcançou com cuidado e o acariciou. Mikey se mexeu, e virou para baixo.

“Hey, os olhos dele estão fechados! Então ele está dormindo agora?”

Eu suspirei. “Eu acho que isso leva mais de dois segundos, Kieran. Nas antigas histórias, algumas vezes as pessoas não podiam dormir, como se eles tivessem trabalhando com sobrecarga emocional. Era

chamado de „ficar rolando”.

Ele olhou para mim. “Como você sabe sobre toda essa coisa, a propósito?”

“Apenas lendo as informações, eu acho. Era como se todas as emoções voltassem a funcionar novamente.

Eles tinham essas pequenas temporadas de insanidade todo tempo.” Eu observava seu dedo nas costas de Mikey. “Apenas encontrando um cara ou garota lindo podia fazer eles pirarem.”

“Isso ainda acontece,” ele disse. “Eu esqueci esse projeto porque Barefoot Tillman me disse.”

“*Não* é disso que estou falando,” eu comentei. “Barefoot está apenas distraído, não é drama.

Naquela época, eram guerras de palavras e choros por horas a fio. Agarrar os cabelos. Ficar rolando a noite toda.”

Ele riu. “Soa como dor.”

“Você não presta *nenhuma* atenção em Escassez? Dor é uma coisa boa. É por isso que nunca curamos isso.”

“oh, certo. É a maneira da natureza dizer, „tire suas mãos do fogo, idiota!”” Enquanto ele falava, Kieran pousava seus dedos gentilmente no campo de confinamento.

Mikey parecia estar dormindo agora. Eu acho que Kieran tinha bastante competência com o hamster. Eu sorri, minha rixa com Barefoot Tillman estava resolvida.

“É por isso que você quer fazer a coisa dos hormônios?” Kieran perguntou. “Para ficar louca?”

“Bem... não totalmente louca. Mas você não gostaria de sentir como eles se sentiam antes?

Especialmente pessoas de nossa idade? Isso era mais extremo, mais... dramático. Eu penso, porque você vai ao Pólo Sul e fica congelando? Porque é intenso, certo?”

Kieran estava prestando atenção no hamster. “Sim. Mas o frio não me faz ficar doido.”

“Ainda sim, isso é algo que ninguém sente. Não nesses dias.”

“Eu acho.” Ele concordou e sorriu. “Apenas não fique muito louca e tente se afogar, Maria. Ou escreva qualquer poema.”

Eu tive de rir. “Não se preocupe, eu tentarei não ser completamente como Ophelia. Não enquanto eu não encontrar qualquer príncipe psicótico em duas semanas.”

A fila para a máquina estava diminuindo. Pessoas estavam indo para as suas aulas da tarde, uma risada

nervosa. Dan Stratovaria estava esfregando seus olhos, como se ele estivesse sentindo algum tipo de verminose antiga crescendo dentro deles.

Eu estava um pouco ansiosa, agora que meus hormônios iam ser modificados. As próximas duas semanas poderiam ser embaraçosas. Mesmo que meu bioframe não me mate, *realmente* existia o perigo do poema...

“Vamos lá, vamos fazer algumas pesquisas.” Eu fechei o headspace, a sala de Bio e o habitat de Mikey apareceram na minha frente. “se não descobrimos como dormir funciona, nós vamos ficar rolando a noite toda.”

Capítulo Três

O primeiro problema foi achar a mobília certa.

Quando eu voltei para casa, eu perguntei ao papai se eu poderia trazer uma cama para meu quarto. Ele imediatamente fez cara seria e me sentou.

“Dezesseis é muito novo para ter uma cama em seu quarto, Kieran. Lembra quando nós conversamos sobre isso, como uma pequena artimanha do bioframe pode fazer os sentimentos menos... persistentes?”

Eu gruni. “Não é sobre isso, pai!”

“Quem era a garota que você ficou obcecado no verão passado? Chrissy?”

“Christine,” eu disse. “e isso não tem nada a ver com garotas. É um projeto da escola.”

Ele riu tão forte para esconder o embaraçoso, que estava totalmente estampado nele. “Boa tentativa, garoto!”

“Não, na verdade. É para Escassez!” Eu comecei a explicar meu projeto, mas o usual cérebro do meu pai não era capaz de acompanhar. Ele não tinha tido aula de Escassez na escola, e ele nunca ia entender como eu podia trabalhar duro num curso sem graduação.

Quando minha explicação acabou, sua cara seria estava de volta. “Então, Kieran. Há alguma coisa especial que você queira me dizer?”

Eu gruni novamente. Isso era inacreditável. Desde que mamãe não está por perto, tudo tem sido duas vezes mais embaraçoso. “Apenas esqueça que eu pedi isso.”

“Você está bem, filho? Você sabe que eu estou aqui se precisar de mim.”

Eu rolei meus olhos e usei o headspace para ir para meu quarto.

Um pilha de parkas ¹¹ não era uma cama ruim. Era mais confortável que muitas mobílias. Eu me afundei nas fibras térmicas, fechei meus olhos e tentei sentir qualquer mudança dentro de mim.

Tinha passado oito horas desde que Maria tinha tirado os nanos metabolismos que fariam meu corpo funcionar no esquema 24hs por dia. Pelas próximas duas semanas, minhas células iriam dividir o tempo pelo período antigo, quebrar as moléculas complexas enquanto eu estivesse acordado e construir novas enquanto eu estivesse dormindo. Não seria tão eficiente como as duas sendo feitas ao invés de uma, mas nada que eu

não tivesse o controle consciente. Mesmo Mikey, o hamster podia fazer isso.

Eu escureci o quarto para ficar parecido com a noite lá fora, então eu fiquei de olhos fechados esperando algum tipo de chance.

De acordo com o headspace, havia cinco estágios de sono. Estágio 1 não era grandes coisa, como sentir algumas coisas após uma sessão de suavização no cérebro por alguns minutos. Estágio 2 era exatamente como dormir nos antigos filmes: caindo na inconsciência, como depois de alguma sugestão ou pensamento que fica perdido na mente. Basicamente gastando uma média de tempo, exceto que você não podia ficar aborrecido, o que era uma bônus.

Eu não estava procurando pelo Estágio 3, o que consistia de selvagens interrupções como sonambulismo, falar dormindo, pesadelos e algo chamado „fazer xixi na cama" (não pergunte).

Felizmente, essa parte passava rápido, e então tinha os Estágios 4 e 5, mas não tinha pesquisado nenhum detalhe ainda. Eu apenas esperava o Estágio 1 essa noite.

Então eu esperei um pouco.

E esperei...

Eu não diria que nada aconteceu. Eu pensei sobre varias coisas: meus textos de Hamlet, lamentações de meu pai, Barefoot Tillman de bikini, Mikey, o máster, o jeito que Maria Borsotti ficava linda quando não estava sendo nerd. Mas isso não era exatamente dormir. Eu tinha tantos pensamentos, isso era o oposto de inconsciência; eu estava de repente muito consciente de cada som no meu quarto, cada temor na minha mente, e especialmente cada coceira e barulho de meu corpo monitorado.

Eu não devia me mover, mas meus músculos precisavam se adaptar. No final da primeira hora, eu estava emaranhado nas parkas e no final eu tinha rolado por metade do quarto. Seria um ficar rolando que tinha vindo?). Eu não tinha noticias de nada sobre inconsciência, mas então eu comecei a perceber como você podia saber se você estava inconsciente, porque você não poderia estar consciente para saber tudo isso, o que fez minha mente viajar com pensamentos e pensamentos e mais pensamentos.

Finalmente, eu me sentei, não sabendo se eu falhei em Escassez, nada para escapar da esmagadora, doce sensação de estar chateado por não ter conseguido dormir.

E vejam só, minhas três horas estavam quase acabando.

Mas não tinha sido tão longas. Era porque eu nunca estive parado por tanto tempo, então eu não tinha nada para comparar com isso? Ou por ter tido uma pequena perda de tempo em toda essa coisa de ficar rolando – um cochilo?

Se então, fosse um tipo legal – quase como uma viagem. Minha mente sentia um pouco imprecisa, mas eu sabia que ir rapidamente a Antártica poderia clarear tudo. Eu vesti minha roupa e acionei o headspace para o tele-transporte, pela primeira vez pensando que esse projeto não era uma droga total.

Fiquei assim até mais tarde naquele dia até que eu comecei a me sentir cansado.

Capítulo Quatro

Kieran Black aparentava estar uma droga. Um droga coberta com pingentes.

“Você está ok?”

Um arrepio passou por ele. “Sim, ok. Maria. Eu apenas estava na Estação Amundsen-Scott¹². Isso é no Pólo Sul.”

“Um, Kieran? Não brinca.” Eu diminuí os espaços entre as nossas mesas e tirei leves flocos de gelo do seu cabelo. Isso dava aos meus dedos pequenos beijos gelados, quando entravam em contato com a minha palma.

“Essa estranha coisa aconteceu,” ele disse. “Eu estava alisando o entorno do meu habitat com um maçarico, e eu comecei a me sentir feliz. Então eu sentei na neve, o que você não devia fazer no inverno, de verdade.

Eu estava sentado lá e uma espécie de perda de tempo... até que meu bioframe me enviou um aviso de frio.”

Meu queixo caiu. “Você quer dizer que você caiu no sono? Sério?”

Ele concordou, e eu suspirei. Mesmo Kieran Black estando perto de mim. Eu ainda não sentia nada ainda, exceto talvez mais do que o usual desapontamento de minha mãe, que *insistia* em criticar qualquer coisa que eu escolhi para vestir hoje. Como se eu nunca tivesse me vestido de preto antes.

“Eu não tenho certeza,” Kieran disse. Um leve brilho prata de sua roupa estava aparecendo por sua camisa, radiando calor como se ele tivesse esquecido de tirar. Os flocos derreteram rápido.

“Eu definitivamente não tive muito ontem a noite.”

“Mas você teve *algo*? Como o quê?”

“Eu não sei.” Ele piscou. “Eu acho que quando você está sonolento você não sabe disso. Então... isso não é como nada.”

Eu congelei. Eu esperava que este projeto fizesse Kieran Black mais interessante. Mas aparentemente isso apenas fazia dele um tipo mais devagar.

Eu comecei a checar e ver se tudo estava normal, mas não tinha mais o headspace aparentemente eu

estava de volta a realidade.

Escassez estava começando.

“Então como estão todos no primeiro dia?” sr. Solomon perguntou.

“Eu tenho de trocar meu projeto, sr. Solomon,” Lao Wrigley começou. “Não é seguro.”

Ela falou sem levantar a mão dela, o que o sr. Solomon usualmente não aceitava. Mas hoje ele calmamente entrelaçou seus dedos, como se ele tivesse esperando alguns incidentes. “Não é seguro?”

“Não de todo!” Lao se agarrou em sua cadeira. “Eu peguei o barco essa manhã, e o oceano estava completamente revoltado!”

“Você está se referindo as *ondas*, Srta. Wrigley?”

Barefoot Tillman, que sempre se gabara de sua estúpida coisa de surfe, ria, e eu olhei para Kieran. Ele não respondeu.

A expressão dele era estranhamente calma, e ele não percebeu quando os flocos de neve derreteram do seu cabelo, gotas escorrendo por ele e caindo em sua camisa. Enquanto observava, eu sentia como se uma cachoeira escorria por minhas costas, quente e depois frio.

Esse era um sentimento interessante.

“Sim, os oceanos tem ondas,” sr. Solomon estava pacientemente explicando. “Mas os barcos são desenhados para as ondas. Eu tenho certeza que é tudo seguro.”

Lao balançou sua cabeça. “Oh, sim? Bem, se os barcos são tão seguros, porque há uma palavra para eles virarem de cabeça para baixo?”

“Desculpe?”

“Naufrágio, sr. Solomon!” Lao disse. “É a palavra especial apenas para os braços ficarem de cabeça para baixo. Eu chequei no headspace, e eu não consegui achar essa palavra para trens! Ou carros ou aerobarco – apenas barcos. Pense sobre isso!”

“Srta. Wrigley, eu duvido que seu cargueiro esteja em perigo de naufragar.”

“Mas é horrível!” Suas mãos estavam em sua cabeça. “Eu fiz as contas erradas!”

“Contas?”

“Fazendo isso leva duas horas *por viagem!*”

Um sorriso brilhou no rosto do sr. Solomon. “Mas claro, Srta. Wrigley. Você se esqueceu que

precisava voltar?”

Eu levantei uma sobrancelha. Essas duas horas extras tinham passadas despercebidas por mim, também.

Isso não era como me levar em qualquer lugar do mundo em menos de cinco segundos. Mesmo de Marte levava apenas três minutos de tele-transporte.”

Lao olhava para suas mãos, deglutindo, e eu percebi que a pele dela estava mais pálida que o usual. “Quatro horas todo dia! E quando eu tentei ler alguma coisa essa manhã, as ondas me deixaram mal!”

“Ah...” sr. Solomon concordou. “Eu acredito que você tenha algo chamado *enjôo marítimo*. Se você checar no headspace depois, poderá achar alguns bioprogramas antigos para isso. Seu projeto de Escassez não tem restrições médicas, no entanto.” Ele gracejou. “Mas não há cura para isso. Eu acredito que você terá de lidar com isso. Como os outros estão?”

Enquanto mais mãos levantavam, eu observava Lao criticamente. Agora eu percebia, ela definitivamente estava com cores estranhas. Camadas de azul-esverdeado em seu rosto, como o mar. Isso é o porque eles chamam de enjôo marítimo?

Barefoot levantou a mão dela. “Meu resfriado comum está indo bem. Eu gosto como minha voz fica.”

Eu congelei. A voz dela *estava* mais baixa, como um leve resmungo. Esse projeto de Barefoot a deixava mais sexy.

Pelos menos Kieran não estava observando ela hoje. Seus pensamentos estavam perdidos no fundo do quadro negro.

Eu levantei minha mão. “Sr. Solomon? Eu acho que há algo errado com Kieran.”

Ao ouvir seu nome, Kieran saiu do seu catatônico estagio e olhou para mim. “Não, eu estou bem.”

“Apenas checando.” Eu sorri docemente.

“Eu estou certo que Kieran está simplesmente se sentindo um pouco incomum,” sr. Solomon disse. “Acredito que o nome técnico seja „sonolento“. Mas todos vocês vão se sentir um pouco estranho com esses projetos. Hoje é apenas o começo, então pare de roer sua manga, Sho.”

“Minha manga não é comida!”

“Não, mas é irritante.” Sr. Solomon comentou, procurando Lao Wrigley novamente. Ela estava começando a fazer barulhos com a garganta, e seu rosto estava definitivamente verde como o mar.

Eu olhei para baixo para meu caderno, meus dedos apertavam a caneta.

Verde como o mar, escrevi. A palavra parecia frágil e e fraca em minha mão. Todo o tempo gasto aprendendo a escrever, e eu dificilmente tomava notas nesse semestre.

De repente, eu queria entalhar minhas mãos na superfície branca do papel.

Lao fez um barulho de engasgado.

“Humm, talvez nós devemos encerrar a aula mais cedo hoje,” sr. Solomon disse. “E a respeito do enjôo marítimo. Você e eu podemos ir ao Departamento de Biologia, Lao. E todos os outros, tentem gastar essa hora extra de liberdade pensando em seu projeto. Tomem notas do que muda em vocês.”

Eu sorri com as palavras dele, escrevendo, *As coisas que mudam em mim...*

Eu tinha muitas notas para fazer.

Capítulo Cinco

Esse projeto era um saco.

Mesmo perdendo apenas 3hs por dia, e estava fora de mim nas outras 21hs. Durante a semana eu fui para aulas parecendo um zumbi de um dos jogos de combate de Sho. De repente, todas as minhas falas de Hamlet tinham sumido da minha mente. Eu tentei explicar a sra. Parker que isso era culpa do sr. Solomon, mas ela disse que não tinha essa desculpa nos tempo antigos e que os atores dormiam todas as noites.

Sim... mas eles *sabiam como!*

Então, meia-noite, aqui estava eu novamente, deitado em minha cama com o usual sentimento confuso. Com uma das mãos, ajeitava as parkas e querendo estrangular Solomon com as mangas delas. Mas ao mesmo tempo, de alguma maneira, o travesseiro parecia maravilhoso. Não havia mais nada que eu quisesse que deitar ali. Ondas de vertigem caíam em mim.

Talvez hoje a noite eu realmente poderia trabalhar.

Eu me joguei no travesseiro, meu rosto em um colar de peles falsas. O cabelo entrava na minha boca enquanto eu respirava. Eu disse para o quarto ficar escuro, e um silêncio ficou no ambiente...

O comunicador soou, quebrando o feitiço.

“Sim?” eu comentei.

“Sou eu,” a voz de Maria. “Posso ir aí?”

“Um, agora não é bom.”

“Hey, você soa como... Oh, droga! Eu esqueci que horas são. Você estava dormindo?”

“Não ainda,” eu murmurei. “Bem, talvez Estagio 1.”

“Oh, desculpe,” ela sussurrou mas não desligou. A respiração dela flutuava invisível em volta de mim, me transportando para a escuridão.

Isso parecia estranho, como o silêncio deixava as coisas assim, então eu disse, “Eu acho que vai ser melhor essa noite. Claro, eu pensei isso noite passada, também.”

“Hum. Sua cama é confortável?”

“Bem...” Eu não ia discutir o problema de meu pai com a cama com a Maria. “Eu não tive sorte com

isso.

Eu apenas estou dormindo numa pilha de parkas.”

“Sem cama?” Sua risada atravessou o quarto. “Eu espero que você esteja usando pijamas.”

“Pi – o que?”

Ela riu novamente. “Você não pode usar roupas normais para dormir, Mané. Nos dias antigos as pessoas usavam roupas especiais para dormir. Tinha desenhos nela. Não que isso funcionasse.”

“Eu não acho que isso seja o problema,” eu murmurei.

“Mas eu não acredito que todos usassem pijamas. Alguns vestiam coisas confortáveis ou ficavam de roupas íntimas.”

“Agora isso faz sentido.” Eu tirei minha camisa pela cabeça. Era mais confortável desse jeito, então eu chutei meus sapatos e tirei as calças. “Sim, isso é muito melhor.”

“Você apenas –“ ela começou, mas sua respiração parecia estranha.

“Mm-humm. Obrigado pela sugestão.” Eu me ajeitei na pilha, as peles e o tecido quente encostavam na minha pele. “isso parece selvagem no escuro. Como algo sem importância.”

“Sem importância no escuro,” ela repetiu devagar.

A voz vindo por trás das pálpebras fechadas ficavam mais funda, uma preguiça tomava conta de mim, finalmente, espremia o fogo rápido dos meus pensamentos. “sim, isso é estranho. Como se o mundo estivesse se apagando.”

“O mundo apagando..”

“O que você está fazendo?”

“oh, eu estou apenas copiando algumas coisas,” ela disse. “Eu estou numa espécie de... mantendo um diário do meu projeto.”

“Solomon vai amar isso,” eu murmurei.

“Não é para *ele*. É apenas para mim... Quer ouvir?”

Eu devo ter grunido um sim, porque Maria começou a ler para mim. Não era como um diário, era mais como frases soltas de conversas, palavras tiradas de conversas sem qualquer significado. Calmantes, como nuvens de linguagem.

Mas qualquer coisa que ela tenha escrito, o som da voz dela fazia maravilhas. Um encantamento se apossou de mim, a escuridão me levou ao Estagio 2, o mundo finalmente evaporou. Sem dúvida eu tinha passado para o Estagio 3 e entrava no 4 rapidamente.

E mais tarde naquela noite, muito definitivamente, eu tinha ido ao Estagio 5... onde eu tinha sonhado.

Capítulo Seis

Depois que ele caiu no sono, eu fiquei ouvindo a respiração dele por um longo tempo.

Minha própria pele estava estranha, hipersensível para as roupas, como se sentisse cada mudança do ar. Enquanto nós estávamos conversando, eu tinha diminuído as luzes em minha imagem mental do quarto de Kieran, e agora a escuridão era tangível em torno de mim, uma coisa física, pressionando contra minha pele faminta.

As páginas em branco do meu caderno estavam em minhas mãos, ainda pedindo atenção. Era como se o papel tivesse crescido, sedento por palavras enquanto eu o lia.

Especialmente quando eu lia em voz alta, para um rapaz adormecido.

Eu podia imaginar ele em sua pilha de casacos de inverno, vulnerável e perfeitamente calmo. Isso me indicava que estávamos tão longe, fora do toque da minha pele. Mas havia algo tão intenso em desencarnação, como se a distancia ampliasse nossa conexão.

Meus hormônios estavam definitivamente me irritando agora, flexionando os músculos. Mas mesmo estando fora do alinhamento não era o que eu esperava; não havia acessos de loucura. Era quase algo substancial – como flash de desejos e epifanias com o som da respiração de Kieran.

Eu comecei a rabiscar novamente, tentando soltar a pressão que havia em mim para o papel. Enquanto as palavras eram derramadas, algo cresceu em mim. Eu percebi que o som não vinha da minha mente – estava vindo da janela. A chuva batia contra, borrando as luzes de outros edifícios altos.

Eu saltei e coloquei minhas mãos contra o vidro, sentindo o frio e a condensação, e de repente eu queria estar lá fora – *na chuva*. Isso era o que as heroínas românticas faziam nas histórias antigas: elas correriam para fora e gritariam suas frustrações! (E então elas ficariam doentes e poderiam morrer, mas eu podia pular essa parte.

Olhei para chuva lá fora, e deixei escapar um gemido...

O apartamento de mamãe não era como a casa no estilo antigo que nós vivíamos quando papai era vivo. Os altos edifícios não tinham porta para o exterior; você ia e voltava via tele-transporte. Os jardins e gramados em volta de nós eram apenas para observar, as montanhas ao longe em todo parque nacional, eram proibidas e protegidas.

Estúpido Mundo Perfeito.

Meus dedos estavam no fecho da janela, mas não havia nada para apertar, girar ou destrancar. Tudo o que eu queria era sentir a chuva na minha mão! Mas a janela aberta era muito perigosa.

A ebulição em minha pele estava muito pior agora; meus hormônios queriam liberdade. Meu sangue corria dentro de mim. E acima de tudo, eu ouvia a respiração de Kieran Black novamente – o comunicador ainda estava ligado.

Era como se estivesse dentro de mim, seu ritmo baixo estava em minha cabeça, algo invisível e antigo que nos conectava.

Eu sentei no chão com meu caderno, agarrei a caneta, e furei o papel com pequenas estrofes.

Dentro da torre sem portas, Minha pele pulsa urgente, Como a respiração dele em meus ouvidos, Então perto e ainda...

“Oh droga!” eu chorei, começando a escrever linhas poéticas. Eu não estava montando um diário... eu estava escrevendo *poesia*.

Eu tinha de sair daqui, ir para chuva e oxigênio. Eu peguei minha jaqueta novamente e corri para o tele-transporte, checando o headspace para algum lugar – *qualquer lugar* – que estivesse chovendo. O Clima Tempo me informava que chovia forte em Paris, chuviscava em Nova Deli, e a chuva seguia para Madras – tudo em cinco segundos de distancia.

Mas eu hesitei dentro do tele-transporte; parecia errado ir a 1000km de distancia. Eu queria a chuva *bem aqui*, do outro lado da minha janela.

Então eu vi a saída de incêndio na parede – mapas e como proceder quando o tele-transporte falhar – e sorri.

“Deck,” eu disse ao tele-transporte, não esperando subir pelas escadas de emergência.

Um grande quarto entrou em vista. Estava vazio, claro. Nada para ver a noite a não ser as janelas que iam do chão ao teto, estrias de chuva caíam nas montanhas ao longe. As estrelas no céu eram lavadas, mesmo a lua era um borrão...

A lua era um borrão? Argh. Eu estava *pensando* em poesia agora!

Eu olhei em volta procurando a saída de incêndio, coloquei a jaqueta sob meus ombros enquanto corria. A tempestade estava definitivamente aqui, a chuva era impulsionada por ventos fortes.

SOMENTE PARA EVACUAÇÃO, estava escrito na porta, que coisa menos poética.

Eu coloquei minhas palmas contra a fria superfície de metal, mordi meus lábios, tendo um momento de hesitação – medo de quebrar as regras.

“Nerd,” eu disse a mim mesma. Isso era o que Kieran Black pensaria de mim, com minhas coisas de Escassez – caderno e caneta, para impressionar o Sr. Solomon.

Bem, essa era a porta para fora do meu estúpido mundo perfeito, a porta para calamidades e conflagrações, e para onde as coisas *pegavam fogo*.

Enfrentei o difícil, e isso parecia gritar nos meus ouvidos. Um vôo sobre as escadas me levou para cima, onde luzes piscavam acima de uma vida sobrecarregada. Uma voz mecânica veio do alarme, perguntando o motivo da emergência, mas eu ignorei e fui para o telhado. Após duas luzes havia outra porta, cheia de adesivos com avisos sobre ventos fortes e temperaturas baixas, das bordas sem grade de segurança, não seguras, o câncer causado pela luz solar – todos os perigos que vem de *fora*.

Eu empurrei a porta cautelosa, mas o vento era forte e fazia força contra a porta de metal aberta. A chuva entrava, fluindo através de mim. Eu fiquei congelada por um momento; a escuridão corria

tão vasta a poderosa. Mas aquela calma, perturbada pela voz que perguntava onde era o incêndio, me deixava fora de mim.

O vento crescia a cada passo que dava. Alguns metros da porta, minha jaqueta caiu dos meus ombros, desaparecendo na escuridão. Gotas geladas vinham do céu, batiam em meu rosto e em meus braços, absorvidas pela minha pele faminta.

Eu abri minhas mãos para sentir a chuva nas palmas, e abri a boca para beber a água gelada, rindo e desejando que Kieran Black estivesse comigo.

Dois minutos depois, os seguranças chegaram e me levaram para casa.

Capítulo Sete

“Mas drama, pessoal!” a sra. Parked gritou.

Todo mundo apenas ficou apenas olhando para ela, espadas caídas. Nos estávamos praticando essa

cena por horas, tentando fazer a coisa certa. A maioria dessas faltas eram culpas de William Shakespeare; era difícil fazer uma luta com duas espadas parecer um *acidente*. Sem essa.

O exército em espera fora do palco estava ficando inquieto. Cada vez que se preparava para marchar com uma saraivada guerreira, a sra. Parker cortava, reclamando da falta de drama. Ninguém tinha tomado a morte por intoxicação como seu projeto de Escassez - eles poderiam ter nos mostrado como...

“Ok, vamos dar um tempo,” ela disse finalmente em desgosto.

Todo mundo foi para o quarto verde ou pegou o tele-transporte, mas eu coloquei minha espada na bainha e saí do palco, subindo para os assentos vazios. O silêncio aqui era como um alívio de linhas esquecidas, e a sra. Parker queria drama.

Eu sentei na última fileira em frente ao palco e encostei minha cabeça. Meus olhos se fecharam automaticamente, e eu senti uma escuridão em volta de mim.

Sonhando, era incrível. Eu estava dormindo seis horas agora, mais os cochilos. A perda de tempo estava matando minhas aulas, mas eu amava entrar no esquecimento e consumação.

E o príncipe psicótico estava errado em se preocupar: estágio 5 do sono não era um obstáculo contudo.

Tinha todo um drama que a nossa produção estava deixando de lado, e eu estava querendo adicionar isso.

Desde o primeiro sono real, Maria tinha estado lendo para mim toda a noite. Era um costume dos tempos antigos chamado “histórias para dormir”, de acordo com Maria. E mesmo que seu diário tivesse apenas sentenças, elas se transformavam em histórias na minha cabeça. O som da voz dela fazia os sonhos acontecerem.

Eu senti como se o diálogo de Shakespeare usasse “sonhando”, de acordo com o Estágio 5. A antiga definição tinha desaparecido assim como o sono. Nos dias de hoje as pessoas só “sonhavam” com casas grandes ou ser famoso.

Mas eu continuava mantendo os olhos fechados. Realmente eu *queria* tudo que eu via no sono REM? Eu deveria correr o risco no mundo real, ou deveria ficar seguro em meus sonhos?

“Kieran,” veio um sussurro do meu lado direito.

Eu pulei, abri meus olhos.

“Você está ok?” Maria perguntou educadamente.

“Oh, desculpa.” Eu pisquei, por um momento não sabia se era real ou não. “Eu estava cochilando.”

“Dorminhoco.” O sorriso dela brilhava com as luzes do lugar. “Como anda a peça?”

“Não dramática o suficiente de acordo com a sra. Parker.” Eu soltou um suspiro. “Eu não tenho certeza do que quero ser, exceto talvez que um furacão estrague o telhado.”

“Ooh...” Ela respirou lentamente. “Um furacão seria legal.”

Eu sorri. Ela tinha me contado sobre sua aventura no telhado, sua selvagem dança e o desejo ardente em sua pele – tudo isso eu tinha sentido em meus sonhos.

Ela chegou mais perto, sua respiração em minha orelha. “Eu tenho uma questão para você.”

“Nós não precisamos sussurrar,” eu disse. “Nós estamos no intervalo.”

“Mas eu gosto de sussurrar. Faz fica mais... dramático.”

Um calafrio passou por mim.

“Falando de magia.” Maria se virou para o palco vazio, onde as luzes estavam brilhando entre paletes¹³, a espada passou de vermelho para um azul sólido. “Hoje a noite quando eu ler para você... talvez seria melhor fazer isso pessoalmente. Eu digo, mais dramático, sendo do lado da sua cama.”

Eu sabia o que ela estava perguntando, claro. Eu tinha feito essa pergunta um momento antes. Mas eu não tinha certeza de como os sonhos pudessem se transformar em realidade sem magia envolvida – ou ser tão selvagem e poderoso.

A verdade era, eu estava com um pouco de medo de Maria esses dias.

Ela estava ficando mais intensa a cada dia do projeto. Aqui com a escuridão do auditório em volta ela parecia um pouco insana. Especialmente se eu dissesse a coisa errada.

“Maria, é maravilhoso quando você lê para mim. Eu amo a sua voz, eu não acho que poderia dormir sem ela. Mas eu acho que...”

“Você somente gosta da minha voz?” ela perguntou.

“Não!” Meus sonhos começam com a voz de Maria. Flashes de imagens através dos meus olhos, como vivas memórias de eventos reais. Mas como dizer isso em voz alta? “É apenas que...”

sonhar pode ser estranho.”

Sua respiração ficou suspensa no escuro. “Você começou a *sonhar*. Desde quando?”

“Desde a primeira vez que leu para mim,” eu disse.

“E você não me *disse*?”

“Bem, é embaraçoso.”

Ela chegou mais perto, seus olhos brilhavam. “O *que* é embaraçoso?”

Eu remexi na dura cadeira de madeira, meu cérebro rejeitava a colisão entre o sonho e a realidade. Eu pensei em como o Estágio 5 fazia suas pálpebras se contraírem, suas mãos tremerem, e como eu acordava cada manhã suado. Talvez isso fosse algo que ela entendesse?

Aqui na segunda semana, todos os projetos ficaram estranhos. O resfriado comum de Barefoot Tillman tinha se tornado bizarro – seus olhos eram estranhos e vermelhos. Estranhas cores passavam pelo seu nariz, e ela tinha de carregar lenços de papel. Mesmo Dan Stratovaria – seus olhos eram leitosos e suas orbitas tinham linhas brancas – linhas mais claras. Ele tinha ficado cego todo o final de semana, mas havia aprendido a evitar os ruídos fazendo barulhos como Barefoot.

“Ok, eu vou te dizer. Mas é estranho.”

“Estranho como?”

Eu engoli. Realmente queria dizer a Maria sobre meu suor? “bem, você sabe como Barefoot –“

“Barefoot Tillman!” ela exclamou. “Você tem sonhado com *ela*!”

“Não! Eu estava apenas –“

“Apenas me *usando*!” ela gritou. “É a *minha* voz que faz você dormir toda noite!” o grito saiu dos lábios dela e ecoou pelo auditório. “O que eu sou, um tipo de Cyrano de Bergerac ¹⁴ para garotas perfeitas?”

“Não! Um... Cyrano quem?”

“Seu ignorante, patéticas desculpas desonestas! Eu não acredito que *acreditei* em você!”

Ela pulou da cadeira e saiu pelo corredor.

“Maria, espera!” Eu gritei. “Não é o que eu –“

“Adeus, Kieran... e tenha uma boa noite!” ela gritou na saída.

A porta bateu atrás dela, o boom ecoou pelo auditório silencioso. Enquanto eu me afundava na minha cadeira, eu percebi que tudo tinha se invertido: todo mundo estava olhando para mim, olhos vidrados e bocas abertas.

Eu joguei minha cabeça para trás, rezando para que isso, também, fosse um sonho.

O silêncio durou um momento, então um singelo aplauso começou. Era a sra. Parker que observava do palco, aplaudindo com sorriso no rosto.

“Tomem notas, pessoal!” Ela declarou. “Porque *isso* é drama!”

Capítulo Oito

Meia-noite estava quase chegando e Kieran ainda não tinha ligado.

A banheira borbulhava perto do meu nariz, este calor me envolvia, mantendo minha pele faminta. Eu fechei meus olhos e me encostei até ter a água em meus ouvidos, não tendo nada mais do que o silêncio.

Eu ainda não podia acreditar no que ele tinha feito, ouvindo *meus* poemas para sonhar com Barefoot. E

ainda essa covardia, tudo isso estava em sua subconsciência. E ele ainda não admitia isso.

Talvez tudo fosse o silêncio entre nós.

Eu fiquei debaixo d'água, prendendo a respiração, imaginando o rosto de Kieran quando minha trágica morte fosse anunciada. Depois da explosão no auditório, todo mundo poderia acreditar que ele me matou com seus pequenos sujos sonhos. Eu visualizei o mundo inteiro sabendo disso, meus poemas descobertos e publicados no headspace, com comparações cruéis da minha angelical máscara de morte com Barefoot Tillman, de rosto aranhado.

Enquanto a fantasia progredia, o oxigênio em meu corpo ia embora, meu cérebro se expandia, meu coração batia forte e mais forte em meu peito...

... até que meu bioframe me mandou subir para buscar ar, me forçando a respirar.

“Eu *realmente* não quero ir!” Eu murmurei entre curtas respirações. Estúpido Mundo Perfeito.

Eu entrei no chuveiro, a memória do auditório dava náuseas em meu estomago. Todas as vezes que eu imaginei ficar louca com as emoções dos tempos antigos; seriam em lugares como um pântano da Escócia, ou um balcão alto, ou em um quarto ricamente decorado – nunca em frente de uma *platéia*.

Aparentemente os hormônios andavam de mãos dadas com a humilhação.

Eu tentei me lembrar o que tinha acontecido na briga, exatamente quando e como tudo tinha dado errado.

Como eu tinha entrado naquela situação, ele tentando me falar algo, mas meu cérebro não era hábil para essas palavras.

Eu pensei em todos os livros que tinha lido, histórias onde cartas sumiam ou chegavam tarde ou iam para pessoas erradas; onde orgulho, preconceito e julgamentos mantiam os amantes separados. Então o que ele disse? Dava para perceber que Kieran queria fazer as coisas certas, se somente o valor da explicação estivesse em seu rosto.

Meia-noite passou, o horário oficial dele dormir. Eu comecei a me lembrar da primeira noite, a noite que ele caiu no sono, da minha dança na tempestade.

Porque ele não tinha ligado?

Eu gritei de frustração, eu jurei de que eu não iria ligar para ele. Um juramento sobre a minha vida, que de repente senti tão poderoso como os ditames do meu bioframe dentro de mim. Eu morreria se tivesse de quebrá-lo.

Minutos passavam. Ele realmente tinha dormido sem minha voz hoje? Eu fiquei ali parada, imaginando ele ligando para Barefoot e perguntando a ela sobre espirros e barulhos e levá-lo para o mundo dos sonhos.

Grandes chances. Ele precisava de *mim*.

Mas de jeito nenhum eu ia ligar para ele. A verdadeira heroína nunca quebra um juramento.

Seu pai olha com surpresa para mim.

“Sr. Black? Sou Maria, uma amiga de Kieran.”

“Oh?” Ele olhava para meu vestido preto em minha pele molhada, água pingando dos meus cabelos.

“Eu estou com ele na Aula de Escassez. Eu preciso falar com ele. *Pessoalmente*.”

“Aula de Escassez...?” Uma luz brilhou nos olhos do velho senhor, e ele sorriu. “Oh, sim. Eu acredito que ele mencionou você.”

“Verdade?”

“Bem, não o nome.” Ele riu. “Mas um pai nota essas coisas.”

“*Coisas?*” Eu perguntei. Seus olhos se tornaram um pouco estranhos e eu resolvi diminuir minha intensidade. “Um, eu sei que ele deve estar dormindo, mas se eu pudesse vê-lo por um minuto...”

“Dormindo?” O homem disse como se a palavra fosse em outra língua. “Na verdade, ele não está aqui nesse momento.”

Eu congelei. Mas era meia-noite... e então uma bela constatação me atingiu.

Ele estava muito chateado! *Incapaz de dormir!*

“Se remexendo,” eu murmurei.

“Desculpe?” seu pai perguntou.

“Onde ele está?” eu perguntei, minha atitude brigava com a intensidade de não falhar.

“Talvez você e eu devemos conversar sobre Kieran. Vocês são muito jovens, e —“

“Onde... ele... está?”

Ele parou, medo apareceu no seu rosto. “Um, eu acho que talvez você devesse ir para casa e checar seu bioframe, jovem dama.”

Eu rosnei e cerrei meus punhos, e o velho senhor deu um passo para trás, andando de costas por um longo corredor.

Grossas, brancas parkas com pelugens...

Eu sorri. “ele está no pólo Sul, né?”

“Agora, jovem dama...”

Eu agarrei uma das parkas e vesti. Então eu me metia dentro de um par de botas enquanto esperava o tele-transporte.

“Você não pode ir lá!” Ele chorou. “Não é *seguro!*”

“Seguro!” Eu ri. “Você está falando com a garota que anda no furacão, sr. Black.” Vacilante em minhas botas de tamanhos grande, eu entrei no tele-transporte. “Pólo Sul, por favor.”

“Estação Amundsen-Scoot?” A máquina perguntou.

“Sim, é o lugar!”

“Espere!” O pai de Kieran disse, estendendo uma mão tremula como se isso fosse me deter. Mas ele veio devagar, o mundo do hormônio tinha sido deixado para trás, e era difícil acreditar que algo louco, como uma garota podia sair de casa e ir até a casa dele e agora estar indo para o Pólo Sul.

Eu cantarolava para ele enquanto desaparecia.

O sol estava baixo no horizonte. Estava escuro, e frio, e *branco*.

Eu apertei a parka, sentindo o frio no meu rosto. No fim, dentro do tele-transporte tinha sido exposto todo tipo de aviso: clima extremo, exposição, congelamento, morte. Mas os adesivos estavam onde era quente

e evitavam os descascamentos de pele, e sem calma, uma voz automática me perguntou o que eu fazia aqui.

Ninguém vinha ao fim do mundo despreparado aparentemente.

Eu subi as escadas; as construções eram palafitas, como se tivesse medo de tocar a neve. O vento entrava no meu vestido, isso fazia meus joelhos *queimarem*.

Uma mulher apareceu de roupa apropriada e parka, parou por um momento para me olhar com os óculos de proteção.

“Onde está Kieran Black?” eu perguntei, minha língua congelava em minha boca enquanto eu falava.

“O garoto da escola?” Ela parou por um momento, então me apontou um iglu à alguns metros de distancia.

“Mas eu acredito que você não deveria estar –“

Eu me virei e me afastei dela, começando uma pequena corrida passando por bandeiras presas no gelo, algumas de países que nem existiam mais. Meu vestido congelou enquanto eu andava, derramando granizo devido ao meu vestido molhado.

Enquanto um frio se agarrava ao meu corpo, eu finalmente acreditei livros onde as heroínas morriam por algum tipo de perigo lá fora. Talvez pegar uma chuva gelada matasse elas, mas na Antártica o vento podia fazer a coisa se tornar possível. Cada respiração desafiava meus pulmões, meu cabelo molhado fazia barulhos dentro da parka.

Meu bioframe estava gritando por atenção médica, mas eu ignorei isso – Kieran sempre dizia que a emergência levava muitos minutos aqui. Eu continuei forçando, mantendo meus olhos no iglu distante.

A neve compacta deu lugar a levantar mais os joelhos e a neve no topo das minhas botas, molhavam meus pés. Eu continuei e me forcei a colocar a mão nos bolsos para contrabalançar. Se eu caísse, eu viraria um picolé.

Meu cérebro estava se expandindo, meu coração batendo mais rápido, o mundo parecia um pequeno túnel de parkas.

Uma forma humana estava fazendo caminhos em volta do iglu, acertando com gotas de fogo toda a superfície de gelo. Meu congelado cérebro se lembrou de Kieran dizendo algo sobre maçaricos.

Eu tentei chamar ele, mas meus pulmões pareciam sem ar, como se espirrassem cubos de gelo. Meu corpo continuava se movendo, guiado pela promessa de fogo das mãos de Kieran.

O fogo é quente – eu me recordei desse fato antes da existência da pré-Antartica .

Eu fui até estar tão perto que sentia calor. Minhas mãos se encaminhavam para as chamas, meus dedos estavam azuis.

Kieran finalmente ouviu meus passos na neve e se virou dando de cara comigo, deixando escapar uma exclamação de surpresa.

“Maria! O que você...?” a tocha caiu das suas mãos na neve, onde tremulou e morreu.

Eu senti meus joelhos fraquejarem, gemi desapontada. Eu procurava pelo metal incandescente... e então as mãos de Kieran estavam nos meus ombros, e eu queria matá-lo por tentar me levar para longe da fonte de calor.

O pensamento do túnel de parkas, eu via minhas botas se arrastarem pela neve até a pálida luz solar. De repente estava morno, gloriosamente quente, talvez tudo tenha congelado! Minha capa foi tirada, o rosto de Kieran se concentrava em mim, as paredes internas do iglu brilhavam com as luzes artificiais.

“O que você está fazendo aqui?” Ele tirou as luvas e a parka e a roupa especial na minha frente. “Você está doida?”

Seminu, ele colocou a roupa em volta de mim, isso queimava minha pele como carvões quentes. Eu somente podia concordar e ficar parada. Parecia que meus olhos se quebrariam se piscasse.

“Vim ver você,” eu comentei.

“Me desculpe,” ele disse. “Eu nunca sonhei com Barefoot, nunca! Sempre foi você desde a primeira vez!”

Ele engoliu. “mas era tão estranho e incrível, e todos diziam que os sonhos não eram reais. Mas ele *eram* algumas vezes... você sabe o que quero dizer?”

“Sim,” eu disse a ele com os lábios partidos. Havia mais entre o céu e a terra e tudo que... era muito para dizer.

Mas então, meu bioframe decidiu que eu precisava de um lugar quente e seguro, e bem facilmente me nocauteou não querendo o risco que eu me congelasse novamente.

Estúpido Mundo Perfeito.

Capítulo Nove

“Então, aqui estamos no fim da nossa pequena aventura”, Sr. Solomon começou.

Barefoot Tillman espirrou em seu canto de quarentena. Ela tinha estado muito melhor nos últimos dias, o catarro tinha parado de correr de seu nariz. Mas todos ainda manteve sua distância.

"*Saúde*", disse Maria, buscando em algumas velhas tradições para melhorar a vida de Barefoot. Nós sorrimos um para o outro.

"Mas, antes de voltar ao mundo moderno, talvez devemos compartilhar sobre nossas experiências."

Estendeu suas mãos. "Alguém?"

Lao Wrigley levantou a mão. "Bem, eu sinto que fiquei muito mais próxima do meu pai".

"Hmm", disse Solomon disse. "Porque você fez ele voar com você para as Bahamas todos os dias?"

"A necessidade é a mãe da invenção." Lao jogou o cabelo dela.

"Confira esse abdominal!" Sho gritou, levantando-se na fileira da frente, girando e levantando a camisa. "Eu posso nunca comer de novo."

"Duvido," Sr. Solomon disse. "E eu acredito que essas são as costelas, o Sr. Walters, não músculos.

Qualquer outra pessoa com profundidades para partilhar? Sim, Sr. Stratovaria?"

"Bem", Dan disse, "Eu descobri que não há nada engraçado sobre parasitas."

"Ah, introspecção do cego. Alguém, pelo menos, aprecia a gravidade da Escassez. Talvez este semestre não foi totalmente desperdiçado."

"Sem brincadeira," disse Dan, acenando com uma bengala em uma mão esbranquiçada. "Minha mãe é tão apavorada, ela é bombardeada todo tempo para as substituições. Meus novos olhos vão ser o *máximo!*"

Sr. Solomon suspirou. "De fato. E há alguma grande sabedoria de vocês dois pombinhos de mãos dadas ai atrás?"

Nós nos separamos rapidamente, enquanto todos procuravam por nós dois juntos. Meus amigos culpavam William Shakespeare por me transformar em um nerd. Rolavam os olhos quando eu falava coisas antigas as vezes.

Mas as mudanças vieram de um lugar mais primitivo do que eles pensavam. O Bardo ¹⁶ não tinha nada no meu subconsciente.

"Bem, Sr. Solomon," Maria disse: "Eu aprendi que aquelas heroínas antigas não eram tão fracotes como eu pensava. Entendi que você realmente pode morrer por correr do lado de fora no frio. Especialmente se você estiver molhado." Com sua mão livre, ela apontou para a mancha

escura de queimadura pelo frio em sua bochecha esquerda, que brilhou como um olho preto. A mãe de Maria tinha feito a promessa de obter um enxerto de pele em breve, mas, entretanto, ela foi seriamente contra.

"Fascinante", disse Solomon. "Embora talvez não como relevantes para o seu projeto original, como se poderia esperar."

"Oh, eu garanto, Sr. Solomon", disse Maria. "Retirar o controle dos hormônios e exposição na Antártida andam de mãos dadas."

"Uma observação interessante. E você, Sr. Black? O que você tem a nos dizer sobre os rigores do sono?"

O que de fato? Eu dei uma respiração profunda, perguntando o que eu ia fazer depois da aula, que terminava hoje. Agora que o projeto final acabou, eu poderia redefinir meu bioframe, ligar todos os nanos que fariam meu processo de quebrar e criar novas células simultaneamente - sem necessidade de dormir nunca mais.

Será que eu ainda quero meus sonhos? Eles não estavam tão diferentes da vida real, já que Maria e eu tínhamos nos ligado aqui fora no mundo desperto. Mas eu ficava imaginando o que mais eles poderiam me mostrar, o mágico estaria perdido se eu nunca mais encontrasse meu caminho para o estágio 5 novamente.

"Estou contente por ter tentado, Sr. Solomon".

"Será que você faz todo o caminho para o sono REM?"

"Pode apostar", disse eu. "Sonhos, movimento rápido dos olhos, baba, o negócio todo."

Maria atirou-me um olhar malicioso. Tínhamos decidido não falar que ela sonhou uma vez, também, cortesia da aguda hipotermia, combinado com um nocaute do bioframe dela. Ou, para dizer a Salomon que meus hormônios tinham seguido os dela para fora de equilíbrio, já que os elementos não foram calibrados para alguém dormindo seis horas por noite. Eu tinha agido como um louco o suficiente para ser teletransportado para um dilúvio na Dinamarca, na noite anterior, apenas para segurar a mão de Maria na chuva de granizo.

Nossos projetos tinham sobreposto em todos os tipos de interessante maneiras.

"E o que exatamente você sonhou, o Sr. Black?" Solomon perguntou.

Maria estendeu a mão para apertar a minha mão novamente, unhas mordiam minha carne.

"A escassez, Sr. Solomon", disse eu. "Guerra peste, fome. Todas as pedras e flechas da fortuna ultrajante que este mundo não permite."

"Sério?" Ele levantou uma sobrancelha. " *Pesadelos* é o termo antigo, creio eu. Então você deve estar aliviado por estar aqui no final."

"Certamente", eu disse, ouvindo o som de Maria rabiscando em seu caderno, fragmentos de mais palavras e imagens inspiradas por minhas mentiras. E eu decidi: nenhum ajuste ao meu bioframe esta tarde, ainda não.

Pelo menos mais uma noite de sonhos.

Mais ralo que Água

JUSTINE LARBALESTIER

Capítulo Um

Eu ia fugir, mas então eu vi Robbie tomando banho no rio.

Faltavam poucas horas para a meia-noite. A vila estava adormecida. Eu escapuli e fui andar, tentando montar um plano para a fuga. Aonde ir.

Eu peguei o caminho até o rio, desviando de teias de aranha brilhando na lua cheia, imaginando quanto tempo eu levaria para andar até a cidade. De quanta comida eu iria precisar. Quantos pares de sapatos. Uma coruja piou e começou a voar bem acima da minha cabeça. Eu me assustei, me desequilibrei e, quando eu corriji a postura, olhei para Robbie jogando água sobre sua cabeça e ombros.

A pele dele brilhava. Eram apenas as gotas de água refletidas à luz da lua e o contraste com sua pele escura, mas eu acho que esqueci de respirar.

Pela primeira vez e olhei para alguém e quis tocar. Minha mão se ergueu na direção dele.

“Jean!” ele chamou, se virando para mim e sorrindo. “Jeannie.”

Eu soltei a mão e a pele da minha face se esticou e foi ficando quente. Eu não estava tonta, mas eu ainda pensava que podia desmaiar. Eu não acho que tinha ouvido Robbie dizer meu nome antes.

“Robbie,” eu disse, me aproximando da margem do rio.

“Você estará na colina amanhã?”

Eu concordei com a cabeça, apesar de não conseguir acreditar que ele estava me convidando. Ele era tão... não era bonito ou lindo, mas havia algo, algo que me fez querer tocá-lo. Eu já tinha ouvido outras garotas falar sobre ele.

Robbie estava me pedindo para ficar atada¹⁷ com ele. Eu, com quem ele nunca havia falado antes. Eu tremi. Eu sei que parece besteira, mas eu podia sentir meus ventrículos esquerdo e direito bombeando sangue do meu coração para os meus tecidos, meus pulmões. As palavras do Robbie o fizeram bombear mais rápido. Me atar? Eu com ele?

Amanhã era Dia de Lammás¹⁸. Primeiro dia do pão feito com a nova colheita. Você leva dois pães para a Igreja como oferenda – um para dentro, para Jesus; e um para colocar ao ar livre para o povo das fadas – e se você é jovem e solteiro, você pode se atar. Um teste de casamento. Se der certo, no próximo Dia de Lammás, você oficializa. Se não der certo, você não oficializa.

As garotas sentam na colina e esperam que os garotos venham pedir a elas. Eu acabei de concordar em sentar lá e esperar pelo Robbie.

As pessoas não se atam em nenhum outro lugar além das vilas aqui perto. Os turistas vem assistir e tirar fotos dos casais com lenços que os amarram de mãos dadas. Eles acham pitoresco e adorável. Eles acham que *nós* somos pitorescos e adoráveis.

Eu não achava que Robbie era pitoresco ou adorável. Eu achava que ele era perigoso e selvagem, e não era só porque meus pais não gostavam dele, mas porque havia algo no ar à sua volta, algo que me dava arrepios. Arrepios ao mesmo tempo quentes e frios.

Lammas era o dia que havia escolhido para fugir. Porque meus pais achavam que já estava passando da hora de eu me atar. Eles haviam me dado o dia todo de folga. Bastante tempo para fugir.

“Eu vejo você lá?” Robbie perguntou.

Eu observei o jeito como sua boca se movia, seus lábios, sua língua.

“Sim,” eu disse. “Na colina.”

Eu tinha decidido ficar.

No Dia de Lammas, os rabos dos animais são amarrados com fitas vermelhas e azuis para impedir que o povo das fadas os roube. Para manter as fadas fora de nossas casas, existem cruzes sobre todas as portas e janelas. Dia de Lammas é quando o povo verde gosta de fazer visitas.

Não era diferente em nossa padaria, cruzes pregadas em todas as soleiras. Eu morava lá com minha mãe e pai, meus dois irmãos, Angus e Fergus, e suas esposas, Sheila e Maggie. Todos nós vivíamos com os rostos vermelhos, suados e enfarinhados, fazendo e assando pães dia e noite, sempre. Antes do Dia de Lammas, o trabalho é mais longo e mais difícil já que assamos pães suficientes para encher cada canto do inferno.

Era uma vida horrível.

Os turistas adoravam. Eles nos adoravam, deixavam moedas e notas em uma lata no balcão da frente, a maioria estrangeira. Era meu trabalho recolher tudo, separar e levar ao banco para trocar por dinheiro de verdade. Não para colocar *no* banco. Ah não.

Meus pais não acreditavam em bancos. Ou em países estrangeiros. Ou em nada além da nossa pequena vila engana-turistas, apesar de eles falarem que é “tradicional” e que nosso estilo de vida são “condizentes”. Nosso dinheiro ficava embaixo do colchão dos meus pais. Aquele colchão era recheado com palha. Como o meu. A palha arranhava.

A padaria era na parte da frente de nossa casa e a sala era nos fundos, e subindo as escadas barulhentas, os quartos.

Não havia televisão, nem rádio, nem eletricidade. Os fornos eram alimentados com carvão. No escuro, usávamos velas e o fogo dos fornos para enxergar. No verão, íamos para cama bem antes do sol se por e, inverno, não muito tempo depois. Verão ou inverno, estávamos sempre de pé antes que ele nascesse.

Meus pais sempre foram obcecados em manter as tradições, mas eu li em livro que antigamente todos faziam sua própria comida. Não havia padarias. Não havia turistas para alimentar. Você só dava comida para os vizinhos quando eles vinham visitar. A versão dos meus pais do passado raramente batia com aquela que meus professores me contaram ou que eu lia em livros. Eles acreditavam no povo das fadas, os homens verdes, e que as velhas baladas eram história e não lendas. Eles acreditavam em um mundo que permanecia o mesmo dia a dia, ano a ano, século a século.

Não parecia estranho para eles que os turistas vinham para vê-los permanecerem os mesmos – dia após dia, semana após semana.

“Onde estavam os turistas um século atrás? Dois séculos?” Eu perguntei.

Minha mãe me disse que eu era insolente; meu pai me ignorou. Angus disse que iria me bater se eu repetisse aquilo de novo, e Maggie riu. Não nos damos bem, meus irmãos suas esposas e eu.

Desde que eu consigo me lembrar, eu sempre quis fugir. Eu não amava minha família. Eu nem gostava deles. Eu queria morar com uma família de verdade. Uma que tivesse me deixado ficar na escola após os 15 anos de idade. Uma família que me deixasse ir para a faculdade, estudar para ser médica. Uma família que me permitisse ter uma vida de verdade no mundo real. Uma família que me deixasse ir embora.

Meus irmãos não se importavam com essa vida. Especialmente Angus. Ele gostava, mal podia esperar para assumir a padaria para o pai. Ele e Fergus não viam nada de errado em ter pouca educação, ser casado aos 16, ter filhos aos 18, ficar em casa onde não há nada além de família e assar pães e ir à Igreja aos domingos, e muito, muito raramente, fazer uma visita à Taverna Grenn Men para gritar e cantar com os companheiros. Eles gostavam de fazer as entregas numa carroça puxada por dois velhos cavalos.

Não acho que vai te chocar o fato de que meus pais não gostavam de motores a combustão.

Eles também não gostavam de estranhos.

Especialmente o Robbie.

A família do Robbie não mora na vila há gerações incontáveis. Porque Robbie não tinha família.

Ele foi encontrado quando era pequeno num cesto perto da margem. Um cesto de fadas, mandado

pelos homens verdes, todos diziam, mas o dono do moinho o acolheu de qualquer forma. Ele não tinha nenhum filho. Mas dentro de 5 anos, ele teve três e Robbie foi rebaixado. Não era mais um filho, era mais como um primo distante.

Ele morava com o dono do moinho, sua esposa, seus filhos e filhas. E na época da colheita, ele se dobrava nos campos junto com todo mundo. Mas ele não trabalhava no moinho. Robbie fazia trabalhos pouco importantes e estranhos na vila.

Não era o que meus pais consideravam um bom partido.

Meus pais não me deixavam ir embora. Não me deixavam estudar. Eles mal me deixavam ler. Meu livro *Anatomia & Fisiologia* de Goldstein tinha sumido, e quando eu reclamei minha mãe quis saber porque eu precisava do livro agora que eu tinha quase 16 anos e estava fora da escola (eles me obrigaram) e ficando velha demais para me casar.

Eu quase tinha decorado o livro, mas isso não era importante. Só o fato de ter o livro, de poder olhar os gráficos e diagramas de todos os sistemas: cardiovascular, digestivo, endócrino, excretor, imune, tegumentar, muscular, nervoso, reprodutivo, respiratório, esquelético; murmurar os nomes deles... Esse livro era o futuro que eu tão desesperadamente desejava. O futuro que meus pais haviam tirado de mim.

Então porque não me atar ao Robbie? Eles queriam que eu me unisse a alguém da vila, não queriam? E daí se ele não era um McPherson ou um Cavendish ou um Macilduy?

Eu esperava que eles não ficassem bravos *demais*. E se ficasse, bem, me atar com alguém não era como casamento de verdade. É só treino. Qualquer um de nós dois poderia desistir se quisesse.

E talvez, apenas talvez, eu pudesse convencer o Robbie a fugir para a cidade comigo. Ele estudaria música e tocaria nas tavernas. Eu trabalharia em alguma loja, bar ou até em uma padaria, e eu poderia estudar sempre que possível.

Trabalhar bastante até que eu pudesse entrar na faculdade para aprender o máximo possível sobre medicina, sobre as entradas e saídas do corpo humano. Todos os segredos que não estavam no livro *Anatomia e Fisiologia*.

Eu cheguei em casa antes da meia noite e me esgueirei até a cama. Pensei que não ia conseguir dormir, pensando em me atar com Robbie, mas eu dormi logo que fechei meus olhos, nem me mexi quando os outros se levantaram e começaram a assar pães.

O sol me acordou. Eu fiquei deitada ali na palha que arranhava por um momento, aproveitando o calor que era absorvido pela minha epiderme.

Dia de Lammas.

Eu escolhi meu melhor vestido: tecido e feito em casa, com a costura torta e o tecido menos áspero do que a palha, mas nem um pouco parecido com o algodão macio comprado em loja. Um dia, eu disse a mim mesma, eu iria usar um vestido feito por outra pessoa.

“Você está acordada, Jeannie?” minha mãe chamou.

Eu corri para o andar de baixo.

“Você está bonita,” ela disse, me dando um saco e arrumando meu avental. “Aqui tem pão e queijo e uma liga para você.”

“Obrigada, mãe,” eu disse.

“Nos dê orgulho.”

“Vou dar.”

Peguei o saco e fui para a colina para encontrar Fiona e esperar pelo Robbie. O dia estava claro, sem nenhum sinal de chuva.

Fiona riu quando ela me viu e acenou. Ela estava no topo da colina. Eu subi, acenando para as outras garotas, balançando a cabeça e sorrindo e dizendo “olá”, evitando contato com os olhos dos poucos turistas inconvenientes o suficiente para tirar fotos. Eu me sentei ao lado de Fi no topo da colina, sob o maior freixo, com calor e um pouco sem ar.

“Só você podia ter escolhido ficar bem no topo!” Eu reclamei.

“Mas olhe,” disse Fi, “dá pra ver o oceano. E aqueles pedacinhos cor de terra, acho que são as ilhas.”

Eu tentei olhar para onde ela apontava. Tudo brilhava, especialmente o mar azul sem fim se misturando com o céu azul sem fim. Eu gemi. “Pode ser.” Eu preferia a vista da auto-estrada que levava à cidade. Ou do Robbie.

“Também dá para ver quem convida quem. Vista para fofocas.”

“É verdade.” Era pra isso que vínhamos a cada dois anos. Eu parti o pão ao meio. “Você trouxe uma faca?” Ela fez que sim com a cabeça e me passou a faca. “E picles também. Comprado em loja.”

“Oba!” Eu parti o queijo e distribuí igualmente nas duas metades, depois Fi colocou o picles.

Enquanto comíamos, alguns garotos pararam e trocaram ligas com suas namoradas. Imaginei se ia demorar muito para Robbie vir me perguntar, e o que Fiona diria.

“Parece que Dougie e Susan voltaram a ficar juntos.”

“Quem pode saber quando se trata desses dois?” Eu disse, sabiamente, apesar de que eu mal os havia visto desde que meus pais me tiraram da escola. Eu nem sabia que eles estavam juntos para começar. Fi sempre prometeu que iria me manter informada, mas nós quase nunca nos víamos fora da igreja.

“Dougie acabou de comprar um carro. Só tem uns 4 ou 5 anos. Aposto que é por isso que a Susan decidiu que ela gosta dele de novo.”

Eu senti um forte pulso de inveja. Se eu tivesse um carro, eu poderia sair daqui mais rápido do que massa de pão cresce no verão, junto com o Robbie, eu espero. Ou pelo menos eu poderia fazer isso se alguém me ensinasse a dirigir.

“Onde ele guarda o carro?” Perguntei. Carros e caminhões e afins não são permitidos na vila. Os ônibus dos turistas estacionam nos arredores da cidade e eles entram andando, reclamando a cada passo do caminho.

“Lá no pasto, com todos os outros carros e ônibus. Onde mais?”

Eu concordei com a cabeça, me sentindo meio burra. Ele não precisaria esconder, precisaria? Dougie não precisava esconder. Os pais deles não queriam que ele ficasse preso na vila para sempre.

“E você?” Eu perguntei, limpando as mãos na saia. “Você - ”

Alguém tossiu. Eu olhei para cima e tive que esconder um gemido. Ao invés de Robbie, era Sholto McPherson: o garoto que mais provavelmente iria incomodar. Ele acha que só porque ele é alto e de cabelos louros, olhos azuis e pele limpa, todas as garotas do mundo estão apaixonadas por eles. Talvez algumas estejam, mas não por muito tempo – metade de uma conversa é o suficiente para se desapaixonar.

“Onde está sua liga?” ele pergunta.

“Minha o quê?” Perguntei, puxando minha saia para baixo para esconder a liga e torcendo para que ele se tocasse e fosse embora. Fi riu.

“Se nós vamos ficar atados, temos que trocar as ligas primeiro.”

“Nós não vamos ficar atados.”

“O quê?”

“Eu não quero me atar a você, Sholto. Não estou interessada.”

Sholto me encarou como se eu de repente tivesse começado a falar a língua das vacas. Nós havíamos estudado juntos (até que eu tive que sair), e durante todo aquele tempo eu nunca havia dito uma palavra educada a ele. Ele era um encenqueiro – convencido, mau e sem nenhum senso de humor.

“Por que não?”

“Eu não gosto de você, Sholto. Nunca gostei.” Você não é nenhum Robbie, pensei.

“Bem,” disse ele, claramente imaginando que o povo das fadas tinha me possuído. Sholto não acredita que exista alguma garota que não queira ficar com ele.

“Nem se você fosse turista. E mais rico que a rainha.”

“Mas – “

“Nem se fosse me atar a você ou morrer.” Eu sorri para Fiona. Eu estava quase desapontada quando ele balançou a cabeça e me disse que eu estava possuída.

“Você não está bem,” ele disse, indo embora. Na metade da descida da colina ele parou e perguntou a uma garota que eu não reconheci. Ela devia ser de uma das outras vilas, mas ela parecia saber o suficiente para não dizer sim.

Fi riu e cutucou meu braço. “Muito bem.”

“Ele é um idiota.”

“É sim. Ah, olhe. Ali está o irmão do Sholto, Charlie.”

“O que *ele* está fazendo aqui?” Perguntei.

“O pai dele disse que vai matá-lo se ele não encontrar uma garota logo,” Fiona disse.

“Mas ele não *gosta* de garotas.”

“E você acha que o pai dele vai aceitar isso como resposta?”

Eu não. Não mais do que meus pais me deixaram voltar à escola. "Pobre Charlie."

Fiona assentiu. "Pobre Charlie."

"Então você está pensando em se atar com alguém?" Eu perguntei para provocá-la.

Fi sorriu. "Estou aqui apenas para assistir. Como sempre. Você consegue imaginar o que meus pais fariam?"

Os pais de Fiona não eram como o meu. Eles tinham um carro e um rádio e uma televisão. Quando eu era pequena, eu costumava esgueirar-se para assistir às vezes. Estórias de meninas vivendo uma vida diferente da minha. Foi a primeira vez que vi o que um médico fazia e que eu poderia crescer para ser uma. Ou eu poderia se eu tivesse nascido com pais diferentes.

Os pais de Fiona queriam que ela fosse para a universidade na cidade onde os pais da mãe viviam. Eles pensavam que quinze anos era muito jovem para se atar ou casamento. E dezesseis e dezessete e os dezoito anos, também. O pai dela tinha crescido na aldeia, mas ele tinha ido embora e voltou com uma mulher e os planos para trazer mais turistas e todo tipo de crenças que não combinava com meus pais.

Havia outros como eles, que só fingiu ser essas coisas para o dinheiro dos turistas. Eles gostavam das velhas formas, não a sua coragem. Ao contrário dos meus pais, pessoas como a família de Fiona não acredita em fadas ou em meninas que estão sendo casadas antes que eles tinham idade suficiente para saber o que eles queriam da vida.

Mas não havia um número suficiente deles; de forma de que meus pais eram a maioria. Foi mudando, mas não rápido suficiente para mim.

"Você tem sorte", eu disse a ela.

Fiona não disse nada. O que poderia dizer? Ela sabia.

"Minha liga está desmanchando." Eu puxei para for a por debaixo da saia e joguei sobre o colo dela.

"Está sim. Isso significa que *você* está aqui para se atar?" Sua voz ficou lenta, como se estivesse tentando parecer feliz por mim quando na verdade ela estava triste. Eu desejei que o Robbie chegasse logo.

Fiona tinha medo de se tornar uma noiva criança. Muitos dos turistas olham para nós desse jeito. Uma vez um deles me perguntou como eu agüentava. Eu contei mentiras a ela, sobre como eu era feliz e como nossos costumes eram maravilhosos e corretos e puros e tradicionais e como eu não desejava outra vida.

Aquela garota turista tinha cabelos curtos. Não um cabelo pesado que ia além da bunda. Ela não tinha que vestir saias super longas e camisetas que pinicavam. Eu quis bater nela. Ou achar um jeito de roubar a vida dela.

E agora Fiona estava olhando para mim da mesma maneira que a turista tinha olhado. Ela sentia pena de mim. Onde estava Robbie? *Ele* não sentia pena de mim.

"Pode ser que eu me ate," eu disse, e depois, quando a cara de Fi mudou, "pode ser que não."

"Devemos fazer outra liga então?" ela perguntou.

"Há margaridas suficientes aqui em volta."

"Quanto tempo você tem?"

"Até a hora do jantar", Fiona disse, querendo dizer meio-dia. "E depois disso, eu disse que ajudaria na loja.

Você pode vir se você quiser. Tenho uma pilha de revistas novas.”

“Parece legal,” eu disse.

Nós arrancamos todas as margaridas á nossa volta e cavamos nossas unhas nos caules, fazendo uma corrente. O suco dos caules manchou nossos dedos e deu a eles aquele aroma levemente grudento e doce de verão.

“Não é tão ruim como você imagina,” eu disse a ela, pensando em Robbie com sua pele escura e olhos verdes, desejando que ele chegasse.

“Não,” Fiona murmurou, arrancando e enlaçando margaridas.

Mas era tarde demais. A lacuna que havia se aberto entre nós quando eu larguei a escola e ela não, bem, eu pude sentir que a lacuna aumentou com cada flor que era adicionada as nossas correntes. Fiona guardou os pickles dela e a faca e disse adeus muito antes do meio-dia.

Eu a observei ir embora, e depois o movimento e o vai e vem das pessoas da vila, das pessoas que se atavam, dos turistas. Mas onde estava Robbie? Eu me volvei para as margaridas, arrancando e as unindo. As correntes se empilhavam ao meu lado.

Será que ele estava brincando comigo naquela noite? Mas não foi o que pareceu. Será que eu desperdicei essa chance de fugir? Eu estava a apenas uma pequena fração de distância do desespero quando uma voz me assustou.

“Quantas correntes de margaridas?”

“É sim,” eu disse, olhando para cima. Os olhos dele eram tão verdes. “Estou tentando o recorde mundial. Quantas você acha que eu tenho?”

“Eu não poderia adivinhar – uma garota tão fraquinha como você sendo capaz de fazer uma dúzia enquanto eu dou uma piscada para tirar o sol dos meus olhos.”

“É mesmo? Uma dúzia por segundo? Então eu não estou nem perto de ter o suficiente. Estou aqui a manhã toda.”

Robbie sentou ao meu lado. Eu olhei para ele de lado, sem encontrar seus olhos. O violino dele estava jogado nas costas e seu cabelo preto encacheado estava amarrado com um pedaço de couro. Eu podia sentir como ele estava perto de mim, quase podia sentir seu suor.

“Ficar sentado sem fazer nada, brincando com flores. Quantos dias como esse existem?” ele perguntou.

Eu não podia saber se ele estava olhando para mim. Eu estava ocupada fazendo minhas correntes de

margaridas, furando e tecendo.

“Ah, não o suficiente. E mais da metade do dia de hoje já passou. Amanhã volta a rotina da padaria.” O ar explodiu para fora de mim num suspiro. Ele ia me pedir ou não?

“Não é tão ruim assim, é?” Ele pegou um monte de correntes de margaridas e contou as flores uma a uma como se elas fossem contas de um rosário.

Eu não sabia como responder. “Eu não gosto,” eu disse, porque era o mais leve que eu podia ser. Não gosto da padaria, nem da vila, nem dessa vida. Eu queria estar em outro lugar. Aprendendo, vivendo, crescendo. E não coberta de farinha e sendo gentil com turistas.

“Eu adoro aqui.” Ele disse suavemente e – eu dei uma olhada para me certificar – ele ainda estava sorrindo, mas as palavras fizeram meu coração escorregar um pouco. Eu esperava que ele estivesse tão desesperado para sair quanto eu.

“Sério? Mas eles são todos tão...” A maioria das pessoas da vila o deixava de lado, diziam que seus olhos verdes eram muito parecido com os do povo das fadas. Não importava que metade da vila tivesse olhos verdes. Em algumas luzes, os meus também são verdes.

Ele deu de ombros, depois virou para mim quando eu olhei para cima. Isso. Ele olhando para mim, eu olhando para ele.

Eu preendi a respiração. Ele *ia* me pedir.

Ele não desviou o olhar. Eu notei os calos no nariz dele.

Deve ter que quebrado uma vez. Mais de uma vez. Havia uma cicatriz também, abaixo do olho esquerdo. Eu nunca tinha olhado para ele tão de perto antes. Eu deixei minha respiração sair. “E onde o senhor estava, Mestre Robbie? Eu esperei muito!”

Ele riu. “Construindo uma casa.”

Agora eu ri. “Nunca!”

“Nós temos que morar em algum lugar. O moinho está cheio de gente.” Ele se inclinou para mais perto. Havia uma leve cobertura de suor sobre o lábio superior dele. “Fico feliz que ontem a noite tenha sido real. Fiquei com medo de ter sonhado. Mesmo eu não tendo conseguido dormir.”

“Não foi sonho.” Eu fui a primeira a desviar o olhar, para baixo, para minhas mãos manchadas de verde por causa das margaridas. “Eu gosto de como sua pele é pálida. Até suas sardas são claras.” Robbie colocou a bagunça de flores no chão e procurou minha mão. “Você quer se atar a mim?”

As palavras que tinha circulado dentro dos meus ouvidos e do meu coração o dia todo foram ditas.

Eu olhei para cima, para os olhos dele, verdes e afiados como o ciúme, e eu não consegui pensar em mais nada além dele. Ele se inclinou na minha direção e nossas bocas se tocaram e nossos braços se envolveram. A sensação de estar com ele, seu cheiro, seu gosto, eu achei que ia explodir.

Eu nunca disse *sim* em voz alta, mas nós ficamos juntos e aquela noite o encontrou comigo na lareira da minha família, com tecido ligando nossas mãos, e nosso ano juntos havia começado.

Nem minha mãe, nem meu pai, nem Angus nem Fergus nem as noivas deles sorriram. O rosto deles estavam como pedras. Mas eles não nos impediram.

O que diziam sobre o Robbie na vila era o seguinte: eles diziam que ele era um músico muito, muito bom.

E isso era verdade.

Quando ele tocava, toda a estrutura do rosto dele se alterava e o olhar dele era de outro país. Algum lugar longe daqui.

Nós temos alguns dos melhores violinistas do país, mas não como Robbie, nada como ele. Era quase como se a alma dele estivesse nos dedos quando ele tocava. Impossível não chorar quando ele tocava baladas, impossível não dançar quando ele tocava *jigs*¹⁹. Ele era o melhor que eu havia ouvido.

Bom demais, eles diziam.

Eles resmungavam que ele só cortava as unhas aos Domingos. Old Nick fazia tocar bem e com certeza, eles diziam, era daí que vinha a agilidade de seus dedos. E quem já havia visto antes olhos tão verdes em alguém de pele tão escura?

Eles diziam que nós dois não iríamos durar. Nem um ano.

Nossa primeira noite juntos foi difícil. Não era que a casa que ele havia construído não estava terminada. Em doze horas ela havia construído uma cabana com telhado, chão e buracos para janelas e uma porta. Até uma lareira rudimentar. Eu me perguntei se o povo das fadas havia ajudado. Até mesmo o colchão não era pior do que aquele ao qual eu estava acostumada.

Não era por causa da casa, era por causa dos bebês.

Eu não queria nenhum.

Nós entramos beijando pela porta. Minha boca na dele, língua e lábios e dentes. Eu podia sentir o calor de tudo – dele, de nós – em ondas através do meu sistema nervoso simpático. Minhas mãos estavam na camisa dele, sentindo o contorno das costas dele, e depois ele tirou a camisa e eu estava sentindo a pele dele. Ele estava mexendo no meu vestido, puxando-o para cima, e suas mãos estavam nas minhas coxas e a

sensação foi tão intensa que eu fiz um barulho, e depois que eu percebi, segurei os pulsos dele.

“Não, Robbie,” eu disse, forçando as palavras a saírem. Ele me encarou.

”Não? Mas nós estamos atados.”

“Eu sei. Estamos.” Eu o soltei, sentei no colchão. Não tinha outro lugar. Nada de cadeiras. Apenas uma caixa de madeira com suas coisas dentro e um saco com as minhas. Ele se sentou do meu lado. Perto demais.

Meus dois ventrículos estavam bombeando mais rápido do que nunca. Eu estava ofegante. Eu imaginei se seria sempre assim. Será que o desejo sempre fazia seu coração explodir?

“Não posso ter filhos.”

“Não pode? De verdade?” Ele olhou para mim com tristeza. “Eu sempre quis filhos.”

Eu respirei fundo. A coxa dele estava encostando na minha. Eu podia senti-la através das camadas de vestido e calças de tecido feito em casa. A camisa dele estava no chão. “Quero dizer que eu não quero ter filhos.”

“Nunca?” Ele estava chocado.

“Agora não. Sou muito ova. E eu não quero ficar aqui –“

“Mas nós acabamos de nos atar! Porque você disse sim se você não quer –“

“Mas eu quero! Quero sim. Quero ficar com você. Podemos ir embora juntos. Quero voltar para a escola. Quero estudar bastante e ir bem. Eu quero ir para a Universidade na cidade. Quero ser médica.”

“Médica?” Robbie disse como se eu tivesse acabado de dizer que queria ser montanha.

“Sim, mas se nós, você sabe. E se eu...” Por que eu sempre tinha tanta vergonha em dizer as palavras “grávida” ou “sexo”? Se eu me tornasse uma médica, eu teria que dizê-las o tempo todo. Eu fiquei vermelha. Eu podia explicar o que causava isso, fisiologicamente ; dilatação dos pequenos vasos sanguíneos da face, levando a um maior fluxo de sangue – mas eu não conseguia fazer parar.

“Você não quer ir em frente porque você não quer ficar grávida porque isso ia impedir você de virar médica? É isso que você está dizendo?” Ele sorriu, mas era torto.

Eu concordei com a cabeça.

“Você sabe que há maneiras – “

“Sim”, eu disse, com as bochechas ainda quentes. “Mas elas não são confiáveis. Ou se são, nós não

podemos comprá-

las.” Até onde eu sabia, ninguém na vila tomava pílula. A maioria provavelmente nem sabia que isso existia. O

farmacêutico estava a 3 vilas de distância e ele não iria vender uma coisa na qual ele não acreditava.

“Então, o que você quer dizer, Jeannie? Você quer dizer que não vai me beijar?” Ele se inclinou para frente e colocou seus lábios contra os meus e meu coração começou a bombear com força, tanto o ventrículo esquerdo quanto o direito.

“Sim,” eu respirei, pressionando meus lábios contra os dele. Existem mais terminações nervosas nos lábios do que praticamente em qualquer outra parte do corpo humano.

“Sim, você não vai ou sim, você vai?”

“Sim, eu vou te beijar,” eu disse, beijando o lábio superior dele e depois o inferior. A boca dele abriu só um pouco.

Senti a língua dele contra a minha.

Nos beijamos com mais intensidade. As mãos dele estavam no meu rosto, depois no meu cabelo, descendo pelas minhas costas. Eu podia sentir tanto onde elas estavam agora quanto onde elas estiveram antes.

“Oh.” Eu disse.

Eu nunca havia me sentido assim. Tão cheia de calor. Tão superada. Com tanta necessidade. Ele estava puxando a saia do meu vestido para cima.

“Robbie.” Eu sussurrei.

“Só para tocar,” ele disse. Ele se inclinou e beijou minha coxa nua, depois olhou para cima, para mim, sorrindo.”Não se pode plantar sementes só tocando.”

Mas isso pode fazer a gente querer plantar.

A noite toda, nos tocamos, nos aproximando, nos afastando, ficando exaustos. Só dormimos depois do amanhecer.

Na manhã seguinte, Robbie disse que ele esperaria. “Eu nunca vou te obrigar a fazer nada que você não queira.”

“Você promete?”

“Eu prometo,” ele disse, passando os dedos pela minha bochecha. Eu tremi. “Mas eu não posso prometer que não vou reclamar.” Ele sorriu. “Você está falando sério? É isso que você quer?”

“Ser médica. Sim.” Eu nunca quis outra coisa. Exceto por ele, e ele era um desejo muito novo.

“Ir embora?”

“Sim!” Eu podia imaginar a liberdade da cidade. Um lugar onde nem todos que você encontrava sabiam onde você morava, onde trabalhava, quem eram seus pais e todos seus outros parentes.

“Bem, então eu vou ter que ir com você,” ele disse lentamente. “Tudo que eu sempre quis foi tocar meu violino e encontrar uma garota parecida comigo. Agora eu encontrei. Acho que posso tocar lá tão bem quanto toco aqui.”

“Há música na cidade, Robbie. Um monte. Mas eu aposto que nenhuma é tão boa quanto a sua.”

Ele riu. “Como poderia ser? Nenhum daqueles violinistas carrega Old Nick no bolso de trás!”

Então, à noite, nós ficávamos abraçados. Nós nos beijávamos, nos tocávamos, ficávamos juntos, mas nada mais, não importava o quanto queríamos. Durante o dia, Robbie aceitou mais trabalho: vendia ingressos para os turistas, tocava para eles, consertava as cercas dos McKenzie, as portas da igreja, qualquer coisa que ofereciam a ele.

Eles não deixaram que eu voltasse para minha antiga turma, então não pude sentar ao lado da Fiona. Eles me jogaram com as crianças um ano mais novas do que eu.

Eu não me importava. Eu trabalhava mais do que eles. Minha antiga professora começou a me emprestar livros de novo, e dessa vez eu não precisava escondê-los. Ela me deu outra cópia de *Anatomia e Fisiologia* de Goldstein – o livro que minha mãe havia tirado de mim. Eu não ia perdê-lo duas vezes.

Eu ia me formar. Eu iria para a Universidade. Eu não me importava que na história da nossa escola apenas dois alunos tinham conseguido entrar na Universidade e nenhum dos dois conseguiu diploma. Eu seria diferente. Eu e Fiona.

Robbie disse que ele nunca tinha conhecido ninguém como eu. Quando eu falava sobre Universidade, sobre a cidade, ele só olhava para mim como se fosse impossível de imaginar. Uma vez, ele disse, “E quando você for médica, você vai voltar para cá, não vai?”

Essa foi nossa primeira briga. Eu não conseguia entender como ele podia amar esse lugar; ele não conseguia entender meu ódio.

“Eles te detestam,” eu disse. No caminho de volta da Igreja naquela manhã, os garotos Macilduy cuspiram nos pés de Robbie. Ele continuou andando como se nada tivesse acontecido.

“Nem todos.”

“Eles acham que você é do povo das fadas.”

“Olha o que eles fizeram com seu rosto,” eu disse, tocando o nariz dele, a cicatriz sob o olho dele. Era só um palpite, mas ele se encolheu. “Ninguém te trataria assim na cidade.”

“Você não sabe disso,” Robbie disse, pegando seu violino e saindo de casa.

Não nos sentávamos com minha família na Igreja. Não éramos convidados para comer com eles. Passaram-se meses até que minha mãe viesse me visitar. Ele se assegurou de que Robbie não estaria em casa.

“Olhe só como sua cabana é pequena,” ela disse, sentando-se na cadeira que Robbie havia feito. Eu me sentei no colchão. “Você podia ter conseguido coisa melhor.”

“Eu gosto.” Robbie estava trabalhando em uma outra cadeira e num armário também, para que tivéssemos um lugar para colocar os pratos e talheres comprados em loja que a família da Fiona tinha dado para nós.

Grudado neles havia pequenos adesivos escritos “Fabricado na China”. Eu nunca tinha tido algo que viesse de tão longe.

“Ele não é bom o suficiente para você.”

“Eu gosto dele.” Cada dia eu gostava de Robbie um pouquinho mais. Ele não só me dava calafrios, ele também me fazia rir.

“Ele vai te bater.”

Eu dei uma risada, depois me encolhi, esperando que ela me batesse. Depois eu percebi que estava na minha própria casa; ela não podia me tocar. “Não é o Robbie que é violento.” Pensei no nariz dele, nas bochechas.

“Espere só para ver.”

“Você quer um pouco de chá?” Ainda não tínhamos fogão mas a lareira não estava mais soltando tanta fumaça quanto antes. “Não vai demorar muito.”

Mamãe sacudiu a cabeça. “E por que você voltou para a escola?”

“Eu gosto da escola.”

“E ele deixa você ir?”

Eu percebi que mamãe não tinha pronunciado o nome de Robbie. Nem uma vez.

“Você ouviu que as vacas dos McKenzies ficaram doentes?”

Eu tinha ouvido falar. “E as dos Cowans também.”

“Ele não está trabalhando para os McKenzies? Consertando cercas?”

“E daí?” eu perguntei, me divertindo com meu ar desafiador. Encarar minha mãe na minha própria casa me dava força. “Vacas ficam doentes às vezes.”

“As pessoas estão falando,” minha mãe disse, sorrindo pela primeira vez. Não era difícil imaginar quem estava falando. Minha família encabeçava a lista.

“É isso que as pessoas fazem.” E às vezes as coisas que elas dizem não são maldosas.

“É melhor você rezar para que elas não morram.”

“As pessoas?” perguntei.

“Não, as vacas.”

“Vacas morrem o tempo todo.”

Mamãe chupou os dentes. “E se você tiver um bebê?” ela perguntou, tirando um saco de ervas do bolso entregando para mim. “Isso vai te manter livre.”

Depois que ela foi embora, eu enterrei as ervas ao lado das primulas selvagens na horta que eu havia criado. Dois dias mais tarde, as primulas estavam mortas.

Da próxima vez, minha mãe veio com uma bisnaga de pão cevada. Ela parecia cansada. Mais cansada do que o normal. Eu empurrei meus livros para o lado para que ela pudesse colocar o pão na mesa que Robbie tinha acabado de terminar de fazer. Ela suspirou enquanto se jogava em uma cadeira. “Você vai continuar com ele no ano que vem?”

Eu puxei a outra cadeira. “Claro,” eu disse. Eu estava feliz. Havia Robbie e meus estudos – no dia anterior eles tinha me colocado numa série mais avançada. Eu voltei a sentar ao lado da Fiona. Mamãe começou a chorar.

Eu nunca havia visto minha mãe chorar antes. Eu bati no ombro dela. “Eu te amo,” ela disse. Ela nunca havia dito isso antes também. Eu tinha visto programas de televisão na casa da Fiona onde os pais diziam os filhos que eles os amavam, mas eu nunca havia visto isso na vida real. Eu não sabia o que eu deveria dizer. “O que foi, mãe?”

“Apenas me prometa que no final do ano você não vai transformar isso em um casamento de verdade.”

“Não posso prometer isso. Eu o amo.” Era verdade, eu percebi, apesar de não ter dito ao Robbie ainda.

“Você não está grávida, está?”

Eu sacudi a cabeça, mas eu não disse para ela que não havia chance disso. Eu não queria que ela soubesse de nada que havia acontecido – *ou não havia*- entre essas paredes.

“Bem, eu tentei,” ela disse, secando os olhos, levantando-se.

“Como assim, você tentou?”

“Dizer a você que você ficará melhor sem ele.”

“Mas eu estou melhor *com* ele. Estou feliz. Eu nunca fui feliz antes.”

Mamãe me encarou, seus olhos vermelhos por causa das lágrimas. “Ele é do povo das fadas, você sabe disso, não sabe? Ele não é direito.”

“Ai, mãe.” Eu suspirei. Como ela podia acreditar nisso? “Olhos verdes não significam nada. Você tem olhos verdes.”

“Não iguais aos dele,” ela disse, sacudindo a cabeça. “Você não acredita, mas deveria. Olhe só para esse lugar. Até o cheiro é de fada. Seu pai quer você em casa. Ele vai esperar até que o período de se atar acabe, mas só se você prometer.”

“Prometer o quê?”

“Que você não vão vai transformar isso em um casamento de verdade.”

Ela ainda não dizia o nome de Robbie. “Não, não vou prometer. No final do ano, eu vou me casar com Robbie de verdade. É o que eu quero.” E sair dessa vila horrível.

“Isso é um erro.”

Eu não disse nada.

“Você tem certeza?”

“Sim,” eu disse.

“Eu vou embora, então,” mamãe disse, se levantando.

“Tão cedo? Não quer uma xícara de chá? Bolinhos? Eu mesma fiz,” eu disse, apontando para o forno que Robbie havia construído.

Ela sacudiu a cabeça. “Não, não. Eu tenho que voltar para a padaria. Seu pai está lá sozinho. E tem quatro ônibus cheios de intrometidos chegando.”

Ela levantou as mãos e tocou minha bochecha. Outra coisa que ela nunca havia feito antes.

Mais tarde eu descobri que Fiona tinha vindo nos avisar, mas ela chegou tarde demais. Minha família e uma turma atrás deles chegaram à nossa cabana antes. Estávamos nos beijando. Minhas mãos estavam sob a camisa dele e as dele estavam na minha cintura. Eu estava desejando que houvesse uma maneira de ter filhos e ainda terminar a escola e ir para a Universidade e ser médica.

Robbie murmurou em meu ouvido, as palavras dele estavam abafadas e tudo que eu conseguia ouvir era desejo.

“Eu amo você,” eu disse a ele. Mais tarde, eu fiquei tão feliz com essas palavras.

“E eu amo você, Jeannie,” ele respondeu, olhando direto nos meus olhos, encostando as mãos nos meus lábios.

“Sempre.”

Foi quando eles começaram a esmurrar a porta. Nós demos um pulo. Robbie me puxou para perto. Meu pai, Angus e Fergus entraram.

Atrás deles, eu pude ver minha mãe, Sheila e Maggie, mais da metade da vila. Algumas tochas. Meu pai carregava um machado.

“O quê?” Robbie e eu dissemos juntos. Eu me apertei para mais perto dele, segurei os braços dele contra meu peito.

“Há uma reunião,” meu pai disse. “Gostaríamos que você viesse.” Ele estava olhando para Robbie, não para mim.

“Muito obrigado pelo convite,” Robbie disse, me abraçando mais forte. “Mas temos outros planos esta noite.” Eu concordei com a cabeça, sabendo que se eu falasse, minha voz iria sair muito trêmula.

“Você virá conosco,” meu pai disse.

“Pa-a-i?” eu gaguejei. “quero que ele fique.” Minha voz estava fina.

“Vamos, Jeannie,” Angus disse, todo cheio de si. “Deixe que ele venha. Estamos fazendo isso por você.”

“Fazendo o que, exatamente?” Robbie perguntou, a voz dele estava firme. “Não vejo necessidade de sair da minha casa.”

“Vamos levá-lo,” Fergus disse.

Os três deram um passo a frente. Nós demos um passo para trás. Seguramos um no outro com mais força. “Não,” eu disse. Eu queria ter gritado, mas minha garganta estava fechada.

Angus me agarrou. Eu soltei o Robbie e comecei a sacudir os braços. Tentei formar punhos, mas meu pânico veio contra mim. Eu acho que consegui chutar a canela do Angus uma ou duas vezes. Queria estar usando sapatos.

Havia mais homens na casa agora. Eu vi Sholto McPherson e seu pai, os garotos Macilduy, os McAndrew, Cavendishes e os McKenzies também. Eles estavam puxando o Robbie para longe de mim e me puxando para longe dele. Ele deu socos e chutou, mas havia muitos deles.

“Soltem ele!” eu gritei, mas não consegui ouvi minhas palavras. Havia tantas pessoas gritando, agarrando, falando palavrões. Pratos se espatifavam. Madeira se quebrava. Eles o arrastaram para fora, cuspidando nele, chutando. Ele bateu tanto quanto apanhou. Eu vi sangue no rosto dele. “Robbie!”

Meus braços foram presos atrás de mim. Sholto McPherson e Fergus estavam lutando para prender minhas pernas. Eu chutei Sholto bem na cara. Meus dedos doeram muito, mas valeu a pena. Eu queria ter quebrado o nariz dele.

“Robbie!” Eu não conseguia vê-lo agora.

“Fique quieta, garota,” minha mãe disse. Sheila e Maggie ao lado dela. “Podem ir agora, Angus, Fergus, Sholto. Nós a seguramos.”

Assim que eles me soltaram, eu tentei correr para a porta, mas minha mãe estava certa, ela estava me segurando. Ela e as cunhadas me derrubaram no chão e me seguraram ali. “Me solte, mãe. Me deixe ir até ele.”

Eu tentei me levantar à força, mas Maggie estava sentada nas minhas pernas. Ela estava sorrindo. “Não devia ter se atado a um demônio, não é?”

”Ele não é um demônio.”

“Tire esse sorriso dos lábios, Maggie,” mamãe disse, “Não é uma situação para se ficar rindo.”

Maggie não disse nada, mas seus olhos estavam sorrindo. Se Sheila e mamãe não estivessem segurando meus ombros eu teria arrancado os olhos dela.

“O que eles estão fazendo com ele?” eu perguntei, lentamente. Era difícil colocar as palavras para fora sem chorar também. Eu não iria chorar na frente delas.

“Julgando,” mamãe disse. “Será feito de maneira justa.” Eu duvidei daquilo. Eu fechei os olhos e

mordi o lado de dentro da bochecha. “O que vai acontecer com ele?”

“O que ele merece.”

“O que será isso?” Ele merece estar comigo longe desse lugar, mas não seria isso que eles dariam a ele.

“Vocês conseguem segurá-la, meninas? Acho que vou fazer chá para nós.”

Eu não sei quando tempo passou até Fergus voltou e conversou com mamãe aos sussurros. Pareceu que foram horas.

Meses. Eles me deixaram levantar. Eu estava encolhida no colchão, olhando fixamente para o armário cheio de pratos quebrados, ouvindo os sussurros, mas não conseguindo decifrar nenhuma das palavras. Eu estava me esforçando para não pensar, não imaginar. Não conseguia suportar a idéia do que eles tinham feito.

“Há algo que temos que mostrar a você,” mamãe disse, finalmente, virando-se para mim. Eu me levantei, sentindo cada ferimento que eles haviam me causado.

Eu coloquei meu xale nos ombros, mas não adiantou de nada para me aquecer.

Eles me levaram até o rio: minha mãe, Sheila e Maggie e Fergus, de mãos dadas, como se estivéssemos em uma excursão para colher plantas que florescem no escuro. Eu meio que esperavam que eles começassem a saltitar. Se eu pudesse, eu os teria matado.

“É logo ali na frente,” Fergus disse.

“Você não pode fazer escândalo,” minha mãe disse, virando-se para mim. “Ou então eles vão fazer o mesmo com você.”

Eu vi uma pilha de trapos. Metade dentro do rio, metade para fora.

Não eram trapos. O aperto na minha garganta aumentou e se espalhou. Eu me ajoelhei ao lado dele. Sua cabeça e seus ombros estavam dentro da água. Ele não se mexia.

“Mas Robbie nunca machucou ninguém,” eu disse, suavemente. Eu desamarrei as mãos dele, presas no alto das costas.

Os nós estavam molhados e difíceis de serem desfeitos. Os dedos dele estavam inchados

e quebrados. Os braços também. Eu empurrei o corpo dele, tentando virá-lo. Eu estava ofegante agora, e molhada.

Ele não se parecia com Robbie. O nariz dele tinha sofrido tantos golpes que estava amassado em seu rosto. Os olhos dele estavam insossos. Nem um pouco verdes. E a pele dele estava pálida como nunca estive; como se não houvesse sangue circulando abaixo dela. Ele não tinha o cheiro do Robbie também. Eles

tinham levado meu Robbie embora.

“Ele era um diabo,” mamãe disse. “Um bruxo.”

“Ele era meu marido. Meu amor.”

“Vocês estavam apenas atados,” ela disse. “Não era nada real. Ele enfeitiçou você, só isso.”

Ela colocou seu braço no meu e me puxou da água. Eu estava muito entorpecida para rejeitá-la. Eu não conseguia gritar. Tudo estava congelado dentro de mim.

“Ele tinha olhos verdes,” mamãe continuou. “E o jeito que ele tocava. Bem, não era direito. Ninguém sabe quem é o pai dele. Ou a mãe. Sabia que a vaca dos McKenzies morreu? Logo depois que ele construiu as cercas.”

Isso não era real. Nada como aquilo jamais aconteceu em nenhum dos programas de televisão que eu havia visto com Fiona, nem nos livros e revistas que líamos juntas. Não agora. Não nesse mundo. Nesse país.

Eles eram todos malucos. Por que eu tinha nascido nessa vila? A menos de 40 quilômetros da cidade, mas a mais de 100 anos de distância.

Eles me levaram para a igreja e me mergulharam em água benta. Acho que alguns ficaram tristes de ver que não houve barulho de vapor, nem borbulhas na água do calor da minha pele que tinha estado tão perto da dele.

“Pobre coitada, ficou atada e de mãos dadas com um demônio. Muito sortuda de ter se libertado sem danos.”

Se eu tivesse tido forças, eu teria cuspidos neles, chutado e dado murros e gritado. Eu não tinha mais forças. Tudo o que pude fazer foi implorar para que eles me deixassem enterrar meu Robbie.

Minha mãe interveio, então eles permitiram, mas não no cemitério da igreja, e nada de lápide.

Fiona, a mãe dela e o pai dela empunharam as pás comigo. Fiona estava chorando. A mãe dela também. Eu queria que elas parassem. Fazia meus olhos arderem. Elas ficaram me falando coisas, e eu ouvia, mas não conseguia entender nada. As palavras delas flutuavam sobre mim.

Meus olhos estavam baixos a maioria do tempo, olhando a terra atingir o peito de Robbie, suas pernas, seus braços, seu rosto arruinado e sem sangue. Mas a pior parte foi quando ele foi totalmente coberto. Não havia mais ele, apenas terra.

Depois disso, Fiona e seus pais me arrastaram mais longe para dentro da floresta e depois para o pasto. Eu não perguntei para onde estávamos indo. Eu mal conseguia enxergar. Minha mente estava presa com o Robbie com a cabeça dentro do rio. Robbie com a terra sobre ele. Eu tentei lembrar dele rindo e do sorriso

dele, quando os olhos dele ainda eram verdes, mas tudo que eu conseguia ver era seu nariz esmagado, seus dedos quebrados, as queimaduras da corda em volta de seus pulsos.

“Maldição!” O pai de Fiona estava gritando. Eu estava no carro deles. Fiona ao meu lado. A mãe dela na frente virando a chave, mas nada acontecia. Do lado de fora, o sol estava nascendo. Eu podia ver os campos dos dois lados.

“O que aconteceu?” Perguntei.

“O carro quebrou,” Fiona disse, saindo. Eu a segui.

O pai dela estava agachado na frente do carro, falando palavrões. “Tente de novo!” ele falou.

“Eu sinto muito,” Fiona me disse. Eu não tinha certeza porque ela sentia muito. Por causa do Robbie? Do carro? Da vila?

“Eu também,” eu disse.

O pai dela fechou o capô com força. Ele balançou a cabeça para mim. “Sinto muito, Jeannie, vamos ter que virar o carro e empurrar de volta para a cidade. Dougie pode dar uma olhada. Ele é ótimo com motores. Vamos tirar você daqui quando estiver consertado,” ele me disse. “Eu prometo. Não nos esqueceremos de você.”

“Queria que você pudesse ficar com a gente,” Fiona disse. “Você sabe, até que o carro esteja consertado.”

Eu concordei com a cabeça. Aquilo era impossível. Já havia muita rixa entre a família dela e meus pais.

“Vou ficar na cabana,” eu disse, tentando não pensar no que tinha acontecido lá. “Acho que há dinheiro suficiente para eu me sustentar até o final do ano escolar.” Eu nunca tinha morado sozinha, mas a cabana era minha. Cada pedaço de madeira havia sido tocado pelo Robbie. Eu *precisava* ficar lá.

“Oh,” disse Fiona, olhando para baixo. Estávamos sentadas na cozinha dela. Os pais dela tinham ido abrir a loja.

Ainda tínhamos uma hora antes da aula começar. “Oh?”

“A cabana. Eles –“

“O que eles fizeram?”

“Acabou, Jeannie. Eles a demoliram. Destruíram.”

Dessa vez, eu chorei, vendo Robbie tão destruído quanto a cabana.

Minha mãe veio me buscar na metade da primeira aula do dia. O filhinho de Sheila e Angus, Tommy estava doente com cólica e não havia ninguém para cuidar dele.

Me dispensaram da aula.

Eu andei ao lado dela e não falei nenhuma palavra. Não toquei nela também. Eu jurei que não tocaria ou falaria com nenhum deles.

Minha mãe não me disse nada sobre minha mudança de volta para a padaria, mas havia um saco com as minhas coisas na minha antiga cama. Dentro dela não havia livros, nem dinheiro, nada que Robbie havia me dado, apenas roupas.

Eles me acordaram a meia-noite para que ajudasse com os pães. E quando chegou a hora de ir para a escola, tive que cuidar de Tommy de novo.

Eu trabalhei dura nas massas, dando forma, amassando e lutando para que elas virassem pão.

Ao final da semana, eu fui andando até a casa de Fiona. O carro ainda estava quebrado. Dougie não sabia o que estava acontecendo. Ele havia pedido algumas peças novas, então talvez na próxima semana.

Não consegui esperar até lá. Fiona me deu dinheiro, o endereço da tia dela na cidade, comida e água e a bicicleta dela.

O pneu furou com menos de um quilômetro. Eu coloquei a bicicleta na beira da estrada e desamarrei a mochila dela para carregar em meus ombros. Dei dois passos e desmaiei com uma terrível dor na barriga.

Meu pai me encontrou e me carregou de volta para a padaria. A parteira veio, disse que eu estava cansada e seca por dentro (exausta e desidratada, como um médico de verdade diria). Fiquei na cama o resto do dia bebendo água, fazendo xixi em uma panela e odiando minha família e a vila.

Os pais de Fiona compraram outro carro. Dessa vez, meu pai, Angus e Fergus me encontraram antes que deixássemos o pasto. Eles não perguntaram para onde estávamos indo. Eles apenas ficaram na frente do carro como carvalhos. Os rostos deles não se moviam. Eles não respondiam a nada que o pai de Fiona lhes dizia.

Eu os segui para casa em silêncio.

Então era verão de novo, e mais um Dia de Lamma. Lá estava eu, com quase dezessete anos, já viúva, nem perto de sair desse lugar. Daqui a um ano, Fiona saberia se ela tinha conseguido entrar na Universidade. Ela poderia já estar morando na cidade. E eu ainda estaria aqui.

Eu concordei em me atar a Charlie McPherson porque eu não conseguia agüentar mais uma noite na casa dos meus pais. Além do mais, ele não queria me tocar tanto quanto eu não queria tocá-lo. Ele não

gostava de garotas; eu não gostava de ninguém que não fosse Robbie.

Charlie era um homem bom e gentil. Nos atar um ao outro manteve nós dois em segurança. Apesar de vivermos perto da família dele, não morávamos com eles. O pai dele estava tão entusiasmado em ver Charlie com uma garota que ele o ajudou a construir uma cabana. Não era como a antiga cabana. Havia quatro quartos e não um, e suas paredes e janelas não tinham graça. Mesmo assim, era melhor do que a padaria e eu fui poupada de ter que dividir o pão toda manhã com o irmão vaidoso e assassino de Charlie, Sholto.

A vida ficou mais fácil e seguiu em frente. Charlie e eu guardávamos todo o dinheiro que ganhávamos cuidando dos turistas. Descobri que ele queria tanto ir embora quanto eu. Quando chegássemos á cidade, nós trabalharíamos em qualquer emprego que conseguíssemos achar e voltaríamos para a escola. Charlie era rápido com os números e queria fazer algo – qualquer coisa – que o cercasse de números todos os dias. Um professor de matemática, talvez. Ele não se importava. Ele não era Robbie, ou mesmo Fiona, mas eu gostava dele. E eu sabia que ele não estava envolvido na morte do Robbie. Não era como o irmão dele ou o pai ou metade da vila.

A tristeza em volta do meu coração começou a se acalmar. Só um pouco.

Em algum lugar essa calma foi marcada e, no Dia de Lammás seguinte, quando eu tinha dezessete anos, dois anos após aquele ótimo dia de verão quando Robbie sentou ao meu lado e me pediu para dar as mãos com ele, naquele dia, meu Robbie voltou para a vila.

Eu estava voltando para casa, vindo do poço, com um pote em uma das mãos e a primogênita de Maggie e Fergus, Bonnie, sobre meu quadril, quando eu o vi. Ele andou na minha direção, mais alto do que eu me lembro, com roupas muito mais elegantes. Eu dei um grito. Minha boca se abriu. Se fechou. A imagem dele estava ali, em minhas retinas, mas meu cérebro não conseguia entender.

“Robbie?”

O nariz dele estava reto. A cicatriz na bochecha dele tinha sumido. Bonnie se mexeu no meu quadril, tentando puxar meus cabelos com seus dedos melados. Como poderia ser o Robbie? Ele andou direto para mim. Ficou a menos de trinta centímetros de distância. Ninguém gritou, ou tentou pará-lo, ou jogou pedras nele. Ninguém mais estava gritando. Ninguém olhou para ele. Ele era um fantasma.

O silêncio, como uma névoa, desceu sobre a vila. O movimento de todos ficou mais lento, e depois parou totalmente.

Bonnie parou de tentar agarrar meu cabelo. Um fio de cuspe parou pendurado no lábio dela, mas não caiu.

“Você está ...” eu comecei, sem saber como montar minhas perguntas. Eu queria colocar o bebê no

chão, me jogar nos braços dele. Robbie me encarava de volta. Havia um tom esverdeado na pele dele como se estivesse estado doente. Eu coloquei o pote no chão e o bebê imóvel de meu irmão ao lado dele.

“Seu corpo é falso,” ele disse, “mas seu rosto está belo. Você não levou muito tempo, para encontrar outra pessoa, levou? E um bebê também.”

“Um bebê?” perguntei, confusa. “Ela não é minha filha, Robbie. Ela é do meu irmão. Por que você está falando tão estranho? O que você é?”

“Onde eu estive, Jeannie, eu poderia ter tomado uma nobre moça, uma rainha, para ser minha esposa. Mas eu não conseguia esquecer minha Jeannie e os votos que fizemos.”

“Onde você esteve, Robbie? Você está – você estava – morto. Eu vi seu corpo. Eu te enterrei.” Meus olhos ardiam. Eu ainda conseguia vê-lo deitado em sua cova. Seu rosto e dedos quebrados. E aqui estava ele sem nem um calombo no nariz. Eu queria tocá-lo, me aproximar, cheirá-lo, ver se aquele era o meu Robbie.

“Eu desprezei as riquezas dela, suas pérolas, suas peles, sua luz. Eu desprezei sua doçura porque não havia nada em meu coração a não ser a vontade de voltar para você. Mas você não é mais donzela, é?”

“Sou sim.”

“Você é?” Ele disse, com o tom duro e incrédulo. “Você se casou novamente. Eles me disseram.”

“Com o Charlie McPherson. Você se lembra do Charlie?”

“Você está dizendo que esperou por mim? Se manteve intacta?” Ele estava bravo.

“Eu nunca te enganei,” eu disse a ele. “Você tinha morrido. Eu te enterrei. A sete palmos e sem flores em cima.

“O que é o solo senão um caminho para o reino abaixo?”

Eu me sentei, ou melhor, minhas pernas cederam sob mim.”O reino abaixo?”

“Onde o povo belo vive. Onde seu rei e rainha mandam. Era a rainha deles que me queria.”

O povo belo. O povo verde. Fadas. Todas as coisas em que meus pais acreditavam e das quais eu queria distância na minha educação. “Eles vivem no subterrâneo? O povo das fadas?” Coloquei minha mão na terra, enterrei minhas unhas, esperei que algo me agarrasse.

Robbie se agachou, se inclinou para perto de mim. Ele cheirava a aquilo, à terra. Seus olhos estavam maiores do que antes. E muito, muito mais verdes. Eu me estiquei para tocar a mão dele. Era quente, como se o sangue ainda circulasse sob as camadas de pele. Eu estava esperando que fosse frio. A pele dele contra a minha – epiderme contra epiderme – me fez sentir do jeito que eu me sentia quando ele estava vivo: desejo.

Ele se inclinou para mais perto. Os lábios dele estavam quase tocando os meus. O hálito dele cheirava à terra. Eu queria beijá-lo.

“Eu poderia te matar,” ele disse. Ele colocou uma das mãos em cada lado da minha cabeça. “Estou muito mais forte agora. Eu podia esmagar seu crânio.”

“Eu amo você,” eu disse, feliz que minha voz não tremeu.

“Foi essa a última coisa que você disse para mim antes que eles me arrastassem.”

Não foi. Minha última palavra para ele foi o nome dele, que eu gritei o mais alto possível com minha voz quebrada.

“Era mais verdade antes do que é agora?” ele perguntou, suas mãos aumentaram a pressão nos lados da minha cabeça.

“Sempre foi verdade, Robbie. Sempre será verdade. Você ficou mais de dois anos lá embaixo.” Uma lágrima escorregou pela minha bochecha.

“Foram quatro semanas para mim. Um mês atrás você estava comigo.”

“Quatro semanas?” Eu disse. Ele tinha dezoito anos quando eles o mataram; ele tinha dezoito anos agora. E enquanto isso, eu mesma estava quase com aquela idade.

“Você arranjou outro marido.”

Eu sacudi minha cabeça. “Charlie McPherson! Ele não é um marido de verdade.”

“Você esqueceu completamente de mim.”

“Não é – “

“Não é o que, meu amor? Não é verdade? A criança na grama não é sua? O anel no seu dedo pertence à outra garota?”

“Bonnie não é minha. Por que você não ouve? E meu marido... Charlie! Você se lembra do Charlie? Ele não se interessa por garotas. Eu sou tão donzela quanto era no dia ...” Eu pausei. “Quanto eu era no dia que mataram você.”

“Nossos votos foram destruídos e esquecidos?” Robbie disse suavemente. Ele estava recitando um discurso, não estava me ouvindo. Ele sorriu, mas era apenas lábios e dentes. “Você aceitou outro. Você tem uma filha.”

“Não tenho! Não aceitei! Olhe para ela! Olhe para o cabelo dela! Olhe para os olhinhos juntos dela. Ela é a imagem da mãe dela, Maggie. Nenhum filho meu iria ter essa aparência.”

“Por que você não podia me esperar?” As mãos dele pressionaram firme os lados do meu crânio. Eu imaginei qual parte se quebraria primeiro se ele comesse a apertar. Será que eu ia morrer rápido?

“Esperar! Você tinha morrido, Robbie. Eu te segurei todo quebrado em meus braços. Seu nariz estava amassado contra seu rosto. Seus olhos estavam vazios. Meu pai, meus irmãos, Sholto McPherson, o pai dele, até o padre – todos aqueles homens horríveis e presunçosos. Eles mataram você.”

“Mataram mesmo,” ele concordou, finalmente me ouvindo. “Eles me amaldiçoaram e cuspiram no meu corpo agonizante que eles já haviam arruinado com seus pés e mãos e pedras.”

“Então porque você está quente agora? Você vendeu sua alma para ter mais uma vida?”

“Não,” Robbie disse. “Depois que eu morri, eu mergulhei na terra e escorreguei para o reino dela; todos os meus ossos se curaram, minha pele se fechou.”

“Suas antigas cicatrizes sumiram. Os calombos no seu nariz.” Eu toquei seu nariz reto com meus dedos. Eu podia sentir a força nas mãos dele. Ele não iria precisar de muito esforço para me esmagar.

“Lá embaixo todos eles tem olhos verdes.”

“Eles são seus parentes?”

Ele concordou com a cabeça. “É verdade o que eles diziam: eu sou das fadas. Eu sou um bruxo, um elfo, parente das fadas.”

“Talvez eles sejam seus parentes porque eles estão mortos como você. Quando você me matar,” eu disse, desafiando-o, mas morrendo de medo de ele aceitar o desafio. “Serei parente também.”

Por um momento a pressão das mãos dele no meu crânio aumentou. Eu engoli meus gritos. Então ele riu e escorregou a mão esquerda para minha bochecha. “Estou tão quente quanto você.” Eu soltei um suspiro. Ele ainda não me mataria.

“Seu cheiro não é o mesmo de antes,” eu disse a ele.

“Vai sumir.”

Robbie se ajoelhou completamente.

“Eu servi a rainha por quatro semanas, todo dia ela me pedia para ser dela e todo dia eu dizia que não.

Então ela me deixou ir embora. Eles me disseram que você não continuaria fiel.”

“Eles estavam errados.”

“Eles me disseram que eu voltaria para você e que você estaria com outro homem e que haveria uma

criança. Eles me disseram que você esqueceria meu nome. Eu ri deles mas não tanto quanto eles riram de mim.” A voz dele abaixou.

“Eles não mentem, entende. Eles não *conseguem* mentir.”

Como diziam as baladas, no entanto eles só contaram mentiras para ele. “Eles estavam errados. Nunca esqueci seu nome, Robbie. Não se passou um dia que eu não tenha pensado em você. Eu não tenho filhos, e estou atada a um homem que nunca irá me tocar. Nunca estive com ninguém além de você.”

“Você não esperou.”

“Eu *nunca* vou ficar com outra pessoa. Eu fugia desse lugar sempre que podia. Tudo que eu quero é me afastar deles e de tudo que eles fizeram a você. Tentei fugir. Esse lugar não me deixa ir embora.”

“Sim,” ele disse. “Eles colocaram geas²⁰ em você. Você não conseguirá ir embora, não importa quão rápido você corra. Seu caminho está bloqueado.”

“O que? Uma geas?” Eu conhecia a palavra. Por que eu não conseguia lembrar o que significava?

“Seus pais. Eles usaram meu sangue para manter você aqui. Enquanto eu estivesse sob a terra, você não conseguiria ir embora.”

Robbie ficou de pé, me puxou para ficar ao lado dele, e sorriu seu sorriso duro novamente. Minha mão estava na dele.

“Caminhe comigo.”

Eu andei ao lado dele. Entorpecida. Meus pais haviam usado magia – o sangue de Robbie – para evitar que eu fosse embora. Eu tinha pensado que meu ódio por eles não podia crescer. O carro quebrado dos pais de Fiona, a bicicleta, a dor na minha barriga. Tudo isso, feito por meus pais.

Andamos para fora da vila, passamos pelo pasto e pelos ônibus dos turistas. Um monte deles estava congelado, alguns com as câmeras apontadas para a vila, outros para o mar.

Ele me levou para a ponta do penhasco. O oceano urrava abaixo. Não havia vento. As gaiotas acima estavam congeladas no ar.

“Eles mataram você para me manter aqui,” eu disse.

Robbie riu. “Oh, não. Eles me queriam morto por mim mesmo. A geas foi só esperteza deles. Por que desperdiçar todo aquele sangue de fada?”

“Eu vou matá-los.”

Ele riu. “Eu te ajudo.”

Eu coloquei minha mão no peito dele e não consegui sentir o coração dele batendo. Toquei o pescoço dele e não havia pulso. “Você está quente,” eu disse.

“E verde. E morto para esse mundo.”

Eu me inclinei para frente para que meus lábios ficassem perto dos dele. O ar ficou fino entre nós. Eu podia sentir o calor da boca dele, mas nenhum movimento da sua respiração. Eu sentia apenas o cheiro da terra. Mesmo assim, eu o desejava.

“Você acredita em mim agora, sobre Bonnie? Charlie?” Perguntei, olhado para seus olhos muito verdes.

Ele sorriu. O primeiro sorriso que era como o do meu antigo Robbie. “Ela não tinha muito da sua aparência. E eu me lembro de Charlie. Eu gostava dele pois ele era quase tão isolado quanto eu.”

“Ótimo,” eu disse. “O povo da fada é mentiroso.”

“Eles não conseguem mentir.”

“Mas eles podem te fazer entender errado, não podem? Podem confundir. Não é assim que eles enganam os heróis das baladas? Eles te contaram algo que não é mentira, mas não é verdade também, não é completamente verdade. Eles não disseram que eu tinha uma filha, disseram? Apenas que você me encontraria com uma.”

Robbie concordou com a cabeça.

“Eu nunca menti para você, nunca disse nada que não fosse completamente verdade.”

“Não,” ele disse, tocando minha bochecha. “Eu havia me esquecido disso. Eles podem fazer com que você se esqueça.”

“Nunca fizemos muita coisa juntos,” eu disse, me aproximando dele.

“Nos beijamos. Ficamos abraçados,” Robbie disse, os lábios dele se aproximando dos meus. “Nos tocamos em todos os lugares.”

Eu concordei com a cabeça. “Eu pensei que eu ia explodir.”

Ele riu. “Eu pensei. Você pensou. Mil vezes. Você me deixou louco.”

“Eu tinha que fazer aquilo. Eu não poderia ser esposa e mãe, não sem desistir dos meus sonhos. Nunca quis nada daquilo. Com exceção de você.”

“Mas mais tarde, você disse, depois que você se tornasse médica.”

“Sim, mas eles acabaram com o nosso mais tarde, não acabaram?”

“Não totalmente, Jeannie, meu amor. Onde eu estive, há pérolas, há seda, veludo e ouro. Mais livros do que eu jamais vi. Todos seus, se você caminhar comigo. Se você se lembrar dos nossos votos. Tudo que você precisa fazer é me seguir.” Ele olhou para o mar, deu um passo mais para perto da beirada, me puxou com ele.

“Você me quer morta e longe desse mundo como você?”

“Sim.” Seu sorriso aumentou, ficou mais selvagem. “Estariamos juntos. É muito mais adorável que esse mundo.”

Os lábios deles tocaram os meus. Senti eletricidade. Maior do que nos nossos beijos de antigamente. Ele não tinha coração, não tinha pulso, mas eu o desejava tanto quanto eu havia desejado da primeira vez que o vi se banhando no rio.

“Por que você iria querer ficar aqui, Jeannie? Deixe sua família. Você nunca os amou, eles nunca te amaram. Venha comigo. Aprenda com o povo verde. Eles possuem mais ensinamentos do que qualquer pessoa nesse mundo. Eles te ensinarão qualquer coisa que você queira aprender. Você pode ser médica lá embaixo com mais facilidade do que aqui em cima. O mundo deles é tão vasto quanto esse. Nós o exploraremos juntos.”

“Mas eu não sou das fadas, Robbie. Como você sabe que eles irão me aceitar do mesmo jeito que aceitaram você?”

“Todos vocês são das fadas,” ele disse. “Alguns mais que os outros, e alguns muito menos, mas não existe uma pessoa nessa vila – em qualquer uma dessas vilas – que não possua pelo menos uma gota do sangue deles.”

Eu queria discordar dele, mas meus pais haviam colocado uma geas. E eu conseguia sentir como o que ele dizia estava correto. Fiona e a família dela nunca foram completamente contra meus pais. Nunca falaram uma palavra sobre ir até as autoridades fora da vila. Eles sabiam. Eu sabia. As regras na vila não são as mesmas que as regras do mundo lá fora. Porque eles são das fadas. Nós somos das fadas. Eu sou das fadas.

“Sob algumas luzes,” Robbie disse, “seus olhos são verdes. Eles já estão perto de como eles serão. Venha comigo, Jeannie.” Ele me puxou para mais perto dele. Eu senti o amor dele, senti a necessidade dele. Eu o desejava do mesmo jeito. Ele deu outro passo para mais perto do penhasco.

“Você e eu, Jeannie.”

Pequenas pedras se moveram sob meus pés. Elas caíram para o lado e, depois, no oceano abaixo.

“Ainda não,” eu disse. Meu coração estava batendo com força.” Eu guardei todo o dinheiro que eu pude. Charlie e eu íamos fugir para a cidade. Podemos agora, não podemos? Você está sob a terra então - ”

“A geas está quebrada.” Ele concordou com a cabeça.

“Por que você não vem comigo, Robbie? Vamos para a cidade. Podíamos nos casar de verdade. Você poderia tocar.

Eles pagariam a você. Você é o melhor violinista que eu já ouvi. Você seria rico!

Ele chutou o chão, mandando mais terra e pedras para baixo. “Lá em baixo, eu *sou* rico!”

“Venha comigo, Robbie!” Tentei imaginá-lo em uma cidade, com prédios altos e carros e quase nenhuma árvore ou flor. Eu apenas tinha visto Robbie aqui. Nessa pequena vila, com sua grama, sua colina, como friexos, o rio. Já era difícil me imaginar em qualquer outro lugar. Eles sacudiu a cabeça. “A cidade é aço e ferro e cromo. Seus carros e caminhões e combustível, vapores e poluição. Tudo aquilo queima. Não, Jeannie, você tem que vir comigo.”

Estávamos tão perto da beirada que até mesmo um leve cutucão dele me arremessaria.

“Eu não quero morrer.”

“Não é morte, Jeannie,” ele disse, beijando minha boca. “É uma vida maior. Um mundo maior.”

“Eu quero uma vida com você, Robbie. Longe da minha família e dessa vila. Mas eu quero que você tenha um coração que bate. Eu quero o Robbie que existia antes de eles virem te buscar. Antes de você ter ido para o subterrâneo. Por favor, Robbie, por favor, vamos embora comigo.”

Ele me envolveu com seus braços mais forte. Eu senti os beijos dele no alto da minha cabeça. Minha garganta estava apertada e meus olhos queimavam com o choro.

“Não posso,” ele disse.”Quando o sol se põe, minhas roupas se transformam em penas, meu corpo em cinzas. Nesse mundo eu estou morto, Jeannie.”

Eu o apertei. Beije sua boca de novo. Suas bochechas. Seus olhos. Seu pescoço. “Mas você não parou o tempo?”

Ele riu.”Não. O sol ainda está se movendo e o oceano abaixo também. Eu posso ser das fadas, mas não sou deus.”

“Quanto tempo nós temos?” “Sussurrei. “Uma hora? Duas?”

“Uma hora. No máximo.”

Nos afundamos no chão.

“Ou você pode vir comigo, Jeannie. Lá é lindo..”

“O que sua rainha vai achar de mim? Eles não vão tentar nos enganar para nos separarmos? Não podemos confiar neles.

Olhe como eles viraram você contra mim.”

“Mas nós vencemos, Jeannie. Eles respeitam vitoriosos. Você pode aprender a ser médica lá. É um mundo imenso.

Mais vasto do que esse.”

“Eu não acredito naquele mundo, Robbie. Já é difícil acreditar na cidade.”

“Nós seríamos felizes.”

“E se eu mudasse de idéia? Eles deixariam que eu voltasse para esse mundo?”

“Você seria fada, Jeannie.”

“Ferro iria me queimar.” Eu sacudi a cabeça, desabotoando a camisa dele. Ele tirou a jaqueta, jogou longe.

“Eu nunca te esqueci.”

Ele puxou minha camisa por cima da minha cabeça, beijou minha barriga. Eu senti o calor em minhas bochechas.

“Você ainda é você, Robbie. Mesmo sem um coração.”

“Sim.”

Nos unimos. Mexemos. Cobrimos cada poro de nossas peles com beijos. À nossa volta, o mundo ia escurecendo a cada segundo.

“Eu tenho que ir,” ele disse, me abraçando forte. “Você virá?”

Parte de mim queria. Eu queria ficar com ele para sempre. Além da morte, no outro mundo dele. Mas...

“Eu amo você,” eu disse. “Sempre vou amar. Ninguém além de você.”

“É uma promessa?”

“Sim,” eu disse, e a palavra “promessa” ecoou dentro de mim. Ele me beijou de novo. Forte, me

puxando para mais perto da beirada – na direção do oceano e de seu mundo verde subterrâneo. Ele estava me puxando com ele.

“Robbie, não,” eu disse, mais rápido que pude. “Você me prometeu uma vez. Lembra-se? Você disse que nunca iria me obrigar a fazer algo que eu não quisesse. Eu não quero isso, Robbie.”

Ele olhou para mim. Havia lágrimas nos olhos dele. Eu não sabia que fadas podiam chorar.

“Você prometeu.”

“Eu amo você,” ele disse.

E depois ele me soltou. Eu cai para trás. Ele caiu para baixo.

“Adeus, Robbie.”

Ao meu lado, as roupas dele viraram penas. O vento aumentou, arrastando-as pelo ar e bagunçando meu cabelo. Eu me afastei do penhasco, segurando minhas roupas antes que elas voassem, vestindo-as de novo, e andando de volta para a vila, passando pelos turistas barulhentos e suas câmeras incessantes, passando pelos moradores tacanhos que não conseguiam sair do passado.

Maggie correu para me xingar por ter deixado a filha dela sozinha. Eu a ignorei e peguei o pote e voltei para a casa de Charlie.

Uma semana depois, estávamos na cidade, vivendo em uma pensão barata. Encontrei uma padaria para trabalhar, Charlie achou um agente de notícias. Deixaram que nós dois voltássemos para a escola. Na cidade, era de graça.

O bebê nasceu em Maio: Fay Greene. Ambos os nomes em homenagem ao meu Robbie.

Fan Fic

GABRIELLE ZEVIN

Capítulo Um

Você conhece essa garota.

Seu cabelo não é nem longo nem curto ou claro ou escuro. Ela parte ele precisamente no meio.

Ela senta precisamente no meio da classe, e quando usa o ônibus escolar, ela senta exatamente no meio, também.

Ela participa de clubes, mas nunca é a presidente deles. Algumas vezes ela é secretária; geralmente, apenas um membro. Quando perguntada, ela apenas precisa saber os assentos para o jogo da escola.

Ela sempre tem um encontro para dançar, mas nunca é a primeira escolha. Na verdade, ela não é a primeira escolha de nada. Sua melhor amiga se tornou sua melhor amiga depois que outra garota deixou de ser.

Ela tem um grupo de garotas que sempre almoça com ela todo dia, mas Deus, como elas chateavam ela.

Algumas vezes, quando ela não podia agüentar isso, ela almoçava na biblioteca. Verdade seja dita, ela prefere os livros as pessoas, e a bibliotecária sempre ficava feliz em vê-la.

Ela sabia que existia outras pessoas que achavam isso horrível – ela não era pobre ou feia ou amigável ou importante. Claro, ela também sabia que não tinha razão para ser importante porque ninguém notava ela.

Isso não quer dizer que ela não tinha qualidades.

Ela é legal, talvez, se pudesse dar um segundo olhar. E ela tem boas notas também. E ela não bebe e dirige.

E ela diz NÃO as drogas. E ela sempre está lá quando diz que vai estar. E ela liga quando ela vai chegar tarde. E ela se sente um pouco, *apenas um pouco*, morta por dentro.

Ela pensa, *Você acha que me conhece, mas você não conhece.*

Ela pensa, *Nenhum de vocês tem idéia das coisas em meu coração.*

Ela pensa, *Nenhum de vocês tem idéia de como realmente e verdadeiramente eu sou bonita.*

Ela pensa, *Me veja. Me veja. Me veja.*

Algumas vezes ela pensa em gritar.

Algumas vezes ela imagina colocar sua cabeça num forno.

Mas ela não faz.

Ela apenas escreve tudo em seu diário e espera.

Ela esta esperando alguém vê-la.

Capítulo Dois

A bibliotecária é nova este ano e ela é um pouco mais velha que os estudantes. Ela usa saia de pregas e suéter de caxemira e sapato de couro envernizado Mary Janes. A bibliotecária tem estilo da *Playboy*. Os veteranos pediam livros especiais apenas para ver seus seios. A nova bibliotecária era cheia de idéias e sugestões de livros e o que Paige – eu esqueci de mencionar que o nome da menina é Paige? Não importa, isso tinha de ter acontecido antes – o que Paige considerava um entusiasmo exaustivo. Paige preferia a antiga bibliotecária (que era realmente *antiga* bibliotecária), que tinha a saia no mesmo tom cinza das paredes.

“Oi, Paige,” a bibliotecária sussurrou conspiratoriamente. “Você talvez goste desse. É novo.” Ela colocou o livro na mesa em frente a Paige. A capa é preta e brilhante. Sem figuras, apenas o título em prata: *The Immortals*. (*Os Imortais*) Paige tem dúvidas. “É sobre o que?”

“É fantasia,” diz a bibliotecária.

“A coisa é, srta. Penn, eu sou do tipo que odeia fantasia.” Paige acha que fantasia é para perdedores e pessoas sem vida real.

A bibliotecária ri. “É romance, também.”

Paige acha a maioria dos romances modernos bobos, mas ela não quer viver em uma bolha.

“Bem...”

A bibliotecária ri de novo. Ela é do tipo que esta sempre rindo. “Você não tem de se casar com isso. Apenas dê uma chance. Se não for o que você goste, apenas guarde na nova prateleira do seu jeito.”

Paige começa a ler o primeiro parágrafo: *Existe dois tipos de pessoas no mundo: as que acreditam no amor e as que não. Eu acredito no amor.*

Ela fechou o livro. Certo, isso não era para ela. No momento, Paige se colocava na categoria dos “que não acreditam”.

Ela caminha para área de livros novos. (A antiga bibliotecária nunca teria feito esse pedido presunçoso). O

ultimo nome do autor começava com R, e havia uma aba conveniente avisando de *The Immortals* o retorno.

Paige estava quase tirando a mão da prateleira quando ela sentiu que alguém olhava para ela. Ela parou

por um momento, saboreando a sensação de ser observada. Finalmente, bem devagar, ela se virou.

Ela definitivamente nunca viu (ou pensou nunca ter visto) esse rapaz antes. Seus olhos eram de um tom que ela não conhecia em olhos assim – um violeta escuro com pintas prata e cinza no meio. Ele parecia como se tivesse tido uma boa noite de sono. Sua jaqueta era preta e um pouco

brilhosa, não como o livro que ela retornou a prateleira. Havia alguma coisa de um antigo-fashion nele, mas ela não sabia bem o que. Ele é, para registro, distraidamente bonito.

“Não é bom?” ele perguntou.

“Alguém achou que eu ia gostar, mas não é exatamente meu tipo de historia,” ela desdenhou. “Eu prefiro livros antigos. Clássicos, eu acho.”

“Que pena. Eu esperava uma recomendação.”

“*Wuthering Heights*,” ela sugeriu.

“Eu já li esse.”

“*The Tin Drum*,”

Sim, ele tinha lido, também. Ela disse vários nomes, e ele tinha lido todos.

“Ao menos que esse seja novo,” ele disse finalmente, “Eu provavelmente já li. Eu li *tudo*.”

Ele é um mentiroso, ela pensou. Ou um fanfarrão. Os dois provavelmente. Mas o tipo de garoto que se vangloria (ou mente) sobre os reais interesses por ela. “Você é novo?” Paige perguntou.

O garoto sorriu, mas não era um sorriso feliz. “Oh, eu acredito. Esta é a minha milionésima escola.” o sinal tocou, e ele olhou para ela por um momento. “Que vergonha você não gostar de livros novos, Paige. Eu esperava ter encontrado alguém para conversar aqui.” Ele olhou nos olhos dela, e pela primeira vez na vida dela, Paige sentiu como se alguém realmente pudesse ver ela de verdade. “É solitário ser a criança nova na escola.” ele disse a ultima parte bem depressa como se ele não devesse dizer isso, mas não podia se ajudar.

E então ele foi.

Muitas luas depois, quando ela estava repassando a conversa pela milionésima vez ou mais em sua cabeça, ela desejou que ele conhecesse seu nome mesmo sem ele ter perguntado. Mas agora, o que ela pensa é, *é solitário ser qualquer criança na escola*. Ela pega a caneta em seu bolso e escreve “Todos solitários” na palma da mão dela. Isso é uma revelação para ela. Ela sempre pensou sem a única e tinha sempre cuidado de ocultar sua solidão, do mesmo modo que você quer esconder uma cicatriz horrível.

Ela pegou o *The Immortals* da prateleira. Ela leu o primeiro parágrafo novamente: *Existe dois tipos de*

peçoas no mundo: as que acreditam no amor e as que não. Eu acredito no amor.

De alguma maneira, parecia diferente, melhor, como um tempo bom.

Capítulo Três

Aquela noite na cama, ele tentava estudar mas não tinha concentração.

Ela pegou o livro da biblioteca, mas ainda não era bom. Ela apenas pensava no estranho de olhos violetas.

Ela particularmente não gostava de pensar nele ou em qualquer outro. A maioria das pessoas tende a desapontar depois que você realmente as conhece, e ela tinha ficado desapontada muitas vezes antes.

Ela não sabia muito o que tinha acontecido entre eles; nada importante diria.

E então...

Ela deixou o livro de lado.

Ela olhou a si mesma no espelho e desejou que ela se parecesse diferente do que ela tinha sido naquela manhã.

O pai dela bateu na porta: a mãe de Paige estava no telefone e queria falar com ela.

“Eu estou lendo,” Paige diz. “Eu ligo para ela depois.”

Paige decide que ela *é* diferente. A partir de agora, ela vai colocar o cabelo para o lado esquerdo.

Capítulo Quatro

Ela é diferente, o que significa que ela não faz as coisas que ela faria em situações como essa. Ela não voltou a biblioteca no dia seguinte tentando achar ele.

Ele decide dar um tempo. É como ler um livro muito bom – um bom livro você quer ler correndo, mas um livro muito bom você quer ler devagar, se deliciando tentando evitar o momento quando você chega na última página, sentença, palavra. Ela acredita... não, ele *sabe* que ela verá ele novamente. Ou ele veria ela. Ela apenas tinha de ser paciente.

Ela não perguntou as suas amigas sobre o “garoto novo”, contudo. Se ela falasse sobre ele, as outras tentariam ele e então ele não seria mais dela. Ele não queria compartilhar. Ela queria que ele fosse o segredo dela.

É adorável ter um segredo, ela pensa.

No almoço, Polly, uma das que ela chamava de melhor amiga, disse a Paige, “Você parece diferente.”

“É o cabelo,” outra menina disse. “Ela colocou ele para esquerda.”

É adorável ter um segredo, Paige pensa.

Capítulo Cinco

Ela decidiu esperar mais três dias antes de voltar a biblioteca.

A sra. Penn entregou um flyer a Paige enquanto ela passava para a mesa de livros. “Eu estou começando um clube do livro com as meninas,” ela disse. “Diga aos seus amigos para virem, ok, Paige?”

Paige concordou. Ela queria perguntar a sra Penn se ele estava na biblioteca, mas então Paige se lembrou que ela não sabia o seu nome.

“O primeiro livro vai ser o q eu disse a você, *The Immortals*. Eu pensei que talvez fosse legal começar com alguma coisa nova. Agora eu sei que você não é uma garota de “fantasia”, mas como eu disse a você, Paige, eu li durante todo o fim de semana e eu não consegui parar de ler nem para comer. Eu lia ate enquanto dirigia. É muito bom. E você vai amar o garoto -”

“Sra. Penn, eu realmente tenho de ir.”

“Oh, ok, pegue alguns flyers quando você sair, ok?”

Paige jogou os flyers em sua bolsa e foi para a estante de livros novos. De repente, ela se sentiu nervosa. E

se ele não estivesse ali? Ou se ele *estivesse* ali e não se lembrasse dela? Era muito difícil esquecê-lo quanto nunca mais vê-lo novamente. E porque ela não voltou no dia seguinte? E porque ela esperou três dias e deu a ele todo esse tempo para desaparecer? E porque ela não deu o numero dela logo no primeiro dia?

Atrás dos livros, a prateleira estava vazia quando ela chegou. Ela se abaixou e considerou pegar o livro em uma delas. Mas realmente o que ela queria era chorar.

Sou uma idiota, ela pensou.

Você nem sabe o nome dele, ela pensou.

E então, havia mãos em seus ombros.

“Eu quase perdi a esperança,” ele disse. “Eu vim aqui todos os dias depois que nos encontramos.”

Ela se virou e, de repente, ele estava mais bonito que ela se lembrava. Paige mordeu seu lábios para parar de dar risadinhas - ele parecia maravilhoso, como alguém de fora das historias.

Ele ofereceu sua mão para ajudá-la. “Meu nome é Aaron.”

Eles conversaram o resto do almoço. A principio, era apenas sobre livros, mas a conversa tomou outros rumos, também. Ela se pegou dizendo a ele coisas que ela nunca tinha dito a ninguém. Ela falou sobre a mãe dela. “Ela deixou meu pai no ano passado. Ela disse que tinha se apaixonado por outro, mas eu não acredito nisso. Eu acho que ela apenas deixou de amar meu pai. Eu acho que é uma espécie de bagunça nos relacionamentos de hoje.”

Ele riu. “Todo mundo bagunça tudo.”

“Mesmo você?”

“Sim, bastante. Eu não tive muitos relacionamentos, se você quiser saber a verdade.”

Ela desejou saber a historia dele.

Ela desejou que ele estivesse com ela.

E sem mesmo ela ter perguntado, ele disse a ela, “Eu estou aqui porque você é a pessoa mais interessante de todo lugar.”

“Eu estou aqui, ao contrario de tudo, porque eu ainda acredito,” ele disse.

Ele não disse no *que* ele acreditava, e ela não perguntou.

O sinal tocou, e Paige ficou parada – uma boa garota pavloviana ²¹ para seu código.

“Eu acredito que se ficarmos bem imóveis, ninguém vai perceber a gente aqui,” ele disse.

Paige pensa, *Ele tem razão. Ninguém nunca me notou antes.*

Ele leu a mente dela. “Eles apenas não olharam o suficientemente perto.”

“Eu sou tão fácil para você ler?” ela perguntou, um pouco embaraçada.

“Sim, mas somente porque eu realmente presto muita atenção.”

O sinal continuava tocando, mas desta vez ela se sentou de volta com Aaron e os livros.

“Eu estou feliz de você ter vindo,” Paige disse.

“Eu estou feliz, também.”

Ele pegou as mãos dela na dele. O que ela tinha escrito na palma dela era completamente diferente do que ela sentia.

Eles se esconderam na biblioteca o dia todo, mesmo que Paige não fosse o tipo de garota que se

esconde.

Mas a sra Penn não percebeu eles, ou a sra. Penn fingiu que não percebeu. A sra. Penn, como você vê, gosta de Paige. Ela gosta de Paige porque ela já foi Paige. Ela costumava usar o cabelo repartido no meio, também.

Sem saber na verdade como eles escaparam de lá, eles acabaram na casa dela depois da escola.

No quarto dela.

A primeira coisa que ele fez foi ver a estante dela enquanto ele observava todos os títulos dela. “Você realmente é uma leitora,” ele disse, maravilhado. Paige corou – ler nunca tinha sido nada

21 Ficou meio estranho, mas pelo que compreendi o estudo Pavloviano tem a ver com pensar nas conseqüências para cada ato, principalmente relativo ao medo.

extraordinário em sua vida, exceto talvez, um divertimento pessoal. Isso certamente nunca trouxe um namorado a ela.

“Eu as vezes prefiro os livros as pessoas,” ela admitiu.

“Eu também,” ele disse.

Quando o pai dela voltou do trabalho, Paige perguntou a Aaron se ele queria conhecer o pai dela.

Aaron balançou a cabeça. “Numa próxima vez. Eu não sou bom com coisas de família. A minha ou das pessoas.” E então, ele pulou pela janela dela com um piscar de olhos que Paige desejou ter algo dele.

Capítulo Seis

Isso não é perfeito.

No momento, havia coisas que ele não falava.

Sua família.

Seu passado.

Porque ele deixou as outras escolas.

Outros lugares que ele viveu.

Outras meninas que ele amou.

E então, havia todas essas coisas sobre ele que não tinham respostas.

Ele tinha dezessete, um veterano, leitor, mas sem planos de ir a faculdade.

Nunca comia.

Ele faltava a escola mais do que ia.

Ela nunca via a casa dele.

E claro, ela nunca encontrou alguém da família dele.

Mas todo mundo tem problemas, Paige pensou. Ninguém é perfeito, e o que ela sabia com certeza é que ele é bonito e faz ela se sentir bonita. E quando ela fala, ele realmente escuta. E quando ele olha para ela, ele vê.
E

-

Paige está em sua aula de ciências quando alguém bate em seu ombro. “Você não tem aparecido no almoço há anos,” diz April, uma das amigas de Paige do almoço. “O que aconteceu?”

“Eu estou na biblioteca. Eu estou ajudando com o clube do livro,” Paige diz. Ela não sabe porque ela mente.

Ela fez sem nem mesmo pensar. Ela pega uma dos flyers que tem estado na sua bolsa por duas semanas – realmente já tem duas semanas desde que ela encontrou ele? Ela se sente como se o conhecesse a vida toda – e dá a April.

“Legal,” diz April sem nem mesmo olhar. “Srta Penn já tinha me dado um. A coisa é, eu preciso falar algo com você. Você sabe que o Baile de Boas-Vindas (Homecoming's) é no próximo mês?”

Paige tinha esquecido. Ela estava distraída por razões óbvias. “Uh, sim.”

“Meu irmão quer saber se você quer ir com ele.”

O irmão de April é, escolhendo bonitas palavras, um nerd. Um, ele tem as notas mais baixas que a de Paige.

Dois, ele é tipo meio acima do peso. Três, ele é muito RPG. Paige suspeita que ele provavelmente quer jogar com ela na dança. Paige riu.

“Porque você está rindo?” April perguntou. “Não é do seu feitio rir.”

Paige não sabia o que significava. “Me desculpe. Eu estava pensando outra coisa...”

Honestamente. Alguma coisa engraçada aconteceu antes.”

“O que foi?” April olhava para Paige com olhos selvagens.

“Foi uma brincadeira. Foi isso. Foi... foi...” Paige não soube dizer nada engraçado envolvendo o RPG, então ela voltou ao tópico. “O ponto é, eu não estou rindo do seu irmão. Apenas... se ele quer ir comigo porque ele mesmo não me chamou?”

Os olhos de April ficaram suaves. Por um momento, Paige estava calma. “Ele é envergonhado, Paige! Você sabe disso! Então, você vai com ele?”

“Eu meio que estou vendo alguém,” Paige disse.

“Você nunca mencionou isso antes,” April disse friamente.

“É recente.”

“Então, ele vai chamar você para o Baile?”

“Nós ainda não falamos disso,” Paige admitiu.

“Eu não posso acreditar que vocês ainda não falaram nisso.”

Paige não respondeu. Ela sabia que o que tinha com Aaron e ela não queria ninguém se importando com isso.

“Bem, não fale disso com ninguém, ok?” Disse April. “Você não é a primeira escolha do meu irmão de qualquer forma. Eu falei para ele perguntar para você. Eu pensei que diria sim.”

Tirando o fato que Paige prometeu não comentar o incidente embaraçoso com o irmão de April com ninguém (como se ela fosse), April disse a todo mundo que Paige estava vendo alguém. E a noite, Paige recebeu um telefonema de Polly. “Quando vamos conhecer ele?” Polly respondeu.

“É recente,” Paige repetiu. “Nós ainda não estamos certos.” Paige prometeu que quando fosse a hora certa, as melhores amigas seriam as primeiras a saber.

“Apenas me de alguma informação, ok?” Polly insistiu. “Apenas me diga o nome dele. Não precisa dizer o último. Apenas o primeiro.”

“Aaron,” Paige disse rouca.

“Eles estão indo aí?”

Paige disse que ela ainda não estava pronta para falar dele ainda.

“Você precisa falar para ele do Baile, Paige! Nós podemos ir todos juntos – eu e Luke, você e Aaron.”

Paige odiou a maneira como sua amiga dizia o nome dele. “Não é como isso,” ela disse. “Ele não é como os outros caras.”

“Caramba, Paige, isso soa sério.”

Paige concordou com isso, na verdade era meio que sim.

Mesmo sabendo que ela não devia fazer, Paige tocou no assunto do Baile com ele quando estavam a noite em seu quarto. “Eu sei que é meio bobo, mas você acha que poderia ir?”

Ele não falou. Ele disse que já tinha estado em centenas de Bailes antes.

“Oh.” Paige disfarçar seu desapontamento lendo silenciosamente os títulos de seus livros – *Wuthering heights*, *Jane Eyre*, *Frankenstein*...

“Porque você quer ir a alguma dança estúpida de qualquer forma? Você não sabe o que você é para mim?”

Na verdade, Paige não sabia. Na verdade, Paige gostaria muito de dançar com alguém bonito como Aaron.

Apenas dizer que ela tinha desperdiçado seu tempo dançando com irmãos e equivalentes.

“Olha, Paige,” ele disse. “Eu quero que a gente fique juntos, mas eu não posso fazer coisas que outros namorados fazem.”

Era a primeira vez que ele se auto intitulava disso – namorado dela. Ela desejava que fosse uma outra

espécie de tempo, do jeito que acontecia nos livros que ela não tinha lido.

“Você entende?” ele perguntou.

Paige fez que sim, mas na verdade ele não entendia. “Você tem... outra namorada ou coisa assim?” Ela estremeceu um pouco com a palavra *namorada*: a novidade encantadora.

Aaron suspirou. Ele pegou as mãos dela. “Claro que não.”

Ela tirou as mãos das dele. “Você não me diz nada de você na verdade.”

“Eu quero te dizer as coisas, mas eu não posso. Isso pode machucar outras pessoas além de mim.”

“Sua família?”

Ele concordou. “Se eu disser a você, e você disser a alguém, eu terei de ir embora. Isso poderia me matar, eu teria de ir e nem dizer adeus.”

“Você pode confiar em mim,” ela disse.

“Eu... eu realmente não gosto de falar dessas coisas.”

“Você não precisa, contudo,” ela disse. “Mas eu apenas gostaria de saber que você confia em mim.”

Ele olhou para ele e concordou devagar. “Eu penso que talvez eu possa.”

O pai de Paige chamou das escadas. “Jantar!”

“Devo ir de qualquer maneira,” Aaron disse.

Paige não sabia se seria permanentemente ou por apenas algumas horas. Ela agarrou a mãos dele. Elas estavam secas, quase brancas como o papel. “Me prometa que você vai voltar. Eu quero muito conhecer sua história. Eu quero saber tudo sobre você.”

“Eu vou tentar.” Ele saiu da casa de Paige pela janela.

“Jantar!” O pai de Paige gritou de novo.

“Estou indo,” Paige disse.

Paige desceu as escadas para a cozinha. Eles comeram macarrão com queijo, o que significa que era terça-feira. O pai de Paige tinha um prato para cada dia da semana. Nos domingos, ele pedia pizza.

“Eu estou te chamando há quase dez minutos. Não me escutou?” O pai de Paige perguntou.

“Estava lendo,” Paige disse ausente.

“Deve ser *muitos* livros,” o pai comentou.

Mais tarde quando o jantar acabou, Paige voltou para seu quarto, mas Aaron não estava lá. Ela ficou ocupada por algumas horas com seu dever de casa que ela estava negligenciando, mas ele ainda não veio.

Eventualmente, ela decidiu ir para cama com um livro, mas antes dela terminar o capítulo, ela estava dormindo.

Ela ainda estava dormindo quando ela escutou alguém sussurrando sem seu ouvido.

Ela procurou pela luz, a que seu pai devia ter apagado.

“Não,” Aaron disse, “algumas histórias são mais fáceis de serem contadas no escuro.”

Quando ele tinha dezessete, a tuberculose se espalhou pela cidade. Seu pai foi um dos primeiros a pegar, e passada seis semanas, o pai dele foi um dos primeiros a morrer.

Apesar disso, Paige divagava, *Pessoas ainda morrem de tuberculose?*

Toda família dele – Aaron, sua irmão e sua mãe – pegaram a doença também. “Eu honestamente não sei descrever,” ele disse. “Foi horrível. Ver quem você ama morrendo devagar e sofrendo, e saber que logo você vai morrer do mesmo jeito.”

Sua irmã morreu uma semana após seu pai. E ele e sua mãe sabiam que seriam os próximos. “Há uma estranha espécie de quietude na morte,” ele disse. “É como se você estivesse num quarto de vidro, e as paredes se tornassem mais e mais densas.

Paige tentou pegar a mão dele. Ela queria tocar nele, confortá-lo. Entre a sonolência e a luz baixa, ela não podia encontrar ele.

Procurando outras opções, sua mãe procurou uma cigana na cidade.

Uma cigana? Onde no mundo fica essa cidade? Na Europa Medieval? “Uma cigana?” Paige perguntou cuidadosamente.

“Minha mãe fez o melhor que ela pode,” Aaron disse. “Era um lugar diferente. Uma época diferente.”

A cigana lhe deu uma jarra de vidro azul parecida com um tinteiro. Ela disse que dentro havia um elixir do México e isso faria eles melhorarem. Que escolha eles tinham? Eles concordaram e beberam.

“Nossos pulmões melhoraram rapidamente,” ele disse. “As paredes de vidro foram quebradas.”

Mas eles não apenas melhoraram.

Eles viveram em 50 cidades diferentes. Sua mãe casou doze vezes. Ela tinha um novo marido cada vez

que o antigo começava a suspeitar. Aaron teve namoradas. “Muitas,” ele disse, o que fez Paige se aninhar. Aaron tinha tido muitas namoradas, mas elas eventualmente o superavam. Ele nasceu em 1876. Ele teria dezessete anos para o resto da vida.

Paige disse a ele que não acreditava em histórias de fantasia, que se ele não quisesse ir ao Baile com ela, apenas precisava dizer não.

“Eu nunca mentiria para você.” Ele achou a mão dela agora. Seus olhos cresceram com a luz do luar. Ele ajudou-a a sair da cama e estavam lado a lado em frente ao espelho no quarto dela.

“Olhe no espelho. Eu não tenho reflexo. Eu não estou aqui.”

Ela obedeceu. Os olhos dela iam do espelho para ele e voltavam. Ela correu a mão dela no rosto dele. Sua mão era refletida. A face dele não. Isso assustou ela: Ela estava sozinha. Ela parecia solitária, e havia algo que Paige nunca tinha visto.

“Porque?” ela perguntou.

“Eu não sei. É apenas o jeito que as coisas são, o jeito que eu sou.” Ele tentou fazer uma piada com ela.

“Talvez seja um pouco difícil ler pela manhã, mas eu faço o meu melhor.”

Então, ele pegou o canivete suíço que estava em seu bolso.

“Para que é a faca?” Paige perguntou. A garganta dela sempre se contraía quando ela entrava em pânico.

Aaron abriu o canivete e correu pelo seu braço. Ele puniu seu braço com a arma. Por um segundo, Paige ficou paralisada e não fez nada além de esperar.

Ele começou a fazer um C em seu braço.

“Não!” Paige achou a voz. “Por favor não! Eu acredito em você. Você não precisa provar nada para mim.”

Ela tentou parar ele, no caso do J se transformar numa palavra como “ciúmes” ou “dar o fora”²², mas ele se manteve de costas.

“Porque você fez isso com você?” Paige sussurrou.

Um segundo depois, o corte estava se fechando bem na frente dela. Ela correu os dedos no braço frio e perfeito dele, então beijou o local.

“Eu quero que você vá na festa, mas eu não posso ir com você,” ele disse. “Eu já estive em muitos antes.”

Mas nunca comigo, ela pensou.

“Você esta diferente,” ele disse, “mas a dança... são sempre as mesmas.”

Ela concordou. Ela estava um pouco desapontada, mas ainda feliz que ele havia confiado nela e contado a historia dele.

“Eu realmente amo você,” ele disse.

“Eu realmente amo você, também.”

Eles deitaram na cama dela e após um tempo, ela estava dormindo. Quando ela acordou, ele tinha ido. Se ela não estivesse tão exausta, ela provavelmente acharia que tinha sido um sonho.

Paige considerava não ir ao Baile, mas Aaron convenceu ela a ir. “Você só terá um Baile de Boas-Vindas,” ele disse.

“Não é verdade no seu caso,” ela apontou. “Ou no meu. Eles acontecem todo ano, você sabe.”

Ele riu um pouco. “Vá,” ele disse. “Eu não quero que você perca as coisas por minha causa.”

A verdade era que ela não se importava em perder as coisas por causa dele, mas ela não podia dizer isso. Ia parecer necessidade, pegajoso, patético. Paige odiava pessoas assim. “Você poderia vir,” Paige insistiu.

Aaron apenas balançou a cabeça dele.

O pai de Paige bateu na porta enquanto ela lia. “Entre,” ela disse. Aaron estava do lado de sua estante – Paige não deveria ter meninos no quarto.

“Você realmente está bonita,” seu pai disse. “Quem é o rapaz sortudo?”

“Ninguém,” Paige disse, ficando de pé em sua vaidade. “O garoto que eu quero que vá comigo não quer ir, e eu não quero ir com nenhum outro.” Ela piscou para Aaron pelo espelho. Ela não podia vê-lo, mas ela imaginava que ela pudesse vê-la.

O baile era um baile, exatamente isso, era como qualquer outro baile que Paige tinha ido – mais diversão na teoria do que na pratica. Os pés de Paige doíam com os sapatos, e tudo que ela desejava era passar uma noite em casa com Aaron.

Perto do final da noite, Paige foi ate April. “O que aconteceu com seu namorado?”

“Ele não pode vir.”

“Você podia ter vindo com meu irmão, então.”

Paige estreitou seus olhos. Ela sabia que ela não podia dizer nada a April, mas ela não podia se segurar.

“Honestamente, April, isso nunca vai acontecer, então para de nos envergonhar com isso.”

Quando Paige chegou em casa a noite, Aaron esperava por ela em sua cama. Ele vestia um smoking. Ele estava lindo, ela quase morreu. “Eu penso que podemos ter nosso próprio baile aqui,” ele disse.

Ele beijou ela e a trouxe para perto dele. Seu corpo tremia.

“As vezes é difícil acreditar que você é real”, ela disse. “As vezes é difícil acreditar que você é meu.”

“Eu penso a mesma coisa,” ele disse.

“Não. Eu falo serio. Você é tão perfeito.”

Aaron balançou a cabeça. “Eu não sou. Acredite em mim, não sou.”

Paige olhou por cima dos ombros de Aaron e pensou ter visto o reflexo dela e de Aaron no espelho.

Aquilo desconsertou ela. Aaron, claro, não tinha reflexo, e o que ela via eram seus braços segurando o ar.

Capítulo Sete

“April acha que você realmente não tem um namorado,” Polly contou a Paige na segunda depois do baile. Aaron ficava fora durante o dia, então Paige deu uma carona a Polly.

Paige riu. “Ela disse isso porque eu não fui ao baile com o irmão doido dela.”

Polly riu, também. “Mas serio, Paige, você esta sendo tão secreta em relação a coisa toda. Porque todo esse segredo?”

“Apenas é.”

Polly balançou a cabeça dela. “Minha irmã mais velha tinha um namorado assim.”

“Assim como?”

“Assim tipo não queria conhecer os amigos dela ou estar com ela em publico e coisas desse tipo. E depois passou a machucar ela.”

“Aaron não é assim.”

“Nem o namorado da minha irmã a principio!”

“Escute, Polly, você não sabe do que esta falando.”

“Então me faça entender. Honestamente, eu estou preocupada com você.”

Era uma coisa boba, mas a preocupação de Polly era lisonjeira para Paige. Ninguém nunca tinha estado interessado nela em anos. E ela estava morrendo para contar sobre Aaron para alguém. Então, ela pediu segredo a Polly e contou a historia dele.

Polly ficou quieta por um tempo, e então fez algo horrível: começou a rir. “Oh Paige,” ela disse, “eu acho que ele esta brincando com você!”

“O que você quer dize?”

“Eu digo, de verdade! Serio! Uma cigana? Isso soa como algo saído de um livro. Eu acho que ele esta te contando uma historia. Ele provavelmente conta isso para todas as meninas que ele conhece. Eu acho que apenas -”

“CALA A BOCA! Você não sabe de nada. Nada dele. Você apenas não quer me ver feliz!”

“Paige, não se machuque -”

Paige parou o carro algumas quadras da casa de Polly. “Saia.”

Enquanto ela voltava a dirigir, as mãos de Paige tremiam e ela estava sem ar. Ela precisava ver Aaron e tocar nele, lembrar para ela mesma que ele era real.

Quando ela chegou em casa, ele estava esperando ela em sua cama. Ele devia ter entrado pela janela.

“O que foi?” ele perguntou.

“Eu tive uma briga com uma amiga.”

“Desculpe,” ele disse, passando a mão no cabelo dela.

“Porque você não foi para escola hoje?” Paige perguntou.

“Minha mãe esta doente.”

“Eu pensei que sua mãe não podia ficar doente.”

“Fisicamente, sim,” ele disse com um suspiro. “Mentalmente, pode...”

“Eu gostaria de poder ajudar você,” Paige disse.

“Você *está* me ajudando.”

Paige olhou para dentro dos olhos violetas-prateados dele. Ela decidiu que ela não ligava se ele mentia para ela. Era um menina bonita. Ele era um bonito mentiroso.

Naquela noite, Paige teve um pesadelo: Ela estava na biblioteca da escola. Ela estava parada em frente a estante de livro novos. E no outro canto da sala, ela viu alguém beijando Aaron – era a sra. Penn! E então, Polly estava beijando ele, também. E então April tirava a camisa dele. E então todas as garotas que almoçavam com ela estavam com as mãos em cima dele. Até mesmo a mãe de Paige beijava Aaron, era nojento aqueles sons. Paige chamou o nome dele, mas ele não havia escutado ela chamando ele na primeira vez. Ele virou para o lado de quem chamava ele e então ela percebeu que aquele não era Aaron. Era apenas uma versão dele em cartolina. Era liso e brilhante: como uma boneca de papel.

Capítulo Oito

No próximo dia na escola, para qualquer lugar que ela ia, ela não tinha certeza, mas ela achava que ouvia as pessoas (principalmente as garotas) falando sobre Aaron e olhando para ela. Ela apenas pegava uma palavra ou outra, mas o que ela ouvia era algo como: garoto novo... biblioteca... Aaron... imortal... página.

Paige mal conseguia respirar ou andar ou falar. Isso só podia ser uma coisa: Polly contou a todo mundo a história deles, a história secreta dele. Ela não queria entender o que isso podia significar.

Ela foi encontrar ele no local habitual na biblioteca. Ele não estava lá, mas a sra. Penn estava.

“Não esqueça do clube do livro amanhã. Eu sei que muitas pessoas viram, e você já deve ter terminado *The Imm-*”

“Eu não ligo para seu estúpido clube do livro!”

“Paige, alguma coisa está errada?”

Paige passou pela sra. Penn e saiu da biblioteca.

Ela comeu fora da escola e dirigiu de volta para casa. Ela desejou que ele estivesse no quarto esperando por ela, mas ele não estava.

Paige se ajoelhou e rezou. “Por favor Senhor deixe-me vê-lo... Por favor Senhor deixe-me vê-lo...

Por favor Senhor deixe-me vê-lo...”

Ela sabia que não merecia ele (talvez nunca tenha merecido), mas ela queria se desculpar.

Capítulo Nove

Paige não dormiu na verdade. Ela não queria ir para escola, mas ela não teve a chance de faltar.

No almoço, ela foi para biblioteca para procurar por ele. O lugar estava estranhamente barulhento e cheio.

Ob certo, Paige pensou. *O clube idiota do livro da sra Penn*. Ela viu Polly, April e as garotas que almoçavam com ela. Vê-las sentadas ali fez Paige esquecer momentaneamente Aaron. Vê-las com seus estúpidos livros em suas estúpidas capas despertou uma coisa violenta nela. Ela odiou vê-las na biblioteca.

Que piada! Nenhuma delas gostava de ler nem mesmo as coisas da escola! A biblioteca era o *lugar dela*. E

ela odiava o jeito da sra Penn com sua suéter idiota apertado que parecia pedir para os idiotas ficarem parados olhando.

A sra. Penn deu um aceno para Paige como se nada tivesse acontecido ontem. “Paige, eu estou *tão* feliz que você veio...”

Paige disse a sra. Penn que não estava ali pelo clube do livro, mas sim, para ver alguém. “Me desculpe. Eu tentarei volta antes do fim, se eu conseguir.” Paige disse. Pelo canto dos olhos, ela viu April cochichando com Polly. Ela não sabia se elas falavam dela e Aaron.

Paige foi para as estantes de livros novos. Estava vazia como no dia anterior.

Ela descansou a mão na prateleira onde ela tinha deixado o *The Immortals* no primeiro dia que ela havia encontrado ele. Por algum motivo, ela acreditava que se fizesse as mesmas coisas do dia em que se encontraram, seria possível conjurá-lo novamente. Mas isso não funcionou. Ela não podia fazer as mesmas coisas, como levar a cópia da biblioteca sem fazer o registro.

Paige escorregou até o chão e apoiou a cabeça em seus joelhos.

O único som na biblioteca era do clube do livro da sra. Penn, claro.

Ela desejava que eles se fossem.

Ela tentou bloquear o som deles, mas era impossível. Eles faziam muito barulho.

“Oh, eu sei,” ela ouviu um deles disseram, “a parte triste é quando ele conta sobre seu pai pegando pneumonia.”

“Não, a parte triste é quando ele tem de ir embora porque todo mundo descobre o segredo dele,” outro comenta.

“Não, a parte triste é quando ela se sente sozinha quando ele deixa...”

“Sim, mas não acha que ficou meio patética depois? Eu digo, porque ele ficou com alguém como ela? Ninguém a notava.”

“O ponto, eu acho...”

Paige segurou a respiração; seu pulso acelerava; ela sentiu seu coração ter uma espécie de batida. Ou parar.

Nervosa por todas essas garotas – elas não estava discutindo o livro. Elas estavam discutindo sobre ela!

Paige se levantou do chão e foi direto ate o clube do livro.

A sra. Penn a viu primeiro. “Paige, se junte a nós,” ela disse.

“PAREM DE FALAR DE MIM!” Paige gritou.

Algumas garotas riram.

A sra. Penn limpou a garganta. Ela amenizou. “Ninguém esta falando de você, Paige.”

“Sim, vocês estão! Eu ouvi vocês! Eu não sou surda!”

A sra. Penn foi ate Paige. “Não, nós não estamos. Nós estamos apenas discutindo o livro.” Ela pegou a copia da biblioteca do livro *The Immortals* para Paige vê. “Nós estamos apenas discutindo coisas do personagem principal, Aaron.”

Paige observou o clube do livro todas as garotas estavam de costas para ela.

Finalmente, Polly falou. “Eu acho que Paige confundiu as coisas, porque seu namorado se chama Aaron também.”

“Oh...” disse a sra. Penn, e entao elas riram, aliviadas.

“Isso faz sentido!” ela disse. “Claro, eu não duvido que seu Aaron tem olhos violeta-acinzentado, 150 anos mas num corpo de 17, certo, Paige?”

As garotas riam como hienas.

“Pare,” Paige suspirou.

Mas ninguém a ouviu.

'PAREM!'

Mas ninguém a ouviu.

“PAREM DE ME ZOAREM!”

Elas fizeram silêncio. Elas se assustaram. Paige estava quase passando a linha do louco com-uma-possível-arma, e ela nem tinha percebido.

Polly falou docemente. “Espere, eu entendo, eu acho... eu só comecei a ler na noite passada e eu não tinha certeza – desculpe, sra Penn – mas eu acho que posso entender. O garoto que você diz que estava vendo...

ele copiou a história dele deste livro, não?”

“Não,” Paige disse. “Não, ele nunca faria nada disso!”

“Sim, ele fez. Eu tenho certeza. Ele até mesmo usou o nome!”

“CALE A BOCA, CALE A BOCA, CALE A BOCA, CALE A BOCA! Você é a razão que ele foi embora em primeiro lugar!”

Polly disse que não sabia o que ela estava dizendo.

“Mentirosa! Eu sei que você contou para todo mundo! Você e sua maldita boca!”

“Paige,” Polly disse. “Calma. Eu não contei. Eu juro que não fiz.”

A sra. Penn ainda segurava o livro para Paige. Sem pensar, Paige pegou o livro da mão dela. A sra. Penn deu um passo para trás. Talvez a sra. Penn tenha indicado a cadeira atrás dela? Talvez ela tenha batido com a cabeça? Paige não sabia. Ela não sabia o que esperar. Ela correu para fora, levando a cópia da biblioteca de *The Immortals* com ela.

Ela foi até o carro dela. Por sorte, o estacionamento da escola ainda não estava cheio dos veteranos que tinham saído para o almoço.

Ela não foi para casa. Ela não sabia se estava encrocada ou não. Ela apenas dirigiu e dirigiu e pensou e pensou.

Será possível que Polly esteja certa e Aaron tenha tirado sua história do livro?

Ela dirigiu e dirigiu...

Não, não pode ser.

Eventualmente, ela decidiu parar num estacionamento de um teatro próximo do fim do centro.

Mas e se...?

Ela pegou a cópia de *The Immortals* do banco do passageiro e começou a ler.

Capítulo Dez

Você conhece a história.

Ela leu a capa: *The Immortals* por Annabelle Reve.

Ela começou pela primeira página.

“Existe dois tipos de pessoas no mundo: os que acreditam no amor e os que não acreditam. Eu acredito no amor...”

Ela passava as páginas como se o papel pudesse cortá-la.

“... solitário ser o garoto novo na escola...”

“... porque você é a pessoa mais interessante do lugar...”

“Eles apenas não olharam de perto o suficiente.”

“É muito como se isso pudesse me matar, eu terei de ir, Jane, e não poderei dizer adeus.”

Paige não conseguia terminar de ler o livro. Ela se sentia violada. Era como se alguém simplesmente pegasse cada uma das suas conversas que ela teve com Aaron e transcrevesse em palavras. *Para ler!* Mesmo as mudanças privadas. Coisas que ninguém sabia. A única coisa real que tinha mudado era o nome. No livro, Paige se chamava Jane. Lendo os nomes os sentimentos queimavam. Ou apagavam.

Ela voltou a capa de couro. “Annabelle Reve,” ela leu, “mora em Nova York com seu filho. *The Immortals* é seu primeiro livro.” Havia uma fotografia colorida dela, também. Ela tinha por volta dos trintas. *Ela é bonita*, Paige pensou. *Como alguém de pinturas antigas*. E então, Paige percebeu os olhos de Annabelle Reve – eles eram cinza e violeta como...

Paige releu a biografia. Nenhuma menção a marido. *Apenas um filho*.

Isso não era necessariamente um fato, mas Paige sabia uma coisa: Ela tinha de achar Annabelle Reve.

Ela ligou para o serviço de informações e perguntou se Annabelle Reve estava na lista; estava. Sem número de telefone, mas tinha um endereço e era perto de onde Paige morava. Paige calculou que levaria uns

minutos para chegar, se o trânsito estivesse bom.

Capítulo Onze

Quando Paige era um menina, a mãe dela costumava deixar ela faltar as aulas de quarta-feira para ir nas matines da Broadway. Isso significava que ela tinha visitado Nova York muitas vezes e ela localizou o apartamento de Annabelle Reve sem problemas.

Era bonito, um antigo prédio com um lobby impressionante e, para infelicidade de Paige, tinha um porteiro.

“Eu estou aqui para ver Annabelle Reve,” Paige disse tão confiante como era possível.

O porteiro informou a Paige que a sra. Reve não estava em casa.

“Um... Talvez eu pudesse esperar até ela chegar. Eu sou sua sobrinha. Ela é minha tia. Ela está me esperando,” Paige mentia facilmente. “Eu sou de fora da cidade.”

“Escuta, criança, eu gostaria de ajudar,” disse o porteiro sério. “Mas a sra. Reve não disse nada sobre sua sobrinha visitando a cidade. Você pode esperar aqui, mas é o melhor que eu posso fazer.”

Então Paige sentou no sofá de veludo verde do lobby e esperou. Não passou muito tempo ela caiu no sono.

Quando ela acordou, Annabelle Reve estava olhando para ela com os familiares olhos violetas acinzentados.

“Me disseram que minha sobrinha estava me esperando no lobby. Eu acredito que você deve ser ela.”

Annabelle tinha metade de um sorriso no rosto. Ela ofereceu a Paige sua mão e cumprimentou. “Annabelle.”

“Paige.”

“Você gostaria de subir e conversar um pouco?”

Paige concordou e seguiu Annabelle no elevador.

No apartamento, Annabelle colocou a chaleira no fogão.

Eu recebo cartas e emails, claro, mas você é a primeira a vir aqui,” Annabelle comentou da cozinha. “O livro somente saiu há um mês, então isso parece como se eu não estivesse na lista, eu acho.”

Paige não disse nada.

“Porque você está aqui, certo?” Annabelle perguntou. “*The Immortals*.”

“Sim.”

“Então, você veio até aqui... De onde você disse que vinha?”

“Nova Jersey,” Paige disse. Ela pensou consigo, *Eu sei que você sabe de onde vim. Você sabe de tudo sobre mim. Aaron te disse tudo sobre mim.*

“Bem, não muito longe, mas ainda sim uma boa distância. Então, o que você quer saber?”

Paige tinha muitas questões, mas ela apenas fez uma. “O Aaron está aqui?”

Annabelle saiu da cozinha carregando uma bandeja com duas xícaras de chá. “Como é?”

“Eu quero saber se Aaron está aqui.”

Annabelle concordou e entregou a Paige uma xícara. “Bem, se você está dizendo sobre o personagem Aaron, eu acredito, de qualquer forma, ele está aqui em minha mente, e eu escrevi o livro todo dentro deste apartamento.

“Agora se você fala do meu filho Aaron? Eu realmente não entendo porque você quer saber, mas ele está com o pai dele essa semana.”

“Eu sei que o pai de Aaron está morto,” Paige respondeu.

“Bem, na história, sim. Mas na vida real, nós apenas somos divorciados. Eu acho que eu fui bem clara. Mas acredito que meu ex-marido não entendeu muito bem.”

“Mas... mas... o resto é real?” Paige continuou. “Eu digo, Aaron é uma pessoa real. Eu digo, eu *conheço* ele.”

“Paige...” Annabelle olhou nos olhos dela. Esses olhos eram tão parecidos com os de Aaron que ela queria chorar de saudades dele. “O Aaron do livro não é uma pessoa real, mas eu dei o nome de uma pessoa real.

Meu filho. Ele tem quatro anos de idade.” Annabelle riu docemente. “Ele provavelmente vai me matar quando ficar mais velho.”

“Você está mentindo. Você tem de estar mentindo.” Paige ficou de pé e se encaminhou para estante de Annabelle na sala de estar. “Por que se você não estiver mentindo, como você sabe todas as coisas sobre mim, hein? Como você conseguiu colocar toda a minha vida no livro?”

Annabelle andou até Paige e pegou a mão dela. “Eu entendo que os personagens da minha história sejam tão... um... vivos para você. Mas eu acho que você está cometendo um erro.”

“ME DEIXE! APENAS ME DIGA ONDE AARON ESTÁ!” Paige gritava. “EU SEI QUE ELE ESTA EM ALGUM LUGAR AQUI. ELE ME CONTOU TUDO SOBRE VOCE. ELE ME CONTOU SOBRE

A MÃE LOUCA DELE QUE SEMPRE FAZ ELE FICAR SE MUDANDO!”

“Eu...”

Paige começou a chorar. “Eu sei eu estou falando asneiras. Eu sei que sou má. Mas eu o amo. E eu não posso viver sem ele. Por favor não deixe ele longe de mim. Eu o amo. Eu acredito no amor.” Paige sentou no chão. Ela colocou a cabeça entre os joelhos e começou a se balançar. “Eu acredito no amor,” ela sussurrou. “Eu acredito no amor. Eu acredito no amor...”

Annabelle se desculpou. Ele foi ate o quarto dela onde ela ligou para o porteiro, e depois para a policia.

Capítulo Doze

Durante toda aquela primeira semana que ela estava lá, eles não deixaram ela ter nem um lápis, e ela se sentia como se fosse ficar maluca. As coisas que tinham acontecido a ela não seriam reais até que ela estivesse escrito. E claro, ela queria escrever para Aaron mesmo que ela soubesse que não deveria entrar em contato com ele mais, até mesmo porque ela não sabia onde ele estava.

O doutor perguntou a ela se ela sabia porque estava ali, e ela respondeu, “Porque meus pais não gostam do meu namorado e eles querem nos manter separados.”

O doutor concordou, mas não disse mais nada.

“Eles são cínicos,” Paige disse. “Você sabe que eles são divorciados, certo?”

“Eu acho que você já comentou isso antes.”

“O ponto é... Meu ponto é... eles são tão amargos, isso é nojento.”

“Isso soa triste, na verdade.”

“Isso é triste... Mas eu não gosto deles. Eu nunca gostarei deles.” Ela baixou sua voz, “Eu estou aqui porque você acha que eu sou louca. Mas todo mundo que ama é louco, certo? Então isso me faz normal. E você sabe o que eu acho que é realmente, realmente louco?”

“Não.”

“O que realmente e verdadeiramente louco é não amar contudo.”

O doutor concordou, mas não era tão claro como ela tinha feito.

“Eu quero te mostrar uma coisa,” o doutor disse. Ela pegou a cópia do *The Immortals* em cima de sua mesa.

Quando Paige o viu, ela começou a tamborilar os dedos na mesa.

“Este livro, deixa você nervosa?”

Paige não respondeu.

“Você entende,” o doutor continuou, “que a autora Annabelle Reve roubou sua história, detalhes de sua relação com seu filho, Aaron, e escreveu no livro dela?”

Paige concordou.

“Bem, e se eu dissesse que Annabelle Reve escreveu a historia toda antes de você conhecer Aaron? O que as coisas mudariam para você?”

Paige não respondeu.

“E se eu dissesse que a bibliotecária da escola viu você lendo esse livro?”

“Aquela mulher é uma prostituta,” Paige disse. “Você precisa ver como ela se veste.”

“Então ela esta mentindo sobre ver você lendo este livro?”

Paige não respondeu.

“Você já ouviu falar na Navalha de Occam?”

“Sim,” Paige disse. “Nós estudamos em ciências. É a teoria que a solução mais simples geralmente é a correta.”

“Bom. Então me diga o que é mais provável: Annabelle Reve ter roubado sua historia e agora estar escondendo seu namorado imortal, o qual ninguém – nem seus pais, amigos – mesmo viram, *ou* que você leu o livro de Annabelle Reve e se identificou tanto que de alguma maneira acha que é a sua?”

“Eu sei o que eu sei,” Paige disse. “E todos sabem o que todos sabem. Todos nós sabemos é o que nós sabemos, doutor.”

Paige andou pelo quarto. Ela pegou a copia do *The Immortals* e então ela tentou falar tão forte para o doutor quanto ela pode. “Tudo que eu sei é que amar é louco,” Paige disse.

Passado algumas semanas eles entregaram a Paige um lápis.

“Querido Aaron, Há...” ela escreveu e então ela rasgou o pedaço de papel. Ela não devia entrar em contato com ele mais, e ela não sabia quando ela poderia enviar isso, ou onde. Ela tinha medo que ele estivesse tentando entrar em contato com ela. E aqui não havia privacidade. Eles vasculhavam as coisas dela o tempo todo. Era para ajudar a ela a se recuperar, eles diziam. Para mantê-la segura. Então ela apenas imaginou o nome dele no topo da pagina e sabia em seu coração, onde tudo era verdadeiro e claro e puro, quando ela escrevia nele.

Escrevi *para* ele, era isso.

Ela pegou um pedaço de papel em branco.

“Querido Aaron,” ela sussurrou para si mesma, e então ela escreveu, “*Há dois tipos de pessoas no mundo: as que não acreditam no amor e as que acreditam. Eu acredito no amor...*”

Perdido de Amor

MELISSA MARR

Capítulo Um

Apesar de ser na praia, a festa estava horrível. Algumas pessoas estavam tentando transformar barulho em música. Se Alana estivesse viajando ou bêbada, talvez fosse tolerável. Mas ela estava sóbria – e tensa.

Geralmente, a praia era onde ela encontrava paz e prazer, era um dos únicos lugares onde ela sentia que o mundo não estava impossivelmente estragado. Mas essa noite ela se sentia ansiosa.

Um cara sentou ao lado dela, segurando um copo. “Parece que você está com sede.”

“Não estou com sede” – ela olhou para ele e desviou o olhar o mais rápido que pode – “ou interessada.”

Colírio para os olhos. Ela não saía com colírio para os olhos. Ela assistiu a mãe dela fazer isso durante anos.

Não era o caminho que Alana ia tomar mesmo. *Nunca.* As invés disso, ela ficou olhando o cantor.

Ele era normal, não era tentador, não era excitante. Ele era bonitinho e doce, mas não era irresistível. Era esse o tipo de cara que Alana escolhia quando saía com alguém – seguro, temporário e fácil de deixar.

Ela sorriu para o cantor. A versão ruim de uma música dos Beatles se transformou em uma tentativa pior de fazer poesia... ou então um cover de alguma música nova e emo. Realmente não importava o que era. Alana ia ouvir aquilo e não prestar atenção ao cara lindo de dreadlocks que estava sentando muito próximo, ao lado dela.

O Dreadlocks, no entanto, não estava se tocando.

“Você está com frio? Aqui.” Ele jogou um casaco comprido de couro na areia em frente dela.

Parecia completamente inapropriado para a galera da festa.

“Não, obrigada.” Alana se distanciou um pouco dele, mais perto da fogueira. Centelhas da fogueira rodavam e se erguiam como vaga-lumes subindo com a fumaça.

“Você vai sentir frio quando for andando para casa e - ”

“Vá embora. Por favor.” Alana ainda não olhava para ele. Ser educada não estava funcionando.

“Não estou interessada, não sou fácil e nem vou ficar bêbada o suficiente para ficar qualquer uma das duas coisas. Sério.”

Ele riu, não parecendo insultado mas genuinamente divertido. “Tem certeza?”

“Vá embora.”

“Seria mais fácil assim...” Ele se aproximou, se colocando entre ela e a fogueira, diretamente na linha de visão dela.

E ela teve que olhar, não uma olhadinha rápida, mas uma olhada de verdade. Iluminado pelo brilho combinado da luz da fogueira e da lua, ele era ainda mais deslumbrante do que ela temia. Cabelo loiro unido em dreadlocks grossas que se estendiam até a cintura dele, algumas dessas

mechas grossas eram verdes, a camiseta batida tinha buracos que deixavam aparecer partes dos abdominais mais definidos que ela já havia visto.

Ele estava agachado, balançando sob os pés. “Mesmo que não fosse deixar Murrin chateado, seria tentador tomar você.”

Dreadlocks estendeu as mãos como se fosse pegar no rosto dela.

Alana andou para trás como caranguejo, rastejando pela areia até que ela estivesse fora do alcance dele. Ela ficou meio de pé e colocou uma das mãos nas profundezas de sua bolsa, passando por seus sapatos e montes de chaves. Ela pegou o spray de pimenta e tirou o trava de segurança, mas não o tirou da bolsa ainda. A lógica dizia que ela estava exagerando. Havia outras pessoas em volta, ali ela estava segura. Mas tinha algo nele que parecia errado.

“Se afaste,” ela disse.

Ele não se moveu. “Tem certeza? De verdade, seria mais fácil para você assim...”

Ela tirou o spray de pimenta da bolsa.

“A escolha é sua, linda. Será pior quando ele te encontrar.” Dreadlocks fez uma pausa, como se ela fosse dizer alguma coisa ou mudar de idéia.

Mas ela não podia responder a comentários que não faziam sentido – e com certeza ela não iria mudar de idéia sobre ficar mais perto dele.

Ele suspirou. “Eu volto depois que ele te destruir.”

Então ele foi embora, na direção do estacionamento mais vazio.

Ela o observou até ter certeza de que ele tinha ido embora. Se envolver com caras bêbados ou drogados ou o que quer que ele fosse não estava na lista de afazeres dela. Ela havia tido aulas de atuo-defesa e defesa de rua, havia ouvido milhares de palestras sobre segurança e sempre matinha seu spray de pimenta

preparado – a mãe dela era muito boa com relação a *essa* parte da maternidade. Mas nada disso queria dizer que ela queria usar essas aulas.

Ela olhou ao redor da praia. Havia alguns estranhos na festa, mas a maioria era pessoas que ela já havia visto na escola ou andando pelo cais. Nesse momento, nenhum deles estava prestando atenção nela. Nenhum deles sequer olhou para ela. Alguns obsevaram quando ela estava se afastando do Dreadlocks, mas eles haviam parado de observar quando ele foi embora.

Alana não conseguia decidir se ele estava apenas brincando com ela ou se alguém ali realmente apresentava uma ameaça ... ou se ele estava dizendo aquilo para assustá-la para que ela fosse embora da festa e ficasse sozinha e vulnerável. Geralmente, quando ela ia andando para casa ela ia na mesma direção que ele havia tomado, mas só no caso de ele estar esperando no estacionamento, ela decidiu ir até mais para frente na praia e atravessar a Auto-Estrada Coast. Era alguns blocos fora do caminho, mas ela a havia assustado. *Muito*. Ele fez com que ela se sentisse encurralada, como uma presa.

Quando ela havia andado o bastante para que a fogueira fosse apenas um brilho distante e o enrolar das ondas fosse a única coisa que ela podia ouvir, o nó de tensão em seu pescoço afrouxou. Ela havia ido na direção oposto a do perigo, e ela estava em um dos lugares onde ela se sentia mais segura, mais em paz – o recife exposto. O chão sob os pés dela mudaram do arenoso da praia para o pedregoso das conchas. Piscinas naturais se espalhavam à luz da lua. Era perfeito, apenas ela e o mar. Ela precisava daquilo, da paz que ela sentia lá. Ele foi na

direção da beira do recife onde ondas batiam e espumavam para cima. Conchas de mexilhão se destacavam como dentes pretos insensíveis. Algas marinhas escorregadias e grama do mar escondiam caranguejos e um solo instável. Ela estava descalça, balançando na beira do recife, sentindo aquela adrenalina quando as ondas se aproximavam, sentindo-se invadida pela paz que o Dreadlocks havia roubado.

Então ela o viu de pé entre as ondas a frente dela, olhando para ela, indiferente às ondas que quebravam à sua volta. “Como ele chegou aqui primeiro?”

Ela tremeu, mas depois percebeu que não era ele. O cara era tão definido quanto o Dreadlocks, mas ele tinha cabelo preto longo e solto. *Apenas um surfista. Ou amigo do Dreadlocks*. O surfista não estava usando roupa de surf. Parecia que ele podia estar ... pelado. Era difícil ter certeza, com as ondas quebrando em volta dele.

No mínimo, ele estava sem camisa na água congelante.

Ele levantou a mão para chamá-la para perto e ela achou que o ouviu dizer, “Eu sou seguro. Venha falar comigo.”

Era a imaginação dela, no entanto. Tinha que ser. Ela estava só assustada por causa do Dreadlocks.

Não tinha como esse cara tê-la ouvido com o som das ondas quebrando, não tinha como ela tê-lo ouvido.

Mas aquilo não mudou a suspeita dela de que de alguma forma eles tinham acabado de se falar.

O medo inicial começou em seu estômago, e pela segunda vez naquela noite ela se afastou sem olhar.

O

calcanhar dela se rasgou na ponta de uma concha de mexilhão. A ardência da água salgada fez com que ela estremecesse à medida que se afastava, incapaz de ignorar o pânico, a necessidade de correr. Ela olhou para trás e viu que ele não havia se movido, não havia parado de olhar para ela com aquele olhar inabalável. E o medo dela se transformou em fúria.

Então ela viu o longo casaco de couro jogado sem cuidado na areia, parecia uma versão mais escura do casaco que Dreadlocks havia oferecido a ela. Ela pisou nele, e enterrou seus pés cheios de sangue e areia nele. Não era macio como couro deveria ser. Ao invés disso, o material sob seu pé era de pele macia como seda, uma pele de animal, uma pele de foca.

Era mesmo pele.

Ela desviou o olhar da pele escura e olhou para ele. Ele continuava de pé nas ondas. O mar se enrolava em volta dele, como se tivesse formado braços próprios, escondendo-o, segurando-o.

Ele sorriu de novo e disse para ela, “Pegue. É seu agora.”

E ela sabia que ela tinha ouvido a voz dele daquela vez, ela tinha *sentido* as palavras em sua pele como o vento que mexia a água. Ela não queria abaixar-se, não queria segurar a pele em seus braços, mas ela não tinha escolha. O pé cheio de sangue dela havia quebrado a atração dele, acabado com a manipulação que ele fazia dos sentidos dela, e ela o reconheceu pelo que ele realmente era: um selchie²³. Ele era uma criatura mitológica, uma pessoa-foca, e ele não deveria existir.

Talvez fosse divertido acreditar neles quando se era uma garotinha discutindo seus livros de história com a vovó, mas Alana sabia que a insistência de sua avó de que os selchies existiam era apenas um outro tipo de fantasia. As focas não andavam na terra junto com os humanos, elas não tiravam suas Outras-Peles²⁴. Eles eram apenas belos mitos. Ela sabia disso – só que ela estava olhando para um selchie que estava dizendo para ela pegar sua Outra-Pele.

Igual aquele na fogueira.

Ela ficou de pé sem se mexer enquanto tentava processar a enormidade do que havia acontecido, do que estava acontecendo naquele momento.

Dois selchies. Conheci dois malditos selchies ... que tentaram me prender.

E naquele instante, ela entendeu que os contos de fadas estavam todos errados. Não era culpa dos mortais.

Alana não queria mais ficar ali olhando para ele, mas ela não estava mais agindo de acordo com sua própria vontade.

Eu estou presa.

Os pescadores nas histórias antigas que haviam roubado as peles dos selchies não estavam aprisionando inocentes criaturas mitológicas: eles haviam sido presos por mulheres selchie. Talvez fosse muito difícil para os pescadores admitirem que eles é que foram enganados, mas de repente Alana descobriu a verdade que nenhuma daquelas histórias contava. Um mortal não podia resistir à força daquela pele não mais do que o mar podia recusar a obedecer a força da lua. Uma vez que ela pegou a pele, levantou-a em seus braços mortais, ela estava ligada a ele. Ela sabia o que ele era, sabia que a armadilha estava armada, mas ela não era diferente dos mortais nas histórias que ela havia ouvido na infância. Ela não conseguia resistir. Ela pegou a pele e correu, esperando que ela passar para alguma outra pessoa antes que ele a achasse, antes que Murrin a seguisse até em casa – porque ele tinha que ser o Murrin, aquele sobre o qual Dreadlocks estava falando, aquele que o selchie assustador tinha falado que era *pior*.

Murrin a observou correr, sentiu a necessidade irresistível de segui-la. Ela estava carregando sua pele com ela: ele não tinha escolha a não ser segui-la. Teria sido melhor se ela não tivesse fugido.

Murmurando significados para a fuga dela, ele saiu do mar e rumou para as pequenas cavernas que a água havia esculpido nas pedras arenosas. Lá dentro ele tinha suas roupas de terra: sandálias tecidas, algumas camisas e um relógio. Quando seu irmão, Veikko, tinha ido para a terra mais cedo, ele havia pegado emprestado a camisa macia de que Murrin gostava tanto. Ao invés dela, Murrin teve que usar uma que requeria prender muitos botões pequenos. Ele odiava botões. A maioria das pessoas em sua família não ia andar na terra com tanta frequência que os fizesse precisar de muitas roupas, mas Murrin tinha estado em terra com frequência suficiente para que a falta de uma camisa decente fosse desagradável. Ele mal prendeu a camisa, encaixando alguns dos minúsculos discos nos buracos igualmente minúsculos, e foi encontrá-la – a garota que ele havia escolhido na superfície do mar.

Ele não queria que ela tivesse encontrado sua Outra-Pele daquela maneira, ainda não, agora não. Ele queria ter falado com ela, mas quando ele estava saindo da água, ele a havia visto – aqui e não na festa. Ele observou-a, tentando imaginar uma maneira de sair da água sem assustá-la, mas então ele sentiu: o toque da mão dela na pele dele. Não era para a pele dele estar ali. Não era para ter acontecido daquele jeito. Ele tinha um plano.

Um selchie não podia ter tanto um par quanto a água, então Murrin tinha esperado até que tivesse encontrado uma garota intrigante o suficiente para prender a atenção dele. Depois de viver nos humores do

mar, não era tarefa fácil encontrar uma pessoa que fizesse perder as ondas valer a pena.

Mas eu encontrei.

Então ele queria ter acalmado os medos dela, ter tentado seduzi-la ao invés de prende-la, mas quando ela pisou em sua Outra-Pele, todas aquelas opções acabaram. Era isso: eles estavam ligados. Agora, ele tinha que fazer o mesmo que o pai dele tinha feito uma vez: tentar convencer uma mortal a confiar nele depois de ter feito uma armadilha para ela. O fato de que não foi *ele* que colocou a pele onde ela pudesse encontrar não mudava nada. Ele tinha que tentar esperar que o medo dela passasse, encontrar uma maneira de convencê-la a confiar nele, esperar por um maneira de persuadi-la a perdoá-lo: exatamente as coisas que ele havia desejado evitar.

Mortais não possuíam força de vontade suficiente para recusar o encantamento que ligava os dois. Não faria com que ela o amasse, mas selchies cresciam sabendo que o amor quase nunca era para eles. A tradição importava mais. Encontrar uma parceira, fazer uma família, essas coisas importavam mais.

E o plano de Murrin de se desviar da tradição e tentar conhecer sua consorte primeiro havia se desvirtuado terrivelmente.

Graças a Veikko.

Nos banheiros sujos ao longo do estacionamento da praia, Alana viu uma garota usando apenas um top fino e shorts rasgados. A garota estava tremendo, não que estivesse frio, mas por causa de algo que ela tinha injetado – ou algo que ela não tinha conseguido injetar. Geralmente, os viciados e mendigos se aninhavam em pequenos grupos, mas essa estava sozinha.

A pele formigou e voltou a se parecer com uma bela jaqueta de couro assim que Alana viu a garota.

Perfeito. Alana foi até lá e tentou entregar a pele para a garota. “Aqui. Você pode usar para se aquecer -”

Mas a garota se afastou com algo como horror em seu rosto. Ela olhou do casaco para a cara de Alana, e depois para o estacionamento quase vazio. “Eu não vou contar para ninguém nem nada. Por favor?”

Só -” Ela fez um som de engasgo e se virou.

Alana olhou para baixo. A pele, ainda parecendo um casaco, estava coberta de sangue. Estava nas mãos dela, nos braços. Todo lugar em que o suéter esteve ficou agora vermelho – enegrecido no brilho das luzes da rua. Por um instante, Alana achou que havia se enganado, que ela havia ferido o selchie. Ela olhou por cima do ombro: uma trilha de gotas em forma de lágrimas quase perfeitas se alongava atrás dela. Então, enquanto ela olhava, as gotas mudaram de cor para prata esbranquiçado, como se alguém tivesse derrubado mercúrio na areia. Elas não afundavam. Elas ficavam balançando na superfície da areia, mantendo sua forma.

Alana olhou para baixo e viu o sangue no casaco luar para a cor prata também.

“Viu? Está tudo bem. Apenas pegue. Vai - ”

A garota que tremia já tinha ido embora.

“...ficar tudo bem,” Alana terminou. Ela piscou para evitar as lágrimas de frustração. “Tudo o que eu quero é que alguém estenda os braços para que eu possa me livrar disso!”

Com a mesma certeza que dizia a ela quem Murrin era, o que Dreadlocks era, ela entendia que não podia jogar a pele fora, mas se alguém estendesse as mãos, ela poderia soltar. Podia cair no chão e então ninguém estaria preso. Ela só precisava achar alguém que quisesse estender as mãos.

Mais duas vezes no caminho de casa ela tentou. Todas as vezes aconteceu a mesma coisa: as pessoas olharam para ela com terror ou nojo enquanto ela segurava o que parecia um casaco ensangüentado. Apenas quando elas iam embora era que a umidade do casaco se transformava em lágrimas grossas e salgadas.

Qualquer que fosse o encantamento que fez com que fosse impossível resistir ao casaco fez com que fosse impossível se livrar daquela coisa também. Alana pensou sobre o que ela sabia a respeito de selchies; a avó dela tinha contado histórias do povo foca quando Alana era uma garotinha: selchie, mulheres focas, vinham para a praia. Elas saíam de suas Outras-Peles e às vezes, se não fosse cuidadosas, um pescador ou um cara solteiro qualquer poderia achar a pele e roubá-la. Os novos maridos escondiam as Outras-Peles das selchies para manter as esposas presas.

Mas vovó não disse nada sobre selchies homens; também nunca disse que as mulheres focas prendiam os homens. As histórias da vovó faziam os selchies parecer tão tristes, com a liberdade de poder mudar para a forma de foca roubada quando suas Outras-Peles eram escondidas. Nas histórias, as selchies eram as vítimas; os humanos eram os vilões – pegando mulheres foca indefesas do mar, enganando-as, tendo poder sobre elas. As histórias eram todas bem claras: os selchies eram presos ... mas no mundo real, era a Alana que se sentia presa.

Quando ela chegou a seu apartamento, ela estava desejando – mais uma vez – que sua avó ainda estivesse viva para que ela pudesse perguntar. Ela se sentia como uma garotinha sentindo tanta falta de sua avó, mas sua avó era a adulta, aquela que podia fazer tudo ficar melhor, enquanto sua mãe era tão sem noção como Alana se sentia na maioria dos dias.

Do lado de fora do prédio, ela parou. Seu carro estava estacionado na rua em frente ao prédio. Alana abriu o porta-malas. Com cuidado, ela dobrou o casaco de pele. Após dar uma olhadinha furtiva em volta, ela esfregou seu rosto na pele macia e escura. Depois, com um nível de carinho que ela não conseguia controlar, ela guardou o casaco embaixo do cobertor extra que sua mãe guardava no porta-malas – parte do kit de emergência para quando o carro quebrava. Ela se sentia como se não tivesse outra escolha: ela tinha

que mater o casaco seguro, deixar longe do alcance dele – e mantê-lo longe do alcance de outros.

Proteger meu par. As palavras vieram sem ser convidadas – e não eram bem-vindas – a mente dela. Ela bateu o porta-malas e foi para a frente do carro. E como ela fazia muito freqüentemente quando precisava ficar fora de casa á noite, ela se esticou no capô. Ainda estava quente da corrida até em casa vindo de qualquer que fosse a festa a qual sua mãe tinha ido.

Alana encarou a lua e disse, “Ai, vovó, eu estou tão ferrada.”

Então, Alana esperou. Ele viria. Ela sabia que ele viria. E ter que encará-lo com sua mãe nas redondezas, exultante com o fato de Alana ter trazido um cara para casa ... iria apenas piorar uma cena ruim.

É melhor fazer isso aqui fora.

Murrin a viu deitada sobre um carro semelhante aos que ele havia visto estacionado na praia durante dias a fio. Era feio – coberto com marcas de ferrugem, com uma maçaneta faltando. Ela, no entanto, era adorável, membros longos e corpo com curvas. Cabelos curtos e castanhos emolduravam seu rosto anguloso. Quando ele a havia visto na praia há várias marés atrás, ele soube que ela era a escolhida: uma garota que amava o recife e a lua era um tesouro. A espera tinha sido horrível, mas ele havia observado os hábitos dela e planejado como se aproximar. As coisas não estavam indo de acordo com os planos deles, é claro, mas ele havia encontrado uma maneira de fazer dar certo.

“Esposa?” O coração dele acelerou ao dizer isso, ao dar nome a ela, finalmente dizer aquela palavra para ela. Ele se aproximou do carro, não o suficiente para tocá-la, mas ainda assim mais perto. Após tantos anos sonhando encontrar uma esposa, era uma coisa precipitada ficar assim perto dela. Podia não ser como ele havia imaginado, mas, mesmo assim, *era*.

Ela se sentou, seus pés arranhando o capô do carro. “Do que você me chamou?”

“Esposa.” Ele se aproximou dela, lentamente, com as mãos estendidas do lado do corpo. Não importava quantos mortais ele tivesse observado, ou quantos ele tivesse conhecido, ele ainda estava inseguro.

Obviamente, chamá-la de “esposa” não era a tática certa. Ele tentou de novo. “Eu ainda não sei seu outro nome.”

“Alana. Meu único nome é Alana.” Ela se moveu de maneira de que estivesse sentada com as pernas dobradas para o lado, em uma postura típica de uma garota selchie. Era cativante. As palavras dela não eram, no entanto.

“Eu não sou sua esposa,” ela disse.

“Eu sou Murrin. Você gostaria – “

“Eu não sou sua esposa,” ela repetiu, um pouco mais alto.

“Você gostaria de caminhar comigo, Alana?” Ele adorava a sensação do nome dela – *Alana, minha rocha, meu porto seguro, minha Alana* – em sua língua.

Mas quando ele se aproximou mais, ela ficou tensa e o encarou com a mesma expressão cautelosa que ela tinha na praia. Ele gostava disso, de sua hesitação. Algumas das mortais que ele conheceu na praia quando ele estava nessa forma, estavam dispostas a se deitar com ele após uma troca breve de palavras. Tinha sido divertido, mas não era isso que ele queria da vida. A falta de significado o entristecia: ele queria que cada toque, que cada carícia tivesse significado.

“Você gostaria de caminhar comigo, Alana?” Ele abaixou a cabeça, fazendo com que seu cabelo caísse para frente, oferecendo a ela uma postura mais humilde possível, tentando mostrar que ele não apresentava ameaça para ela. “Eu conversaria com você sobre *nós*, para que possamos nos entender.”

“Lanie?” Uma versão mais velha do par dele, obviamente a mãe de Alana, estava de pé, com a luz atrás dela. “Quem é o seu amigo?” Ela sorriu para ele. “Eu sou Susanne.”

Murrin deu um passo na direção da mãe de Alana. “Eu sou Murrin. Eu – “

“Nós estávamos de saída,” Alana disse. Ela agarrou a mão dele e puxou. “Para tomar chá.”

“Chá? A essa hora?” A mãe de Alana sorriu, um tom divertido em sua expressão. “Claro, querida.

Apenas volte para casa antes do sol nascer. Nós todos dormiremos até tarde amanhã.”

Enquanto andavam, Alana tentou pensar no que dizer, mas não encontrou palavras para iniciar a conversa.

Ela não queria perguntar a ele por que se sentia tão atraída a ele – ou se aquilo iria piorar. Ela suspeitava que aquilo fosse um resultado de qualquer que fosse o encantamento que fazia com que fosse impossível para ela se livrar da pele. Eles estavam amarrados um ao outro. Ela entedia aquela parte. Ela não queria saber se ele sentia a mesma compulsão de esticar a mão e tocar. Mas ela sabia que resistir aquilo era um esforço supremo.

Não é real. Ela olhava para ele e seu pulso se acelerava. Não é para sempre também. Eu posso me livrar dele. Eu posso. E eu quero .

Ela meteu as mãos nos bolsos e continuou a andar silenciosamente ao lado dele. Normalmente, a noite dava uma sensação de muita proximidade quando as pessoas – *bem, garotos, na verdade* – estavam no espaço dela.

Ela não queria se transformar em sua mãe: que acreditava no próximo sonhador, que corria atrás da ilusão que luxúria ou necessidade podiam evoluir para algo real. Não era assim. *Nunca*. Ao invés disso, todas

as vezes, a alegria da euforia inicial evoluía para drama e lágrimas. Fazia mais sentido terminar tudo antes desse segundo estágio inevitável e bagunçado. Namorar por pouco tempo era legal, mas Alana sempre seguiu a Regra das Seis Semanas: ninguém que ela não conseguisse chutar dentro de ou ao final de seis semanas.

Aquilo significava que ela precisava encontrar um jeito de se livrar de Murrin dentro de seis semanas, e a única pessoa que podia ajudá-la a descobrir como era ele.

No velho prédio que dava lugar a uma cafeteria, ele parou.

Murrin olhou para ela. “Aqui está bom?”

“Está ótimo.” Sem querer, ela tirou as mãos do bolso e começou a tentar alcançar. Ela se encolheu e cruzou os braços na frente do corpo. “Isso não é um encontro. Eu só não queria você perto da minha mãe.”

Silenciosamente ele se esticou para abrir a porta. “O quê?” Ela sabia que tinha sido mal educada, ela se ouviu sendo má. *E por que eu não deveria? Eu não pedi isso.*

Ele suspirou. “Eu me feriria antes de fazer mal a sua mãe, Alana.” Ele sinalizou para que ela entrasse. “Sua felicidade, sua vida, sua família ... é isso que me importa agora.”

“Você não me conhece.”

Ele deu de ombros. “Simplesmente é assim que as coisas são.”

“Mas...” Ela olhou para ele, tentando encontrar palavras para discutir, para fazer com que ele ... *o que?*

Discutir porque ele quer me fazer feliz? “Isso não faz sentido.”

“Venha sentar-se. Nós conversaremos.” Ele caminhou até o outro lado da cafeteria, para longe do centro bem iluminado. “Há uma mesa livre aqui.”

Havia outras mesas vazias, mas ela não as mostrou. Ela queria privacidade para a conversa deles. Já era estranho ter que perguntar a ele como quebrar uma ligação de conto de fadas, fazer isso com pessoas ouvindo era um pouco demais.

Murrin parou e puxou uma cadeira.

Ela se sentou, tentando não se sensibilizar com a postura cavalheiresca dele ou com sua aparente ignorância das garotas – e alguns garotos – que estavam olhando para ele com muito interesse. Ele não parecia notá-los, mesmo quando eles paravam de falar no meio de uma frase e sorriam para ele quando ele passava pelas mesas.

E quem poderia culpá-los por olhar? Alana podia estar infeliz de estar nessa situação, mas não queria dizer que ela não estava um pouco deslumbrada pela beleza dele – não o suficiente para que ela ficasse com ele,

claro, mas o coração dela acelerava toda vez que ela olhava para ele.

Pacotes bonitinhos não significam nada. Nada disso importa. Ele me prendeu.

Murrin se sentou na cadeira á frente dela, observando-a com uma intensidade que a arrepiava.

“O que você quer?” ela perguntou.

Ele se esticou e pegou a mão dela. “Você não quer ficar aqui?”

“Não. Eu não quero ficar aqui *com você.*”

A voz dele era reconfortante quando ele perguntou, “Então como eu posso agradar você? Como eu faço com que você queira ficar perto de mim?”

“Nada. Eu quero que você vá embora.”

Uma série de expressões ilegíveis passou pelo rosto dele, muito rápidas para serem identificadas, mas ele não respondeu. Ao invés disso, ele apontou para o quadro-negro gigante que servia de menu e leu as opções.

“Mocha? Americano? Macchiato? Chá? Leite?”

Ela pensou em pressioná-lo a dar as repostas que ela precisava, mas não o fez. Hostilidade não ia funcionar.

Ainda não. Brigar não ia dar respostas a ela, então ela decidiu tentar uma abordagem diferente: racionalizar.

Ela respirou fundo.

“Claro.Mocha. Dose dupla.” Ela ficou de pé para pegar o dinheiro no bolso da calça jeans.

Ele se levantou num pulo, conseguindo parecer muito mais gracioso do que qualquer pessoa que ela já havia conhecido. “Alguma coisa com o café?”

“Não.” Ela desdobrou uma nota de cinco das notas de dentro do bolso e entregou para ele. Ao invés de pegar, ele levantou a sobrancelha e se afastou da mesa.

“Espera aí.” Ela sacudiu a nota e esticou mais a mão. “ Pegue isso.”

Ele levantou um pouco a sobrancelha de novo e sacudiu a cabeça.

“Eu não posso.”

“Tudo bem. Eu mesma pego.” Ela deu a volta por ele. Com uma velocidade que não devia ser

possível, ele bloqueou o caminho dela, ela trombou brevemente nele, se equilibrando com uma das mãos no peito dele.

Suspirando levemente, ele colocou uma mão sobre a dela. “Eu posso comprar um café para você, Alana? Por favor? Você não vai ficar em dívida comigo nem nada.”

Razão, ela lembrou a si mesma. *Recusar um café não é racional.*

Sem falar nada, ela concordou e foi recompensada com um olhar caloroso.

Assim que ele foi embora, ela se sentou e o observou passando pela multidão. Ele não parecia nervoso com as pessoas trombando nele ou pelas mesas cheias de gente. Ele se movia pelo

lugar facilmente, muito pouco natural. Várias vezes, ele olhou para ela e para as pessoas sentadas ao redor dela – prestando atenção, mas sem ser possessivo.

O que importa? Ela olhou para ele com um desejo pouco familiar, sabendo que ele não era dela de verdade, sabendo que ela não queria ficar presa a ele mas ainda sentindo uma estranha esperança. *Será que é uma coisa de selchie?* Ela forçou-se a olhar para outro lugar e começou a pensar novamente no que dizer, quais perguntas fazer, como desfazer a bagunça em que os dois estavam.

Alguns minutos depois, e novamente sem nenhum esforço visível, Murrin se moveu pela multidão até que a alcançou, equilibrando dois copos e um prato em cima de cada um. O primeiro prato tinha um sanduíche grosso, o segundo estava cheio de brownies, biscoitos e quadrados de chocolate. Ele deu o mocha para ela.

“Obrigada,” ela murmurou.

Ele balançou a cabeça, sentou-se e colocou os pratos no centro da mesa, entre eles. “Eu achei que você podia querer comer alguma coisa.”

Ela olhou para o prato de sobremesas e para o sanduíche. “Isso é tudo para mim?”

“Eu não sabia do que você ia gostar mais.”

“Que você fosse embora,” ela disse.

A expressão dele era séria. “Eu não posso fazer isso. Por favor, Alana, você precisa entender. É assim que tem sido durante séculos. Não foi minha *intenção* que você caísse em uma armadilha, mas eu não posso me afastar. Eu não sou fisicamente *capaz* de fazer isso.”

“Você pode pegar de volta? Sua, umm, pele?” Ela prendeu a respiração.

Ele olhou para ela com um olhar triste novamente; os olhos dele pareciam tão negros e úmidos

quanto o mar à noite. “Se eu encontrar a pele onde você escondeu sem que você queira que isso aconteça. Pura coincidência. Ou se eu estiver com raiva o suficiente para procurá-la depois de você ter me machucado três vezes. Sim, há maneiras, mas não são prováveis. Você não pode evitar escondê-la e eu não posso procurar por ela sem uma causa.”

Alana havia suspeitado – *sabido* - que não era uma coisa fácil de escapar, mas mesmo assim ela precisava perguntar, precisava ouvi-lo dizer a ela. Ela sentiu lágrimas arderem seus olhos.

“Então, o que fazemos?”

“Nós nos conhecemos melhor. Eu espero que você descubra que me quer por perto. Você espera que eu diga algo que a ajude a se livrar de mim.” Ele pareceu tão triste quando disse isso, que ela se sentiu culpada.

“Isso, também, é como tem sido durante séculos.”

A hora seguinte passou com pedaços e inícios de conversas. Periodicamente, Alana relaxava. Murrin podia perceber que ela estava se divertindo, mas toda vez que ela notava que ela estava se divertindo, ele via uma sombra de irritação cobrir o rosto dela, e ela levantava suas barreiras novamente. Ela se movia na direção dele, mas depois se afastava rapidamente dele. A vontade dela era forte, e mesmo que ele respeitasse isso, ele se desesperava porque a força dela estava contra ele.

Ele observava a cabeça dela se inclinar quando ela ouvia; ele ouviu o ritmo das palavras dela quando ela falou da vida dela em terra firme. Ele sabia que era um plano consciente – que ela estava conhecendo a situação para poder se livrar dele. Mas ele havia aprendido paciência e flexibilidade no mar. Essas eram qualidades que todo o selchie precisava ter para sobreviver. O pai de Murrin o havia alertado que elas eram igualmente essenciais em relacionamentos, e apesar de Murrin nunca ter achado que seguiria os ensinamentos do pai, ele havia ouvido. Naquela noite, ele ficou feliz de ter ouvido.

Finalmente, todos tinham ido embora da loja, menos eles, e Alana estava bocejando.

“Você precisa descansar, Alana.” Ele se levantou e esperou por ela. Os olhos dela estavam pesados de fadiga. Talvez uma boa noite de sono pudesse ajudar os dois.

Ela não olhou para ele, mas sua guarda estava baixa o suficiente para aceitar a mão dele – e ela perdeu um pouco o ar quando o fez.

Murrin congelou, esperando que ela determinasse a próxima ação deles. Ele não tinha resposta, nenhuma pista de como responder. Ninguém o havia alertado que o mero toque da mão dela evocaria tal sentimento: ele lutaria até seu último suspiro para mantê-la perto dele, para mantê-la a salvo, para fazê-la feliz. Era similar ao que ocorria no mar, essa sensação que o puxava. Ele se afundaria sob o peso dela, sob

sua enormidade, e ele não reclamaria quando o fizesse.

Alana tentou não reagir à sensação da mão dele na dela, mas havia algo *certo* nessa sensação, era como sentir o universo voltar á ordem. Paz, uma sensação sempre elusiva, estava preenchendo Alana. Ela encontrava essa sensação no recife, sob a lua, mas não era uma sensação que ela experimentava perto de pessoas. Ela soltou a mão dele brevemente – ele não resistiu – e a sensação se esvaiu. Mas era como observar o mar fugir dela, vendo a água escapar para algum lugar onde ela não podia seguir. A água ia fugir mesmo se ela tentasse agarrá-la, mas diferente do mar, essa situação tinha uma sensação quase tangível. Ela agarrou a mão dele e olhou para seus dedos entrelaçados. *Ele era tangível.*

E vinha do mar ...

Ela se perguntou se era por isso que ela tinha aquela sensação – tocá-lo era como tocar o mar. Ela correu o dedão pelos nós dos dedos dele. A pele dele não era diferente da dela. *Agora, pelo menos.* A idéia de que ele se transformava em outra coisa, algo que não era humano, era quase suficiente para fazê-la soltar de novo.

Quase.

“Eu não vou machucar você, Alana.” Ele estava falando então, murmurando palavras de uma maneira rítmica que era muito não-humana.

Ela se arrepiou. O nome dela nunca tinha soado tão belo. “As pessoas não usam os nomes em todas as frases.”

Ele balançou a cabeça, mas a expressão dele estava defensiva, cuidadosamente vazia. “Você prefere que eu não use? Eu gosto do seu nome, mas eu poderia – .”

“Deixa pra lá. É só que ... eu não sei. ... eu não gosto disso.” Ela apontou para as mãos deles, para ele e de volta para ela, mas ela continuou segurando nele quando eles saíram da loja. Ela estava tão cansada, tão confusa, e o único momento de paz que ela teve foi quando ela sentiu a pele dele.

Quando eles saíram, ela mudou de assunto de novo.

“Onde você vai ficar?”

“Com você?”

Ela riu antes que pudesse evitar. “Umm, eu acho que não.”

“Eu não consigo ficar muito longe de você agora, Alana. Pense nisso como uma coleira. Meu alcance só vai até certa distância. Eu posso dormir do lado de fora.” Ele deu de ombros. “Nós não ficamos exatamente em casas na maioria do tempo. Minha mãe fica, mas ela é ... como você. Eu fico um pouco com

ela. É mais macio, mas não é necessário.”

Alana pensou no assunto. Ela sabia que a mãe dela não se importaria. Sussane não possuía nenhuma “neura”

como ela gostava de chamar, mas o fato de deixá-lo dormir no sofá era como admitir a derrota. *Então eu deixo que ele durma lá fora, como um animal? Mas ele é um animal, não é?* Ela parou, ele parou de andar também.

O que eu estou pensando, considerando deixá-lo entrar na minha casa? Ele não era humano, ele era um animal. Quem saberia o tipo de regras sob as quais ele vivia – ou até mesmo se ele possuía regras ou leis.

Ela não era diferente da mãe dela: atraída por palavras vazias, deixando homens estranhos entrar em seu paraíso. Mas ele a havia prendido. E ele não era o único que havia tentado, Algo estranho estava acontecendo, e ela não estava gostando. Ela soltou a mão dele e se afastou dele.

“Quem era o cara na fogueira que tentou me dar a pele dele? Por que vocês dois estavam ... Ele disse que você era pior e... “ Ela olhou para ele, para o rosto dele.”E por que eu?”

Murrin não conseguia falar, não conseguia processar nada além do fato de que seu irmão tinha tentado seduzir a futura parceira dele. Ele sabia, assim que havia acontecido, que Veikko tinha pegado a Outra-Pele de Murrin e colocado onde Alana havia encontrado, mas ele não tinha pensado que Veikko tinha se aproximado dela também. *Por que ele fez isso?* Veikko ainda dava raros ataques porque Zoe tinha ido embora, mas eles haviam conversado sobre aquilo. *Ele disse que havia entendido...então porque ele estava falando com minha Alana?*

Murrin se perguntou se ele deveria assegurar a Veikko que Alana estaria segura, que era não era como Zoe, que ela não se poderia em uma depressão potencialmente falta. *Talvez ele estivesse tentando proteger Alana?E a mim?* Aquilo faria mais sentido para Murrin, se não fosse pelo fato quase certo de que Veikko havia sido o responsável por colocar a Outra-Pele de Murrin no caminho da Alana. Nenhum outro selchie havia estado na praia.

Nada disso faz sentido... e nem algo para contar agora.

Era uma coisa muito mais complicada do que Alana precisava lidar além de todo o resto, então Murrin acabou com sua confusão e suspeitas e disse, “Veikko é meu irmão.”

“Seu irmão?”

Murrin concordou com a cabeça.

“Ele me assustou.” Ela corou quando disse isso, como se medo fosse uma coisa para se envergonhar, mas a admissão aberta levou apenas um segundo. Alana ainda estava brava. A postura dela estava tensa:

punhos fechados, coluna reta, olhos estreitos. “Ele disse que você era pior, e que ele voltaria. Ele – “

“Veikko – Vic - está um pouco desatualizado em suas interações com ... humanos.” Murrin odiava ter que usar aquela palavra, mas era inevitável. Ele não era como ela, nunca seria como ela. Era algo que eles precisavam reconhecer. Murrin se aproximou. Apesar de sua raiva, ela precisava ser confortada.

“Por que ele disse que você era pior?”

“Por que eu queria conhecê-la melhor antes de te contar o que eu era. Nada disso foi intencional. Minha Outra-Pele foi...” Ele parou, considerou contar a ela que ele suspeitava que Veikko havia feito a armadilha para ela, mas decidiu contra. Iria haver muitos anos em que Alana e Veikko seriam obrigados a ficar perto um do outro: com uma simples omissão, o conflito por ela odiá-lo seria evitado. “Não era para estar lá. Não era para *voce* estar lá. Eu estava indo me encontrar com você, tentar sair com você como os humanos fazem.”

“Oh.” Ela cruzou os braços na frente do corpo. “Mas...”

“Vic acha que eu sou „pior“ que os outros em minha família porque eu estava indo contra a tradição...ou esperava ir.” Ele deu um sorriso sem graça. “Ele acha que é pior eu tentar cortejar você e depois me revelar.

Não que isso importe agora...”

“E como isso é pior?”

“Eu tenho me feito essa pergunta há anos.” Ele estendeu a mão. “Não é o que eu ensinarei aos meus filhos... um dia quando eu me tornar pai. Não é o que eu queria, mas estamos juntos agora.

Nós vamos dar um jeito.”

Ela tomou a mão esticada dele na dela. “Não precisamos ficar juntos.”

Ele não respondeu, *não conseguiu* responder por um momento. Depois ele disse. “Sinto muito.”

“Eu também. Eu não tenho relacionamentos, Murrin.” As pontas dos dedos dela acariciaram a mão dele sem perceber.

“Não foi minha intenção colocar você em uma armadilha, mas não estou ansioso para te deixar ir.” Ele esperava que ela fosse discutir, ficar com raiva, mas como o mar, o humor dela não era como ele antecipara.

Ela sorriu, então, não como se estivesse infeliz, mas como se ela fosse perigosa. “Então, acho que eu preciso convencê-lo.”

Ela é mesmo perfeita para mim.

Durante as três semanas seguinte, aos poucos, as dúvidas de Alana foram substituídas por uma amizade provisória. *Não faz mal ser legal com ele Não é culpa dele.* Ela começou a dizer a si mesma que eles podiam ser amigos. Mesmo se ela não conseguisse se livrar dele, ela não tinha necessariamente que *sair* com ele e, definitivamente, ela não tinha que *casar* com ele.

Uma noite, ela acordou com um susto no meio da noite, tremendo e pensando em Murrin. Eles eram amigos.

Certo, ele estava dormindo no sofá dela, e eles comiam juntos, mas aquilo não era compromisso. Era prático. Ele não tinha para onde ir. Ele não podia dormir na praia. E ele trazia a comida, então ele não estava se aproveitando. Ele ela apenas ... um bom amigo que sempre estava lá.

E ele me faz feliz.

Ela foi para a sala de estar. Murrin estava de pé em frente à janela, como os olhos fechados, o rosto posicionado para cima.

A expressão no rosto dele era de dor. O desejo nos olhos dele era horrível, de parar o coração, mas ele piscou e o olhar se foi. “Você está doente?”

“Não.” Ela pegou a mão dele e o levou para longe da janela. “*Você* está?”

“Claro que não.” Ele sorriu, e teria sido tranquilizador se ela não tivesse visto a tristeza que ainda permanecia nos olhos dele.

“Então, o que foi?”

”Nada.” Ele apontou para na direção da porta do quarto dela. “Pode ir, eu estou bem.”

Ela pensou naquilo, sobre ele estar longe da família, da casa, de tudo que era familiar. Tudo sobre o que eles conversaram era o que ela queria, o que a fazia feliz, como ela se sentia. *Ele* também estava passando por uma grande mudança, maior até. “Fale comigo. Estamos tentando ser amigos, certo?”

“Amigos,” ele repetiu. ”É isso que nós seremos?”

E ela parou. Apesar da estranheza, ela não estava mais se sentindo desconfortável. Ela tocou a bochecha dele e deixou sua mão ficar ali. Ele era uma boa pessoa. Ela disse, “Eu não estou tentando ser difícil.”

“E nem eu.” Ele inclinou o rosto na direção da palma da mão dela. “Mas... eu estou tentando ter cuidado.”

Ela colocou as mãos nos ombros dele e ficou nas pontas dos pés. O toque da mão dela contra a pele dele era o suficiente para fazer o mundo adquirir aquela maravilhosa sensação de estar completo, como

sempre.

Durante os últimos dias, ela havia deixado as pontas dos dedos encostarem no braço dele, batia o ombro no nele – pequenos toques para ver se ela sempre tão perfeito. E era. O coração dela estava acelerado agora.

Ele não se moveu.

“Nada de promessas,” ela sussurrou, e depois o beijou – e aquela sensação de êxtase que ela havia tocado levemente com cada toque da pele dele a consumiu. Ela não conseguia respirar, se mover, fazer nada além de sentir.

Murrin observou Alana com atenção no dia seguinte. Ele não tinha certeza do que havia acontecido, se significava alguma coisa ou se ela estava apenas com pena. Ela havia sido bem clara em suas insistências de que eles eram amigos, *apenas* amigos, e que era tudo o que eles seriam. Ele esperou, mas ela não mencionou o beijo – e ela não o repetiu.

Talvez tenha sido um golpe de sorte.

Durante mais dois dias, ela agiu com havia agido antes do Beijo: ela era gentil, amigável, e às vezes encostava nele como se fosse um acidente. Nunca era, ele sabia disso. Mesmo assim, ela não fez nada fora do comum.

No terceiro dia, ela se sentou ao lado dele no sofá. Susanne estava fora, na aula de Yoga – não que fosse fazer diferença. Susanne parecia exageradamente satisfeita que Alana quisesse que

ele ficasse com elas, Murrin suspeitava que Susanne não iria fazer objeções se ele dividisse o quarto com Alana. Era Alana que impunha os limites - a mesma Alana que estava neste momento sentando muito perto, encarando-o com um olhar confuso.

“Eu pensei que você tinha gostado de me beijar na outra noite,” ela disse.

“Eu gostei.”

“Então ... “

“Eu não acho que entendo.”

“Podemos *fingir* que somos amigos ... mas estamos namorando. Certo?” Ela brincou com a barra da camiseta.

Ele esperou durante várias respirações, mas ela não disse mais nada. Então, ele perguntou, “E o seu plano de me convencer a ir embora?”

“Não tenho mais certeza.” Ela pareceu sem graça. “Não posso prometer a eternidade, ou, para ser sincera, até o mês que vem, mas eu penso em você o tempo todo. Eu sou mais feliz com você por perto do que eu fui minha vida toda. Existe algo ... mágico quando nos tocamos. Sei que não é real, mas...”

“Não é real?” ele repetiu.

“É uma coisa selchie, certo? Como a necessidade de pegar a Outra-Pele.” Ela parou de falar. As próximas palavras dela vieram em uma enxurrada. “Funciona para você também?”

Ela estava tão perto dele que seria natural puxá-la para seus braços. E ele o fez. Ele a colocou em seu colo e emaranhou seus dedos pelos cabelos dela. Ele deixou os cachos enrolarem em seus dedos.

“Não é mesmo um coisa *selchie*,” ele disse a ela, “mas flui para os dois lados.”

Ela começou a se afastar. “Eu pensei que era apenas... você sabe... uma coisa da magia.”

Ele apoiou a cabeça dela em sua mão, abraçando-a e disse, “É magia. Encontrar um par, me apaixonar, vê-la me amar de volta? Isso é magia de verdade.”

E sua Alana, sua companheira, seu par perfeito, não se afastou. Ela se inclinou perto o suficiente para beijar ... não por pena ou emoção mal colocada, mas por afeição.

Tudo está perfeito. Ele a envolveu mais seguramente com seus braços e soube que tudo ia ficar bem. Ela não havia dito as palavras, mas ela o amava.

Minha Alana, meu par...

Na noite seguinte, Murrin levou a bolsa de pérolas ao joalheiro que sua família sempre visitou. Davis Jewels ia fechar em alguns minutos, mas o joalheiro e sua esposa nunca reclamaram das visitas de Murrin. O senhor Davis sorriu quando Murrin entrou. “Deixe-me ligar para Madeline, e dizer que eu chegarei tarde.”

Senhor Davis foi até a porta, trancou-a e armou o sistema de segurança. Se Murrin fechasse os olhos, ele podia lembrar dos passos do velho homem e eles não seriam muito diferentes do que estava ocorrendo na frente dele.

Quando o senhor Davis foi ligar para a esposa, Murrin esperou no balcão. Ele desdobrou o pano que ele carregava nessas ocasiões e derrubou o conteúdo da sacola sobre o material macio.

Senhor Davis terminou a ligação e abriu a boca para falar, mas o que ele ia dizer se perdeu quando ele olhou para o balcão. Ele andou até lá, olhando para Murrin apenas brevemente, sua atenção fixa nas pérolas.

“Você nunca trouxe tantas assim...”

“Eu preciso fazer uma compra desta vez também.” Murrin apontou para as vitrines da loja. “Eu vou ...

me casar.”

“Esse é o motivo do colar. Eu imaginei.” Senhor Davis sorriu, seu rosto se enrugando em um labirinto de linhas tão grossas como tiras de alga, bonito em sua pele envelhecendo. Aqui estava um homem que entendia o amor. Senhor Davis e sua esposa ainda se olhavam com um brilho nos olhos.

Ele foi nos fundos da loja e trouxe um estojo com um colar de pérolas. Havia sido feito com pérolas que Murrin tinha selecionado ao longo de muitos anos.

Para Alana.

Murrin abriu o estojo e correu as pontas dos dedos ao longo do colar.

“Perfeito.”

Senhor Davis sorriu novamente, depois pegou as pérolas do pano e levou-as para sua mesa para examiná-

las.

Após anos comprando as pérolas da família de Murrin, o exame feito pelo homem – estudando o tamanho, formato, cor e brilho – era superficial, mas ainda era parte do processo.

A ordem dos passos do joalheiro era tão familiar para Murrin como as correntes. Geralmente, ele esperava sem se mover enquanto o homem seguia sua rotina. Desta vez, ele observou as vitrines.

Quando o senhor Davis volou, Murrin apontou para as fileiras de pedras únicas em anéis simples.

“Ajude-me a escolher um desses?”

O joalheiro disse a Murrin o quanto ele iria pagar pelas pérolas e completou, “não sei quanto desta quantia você quer gastar.”

Murrin deu de ombros. “Quero que minha esposa fique satisfeita. Isso é tudo que importa.”

Alana não estava surpresa em ver Dreadlocks – *Vic* – encostado em um muro do lado de fora da cafeteria onde ela estava esperando por Murrin enquanto ele estava em uma missão secreta. Ela achou que tinha visto Vic várias vezes ultimamente. No entanto, ela não parou. Ela não tinha certeza que sabia o que dizer a ele.

Quando ela o tinha visto observando, ela pensou em perguntar a Murrin sobre ele, mas ela não tinha certeza sobre o que dizer ou perguntar.

Vic igualou seu passo ao dela, andando ao seu lado. “Você escutaria o que eu tenho a dizer, Alana?”

“Por quê?”

“Porque você é a companheira do meu irmão, e eu estou preocupado com ele.”

“Murrin não parece ser muito próximo de você... e ele está ótimo. Feliz.” Ela sentiu um aperto no peito, um pânico. Não era nada parecido com o que ela sentia quando estava com Murrin.

“Então você não o viu observando o mar? Ele não sofre por causa dele?” A expressão de Vic dizia que ele já sabia a resposta. “Ele não pode admitir. É parte do ... encantamento. Você o prendeu aqui quando roubou sua Outra-Pele. Ele não pode dizer a você que está infeliz, mas você perceberá com o tempo. Ele ficará infeliz, odiará você. Um dia você o verá encarando o mar ... talvez ainda não, mas não conseguimos evitar.”

Alana pensou sobre aquilo. Ela *havia* visto Murrin tarde da noite quando ele achava que ela estava dormindo. Ele ficava encarando a distância, na direção da água, mesmo sendo impossível vê-la do apartamento. O olhar de saudade em seu rosto era de cortar o coração.

“Ele vai ficar com raiva de você com o tempo. Nós sempre ficamos.”

A boca de Vic se enrolou em um sorriso sardônico. “Da mesma forma que vocês têm raiva de nós..”

“Eu não tenho raiva de Murrin, “ela começou.

“Talvez agora não. Mas você tinha.” Vic brincava com uma longa mecha verde de seu cabelo. “Você tinha raiva dele por ter prendido você. Ficar presa é um destino cruel. Minha companheira também ficou com raiva de mim. Zoë ... era esse o nome dela. Minha Zoë..”

“Era?”

“Eu suspeito que ainda seja.” Ele parou, com uma feição pensativa.”Mas, com o tempo, nós ficamos com raiva de vocês. *Vocês* evitam que consigamos o que merecemos: nossa liberdade.

Eu não queria ficar bravo com minha Zoë..”

Alana pensou em Murrin ficando preso, ficando bravo com ela, tendo raiva dela por mantê-lo em terra firme. A amargura nos olhos de Vic não era algo que ela queria ver no olhar de Murrin.

“Então, o que eu devo fazer?” ela sussurrou.

“Um mortal não pode ficar presa a dois selchies ... apenas levante minha pele.Murrin ficará livre então.”

“Por que você faria isso? Nós ficaríamos –“ Alana tentou não tremer com a idéia de ficar ligada a Vic. “Eu não quero ser nada seu.”

“Não sou seu tipo?” Ele se aproximou, tão predatório e belo quanto estava na festa quando eles se conheceram. “Aaah, Alana, me sinto mal por estragar as coisas quando te conheci. Queria ajudar Murrin como ele me ajudou. Se não fosse por ele, Zoë e eu ainda estaríamos ... presos. Eu estaria longe do mar.

Murrin nos separou.”

“É legal que você queira ajudá-lo, mas *eu não quero ficar com você.*” Ela reprimiu outro arrepio quando pensou naquilo, mas quase não conseguiu.

Vic balançou a cabeça. “Podemos dar um jeito nesse detalhe. Não pedirei o que Murrin tem com você... eu não procuro uma esposa. Mas eu preciso consertar as coisas. Talvez eu não tenha me expressado direito quando nos conhecemos. Não posso dizer que tenho o tipo *deexperiência* que Murrin tem com as garotas mortais, mas...”

Alana congelou. “O que você quer dizer?”

“Vamos, Alana. Não fomos exatamente criados para sermos féis. Olhe para nós.” Veikko apontou para si mesmo. Aquele olhar auto-confiante estava de volta. “Mortais não dizem exatamente *não* para nós. As coisas que vocês sentem quando nos veem... centenas de garotas ... não que ele tenha estado com cada uma delas ... O que você sente é instinto. Não é *amor* de verdade, é só uma reação aos ferormônios.”

Alana lutou entre ciúmes e aceitação. Vic não estava contando a ela nada que ela já não houvesse pensado.

Sob alguns ângulos era apenas uma versão extrema da lógica por trás da Regra das Seis Semanas.

“Eu *devo* isso a ele,” Vic dizia. “E você não acha realmente que o ama, acha?”

Ela não chorou, mas ela queria. Ela não havia dito aquelas palavras para Murrin, ainda não, mas ela havia pensado sobre isso. Ela havia sentido. *Eu sou uma boba? Alguma parte disso é real?*

Ela tinha perguntado a Murrin, mas ele estava falando a verdade? Será que importava? Se Murrin ia odiá-la com o tempo, ela devia deixá-lo ir agora. Ela não queri aquilo entre eles.

Se Vic estava dizendo a verdade, não havia razão para deixar Murrin com ela, e muitas razões para deixá-lo ir. *Logo.* Ele não era dela. Ele não era dela mesmo.

É uma enganação. Ele pertencia ao mar, e com isso vinham relacionamentos, relacionamentos rápidos, com outras garotas. *O modo como me sinto é uma mentira ou o Vic está mentindo?* Fazia mais sentido que Vic estivesse dizendo a verdade: as pessoas não se apoixonavam assim tão rápido, eles não quebravam todas as suas regras tão facilmente. *É só uma coisa selchie.* Ela forçou seus pensamentos para longe do turbilhão de emoções deu várias respiradas calmantes.

“Então, como a gente faz?”

Murrin encontrou Alana sentada no recife, mas ela não estava feliz. Parecia que ela tinha chorado.

“Ei.” Ela olhou para ele apenas rapidamente.

“Você está bem?” Ele não queria se meter muito: a aceitação dele em sua vida ainda era muito frágil.

Ao invés de responder, ela esticou a mão para ele.

Ele sentou-se ao lado dela, e ela se inclinou para abraçá-lo. As ondas se viravam sobre o recife exposto e subiam pela beirada pedregosa onde eles se sentavam. Ele suspirou ao toque da água salgada. *Meu lar*. Ele não podia ter imaginado tanta felicidade: sua Alana e sua água, ambos contra sua pele.

Perfeição ... com exceção de que Alana parece triste.

“Eu não esperava gostar, especialmente tão cedo. Eu quero que você seja feliz,” ela disse. “Mesmo que não seja real –“

“É real.” Ele pegou o colar de pérolas e o colocou no pescoço de Alana. “E eu estou feliz.”

Ela engasgou levemente e correu as pontas dos dedos sobre as pérolas. “Não posso –“ Ela sacudiu a cabeça.

“Você sente falta?”

“Do mar? Está logo ali.”

“Mas você sente falta ... de se transformar e ir pra lá? Conhecer outras pessoas?” Ela ficou tensa nos braços dele.

“Eu não vou deixar você,” ele a consolou. A mãe dele havia olhado com frequência para o mar como se ele fosse um inimigo que roubaria sua família se ela não tivesse cuidado. Não era isso que ele queria. Ele a abraçou novamente. “Eu estou exatamente onde preciso estar.”

Ela concordou com a cabeça, mas ele podia sentir as lágrimas dela caindo em suas mãos.

Alana pensou no assunto e decidiu que confiar completamente em Vic era burrice. Ele tinha razão: ela precisava deixar Murrin ir antes que ele ficasse com raiva dela por mantê-lo longe do mar. Murrin não estava pensando com clareza. Qualquer que fosse o encantamento que o fez precisar ficar perto dela estava impedindo que ele admitisse que ele sentia falta do mar. Se ele voltasse ... havia selchies que ele podia conhecer. Nada disso significava que ela queria arriscar ficar presa ao Vic – então ela optou por tentar um plano que ela tinha bolado antes, mas tinha rejeitado por ser muito perigoso.

E desnecessário porque o amor me dominou.

Ele estava dormindo quando ela saiu do apartamento. Ela pensou em dar um beijo de despedida, mas sabia que aquilo iria acordá-lo.

Ela deixou a porta fechar atrás dela, e então foi silenciosamente para a rua e abriu o porta-malas do carro.

Estava lá, a pele dele. Era uma parte dele, tão certo como a pele aparentemente humana que ela havia acariciado quando ele se sentava ao lado dela tarde da noite para assistir filmes antigos com o som baixo.

Gentilmente, ele pegou a pele, tentando não pensar em como estava quente, e depois saiu correndo.

Não havia lágrimas nos olhos dela. *Ainda.* Ela teria tempo suficiente para isso depois. Primeiro ela tinha que se concentrar em chegar à praia antes que ele percebesse o que ela estava fazendo. Ela correu pelas ruas à luz da madrugada. Não faltava muito para o nascer do sol, mas era cedo o bastante e os surfistas não tinham chegado ainda.

Ela sabia que ele viria logo. Ele tinha que seguir a atração de sua pele quando estava nas mãos dela, mas saber disso não tornava a pressa mais fácil. Ela sentia uma urgência de acabar logo com aquilo antes que ele chegasse, mas ela sentia um desespero simultâneo.

É melhor assim.

Ela entrou no mar. As ondas batiam nela, como estranhas criaturas agarradas aos seus joelhos e puxando-a para baixo da superfície, algas escorregavam sobre sua pele, serpenteando e fazendo seu pulso se acelerar.

É a coisa certa para nós dois.

Então, ele estava lá. Ela ouviu Murrin chamar o nome dela. “Alana! Pare!”

No final, nós dois seremos infelizes se eu não fizer.

A pele estava pesada nos braços dela; seus dedos segurando-a. Ele estava ao lado dela. “Não – “

Ela não ouviu o resto. Ela deixou as ondas derrubarem suas pernas. Ela fechou os olhos e esperou. O instinto de sobrevivência superou qualquer encantamento, e os braços dela soltaram a pele para que ela pudesse nadar.

Ao lado dela, ela o sentiu, sua pele macia como seda acariciando-a enquanto sua pele selchie transformava seu corpo humano em uma foca de pele lisa. Ela escorregou a mão sobre a pele dele, e depois nadou para longe dele, para longe do mar aberto para onde ele estava indo.

Adeus.

Ela não tinha certeza se era o mar ou as lágrimas dela, mas ela podia sentir sal em seus lábios quando ela voltou á superfície. Quando ela estava na praia de novo, ela podia vê-lo a distancia, longe demais para ouvir a voz dela se ela desistisse e pedisse para ele voltar. Ela não faria isso. Um relacionamento baseado em encantamento estava fadado a dar errado. Não era o que ela queria para nenhum dos dois. Ela sabia disso, tinha certeza, mas não amenizava a dor que ela sentia pela ausência dele.

Eu não o amo de verdade. É só sobra de mágica.

Ela viu Vic observando-a da praia. Ele disse algo que ela não podia ouvir por causa das ondas, e depois ele se foi também. Os dois tinha ido embora, e ela ficou para trás lembrando a si mesma que era melhor assim que o que ela havia sentido não tinha sido real.

Então porque dói tanto?

Por várias semanas, Murrin a observou, sua Alana, sua não mais companheira, na praia que não era mais sua casa. Ele não sabia o que fazer. Ela o havia rejeitado, o mandado de volta para o mar, mas ela parecia sofrer por causa disso.

Se ela não me amava, por que ela chora?

Então um dia ele viu que ela estava segurando as pérolas que ele havia dado a ela. Ela sentou na areia, passando o colar pelos dedos, cuidadosamente, com amor. Durante todo o tempo, ela chorou.

Ele veio para a praia ali no recife onde ele a havia escolhido, onde ele havia observado os hábitos dela para tentar descobrir a melhor maneira de seduzí-la. Era mais difícil dessa vez, sabendo que ela sabia tantos dos segredos dele e o havia rejeitado. Na borda do recife, ele saiu de sua Outra-Pele e guardou-a em um oco sob a borda do recife onde ficaria escondido. Estrelas do mar gigantes se agarravam na parte de baixo da borda do recife e ele pensou se ela as teria visto. Os

primeiros pensamentos dele eram muito frequentemente ainda sobre ela, os interesses dela, seu riso, sua pele macia.

Ela não ouviu a aproximação dele. Ele andou para ficar em pé ao lado dela e fez a pergunta que o estava atormentando. “Por que você está triste?”

“Murrin?” Ela enfiou o colar dentro do bolso e se afastou, com cuidado para olhar onde estava pisando, sem dúvida procurando pela Outra-Pele dele, olhando de volta para ele após cada passo.

“Eu te libertei. Vá embora. Vá em frente.”

“Não.” Ele havia sonhado em estar assim perto dela desde que ele havia sido forçado a se afastar dela. Ele não conseguia evitar, estava sorrindo.

“Onde está?” ela perguntou, eu olhar ainda vasculhando nervosamente perto das piscinas naturais.

“Você quer que eu mostre – “

“*Não.*” Ela cruzou os braços sobre o corpo e fez uma careta. “Não quero fazer isso de novo.”

“Está escondida. Você não irá tocá-la a não ser que você me deixe levá-la lá.” Ele andou para mais perto, e ela não se afastou dessa vez – e nem se aproximou dele, como ele havia esperado.

“Você está, umm, pelado.” Ela corou e se virou. Ela pegou sua mochila e tirou de lá um dos casacos quentes e jeans que ela havia achado na loja quando eles estavam fazendo compras naquela primeira semana. Ela jogou-os para ele. “Aqui.”

Imensamente satisfeito em saber que ela carregava suas roupas com ela – com certeza aquilo queria dizer que ela esperava que ele voltasse – ele se vestiu. “Caminhe comigo?”

Ela concordou com a cabeça.

Eles deram alguns passos, e ela disse, “Não há razão para você estar aqui. Eu quebrei o feitiço ou sei lá.

Você não precisa – “Que feitiço?”

“Aquele que te obrigou a ficar comigo. Vic me explicou. Você pode ir ficar com uma garota foca agora ... É o melhor.”

“Vic explicou?” ele repetiu. Veikko havia convencido Alana a arriscar a vida dela para se livrar de Murrin.

Isso fez seu pulso acelerar como quando ele andava pelas ondas durante uma tempestade. “E você acreditou nele *por que?*”

As bochechas dela ficaram vermelhas de novo.

“O que ele contou para você?”

“Que você me odiaria porque você perdeu o mar, e que você não conseguia me dizer, e que o que eu sentia era por causa dos ferormônios ... como as centenas de outras garotas com quem você ...” Ela ficou ainda mais vermelha. “E eu vi você à noite, Murrin. Você parecia tão triste.”

“Agora eu estou triste nas ondas, observando você.” Ele a puxou para perto, envolvendo-a com seus braços, beijando-a como eles haviam se beijado apenas algumas vezes antes.

“Eu não entendo.” Ela tocou seus lábios com a ponta dos dedos, como se houvesse algo estranho no fato de ele a estar beijando. “Por que?”

Mesmo os estonteantes recifes não tinham uma beleza de tirar o fôlego como a dela quando ela estava ali de pé com seus lábios inchados pelo beijo e os olhos bem abertos. Ele a manteve em seus braços, onde era o lugar dela, onde ele a queria sempre, e disse a ela. “Porque eu amo você. É assim que nós expressamos —“

“Não. Eu quero dizer, você não *tem* que me amar agora. Eu libertei você.” A voz dela estava macia, um sussurro sob o vento vindo da água.

“Eu nunca *tive* que amar você. Eu apenas tinha que ficar com você a menos que eu reclamasse minha pele.

Se eu quisesse ir embora, eu a teria achado com o tempo.”

Alana o observou com uma atenção familiar, mas dessa vez havia um novo sentimento — esperança.

“Vic mentiu porque eu tinha ajudado a companheira dele a deixá-lo. Ela estava doente. Ele saía com garotas mortais constantemente ... e ela estava presa e infeliz.” Murrin olhou para longe, parecendo envergonhado.

“Nossa família não sabe. Bem, eles podem suspeitar, mas Veikko nunca contou a eles porque ele precisaria admitir sua crueldade também. Eu achei que ele havia me perdoado. Ele disse...”

“O que?”

“Ele é meu irmão. Eu confiei nele...”

“Eu também.” Ela se encostou mais e colocou os braços em volta dele. “Sinto muito.”

“Mais cedo ou mais tarde, nós vamos precisar lidar com ele.” Murrin soava triste e relutante. “Mas enquanto isso, se ele falar com você — “

“Eu te conto.”

“Nada mais de segredos,” ele disse. Depois ele a beijou.

Os lábios dele tinham o gosto do mar. Ela fechou os olhos e se deixou aproveitar a sensação das mãos dele em sua pele, cedeu a tentação de correr as mão no peito dele.

Era a mesma sensação precipitada com a qual ela sonhara todas as noites desde que ele havia ido embora. O

pulso dela batia como o quebra-mar atrás dela enquanto ela passava a beijar o pescoço dele.

Ele é meu. Ele me ama. Nós podemos — “Minha bela esposa,” ele suspirou contra a pele dela.

Com mais do que um pouco de relutância, ela se afastou dele. “Nós podíamos tentar fazer as coisas

um pouco diferentes dessa vez, sabe. Ir mais devagar. Quero você aqui, mas ser casada na minha idade não é bom. Eu tenho planos...”

“Conhecer outras pessoas?”

“Não. Nada disso.” Ela se sentou na areia. Quando ele não se moveu, ela pegou a mão dele e puxou até que ele se sentou ao lado dela. Depois ela disse, “Eu não quero conhecer outras pessoas, mas não estou pronta para ser casada. Eu nem mesmo terminei o ensino médio.” Ela olhou para ele. “Eu senti sua falta o tempo todo, mas eu não quero me perder para ter você. E eu quero que você seja *você* também ... Você sentiu falta de se transformar?”

“Senti, mas vai ficar mais fácil. É assim que as coisas são.”

Murrin soava tão calmo, e apesar de Alana saber que Vic havia mentido sobre várias coisas, ela também sabia que isso era algo sobre que ele não precisava mentir. Ela não tinha imaginado a tristeza que ela havia visto no rosto de Murrin quando ela o viu olhando na direção da água.

Ela perguntou, “Mas e se você ainda pudesse ter o mar? Nós podíamos... namorar. Você ainda podia ser quem você é. Eu ainda podia ir à escola e umm para a faculdade.”

“Você seria só minha? Mas eu posso ficar com o mar?”

Ela riu do tom suspeito dele. “Você sabe que o mar não é o mesmo que ficar com outra garota, certo?”

“Onde está o sacrifício?”

“Não tem nenhum. Há paciência, confiança, e o fato de não desistirmos de quem somos.” Ela se inclinou para o abraço dele, onde ela podia encontrar a mesma paz e prazer que o mar sempre guardava para ela.

Como eu pude pensar que era melhor ficarmos separados?

Ele sorriu então. “Ficamos um com o outro. Eu fico com o mar, e você tem que ir para a escola? Parece que eu fico com tudo, e você ... “

“Eu fico com tudo também. Com você e com tempo para fazer as coisas que eu preciso para poder ter uma carreira um dia.”

Ela havia quebrado a Regra das Seis Semanas, mas ter um relacionamento não queria dizer desistir de ter um futuro. Com Murrin, ela podia ter as duas coisas.

Ele esticou a mão e puxou as pérolas do bolso dela. Com um olhar solene, ele as colocou em volta do pescoço dela. “Eu amo você.”

Ela o beijo, apenas um rápido toque de lábios, e disse de volta. “Eu amo você também.”

“Nada de Outra-Pele, nada de encantamentos,” ele lembrou a ela.

“Só nós,” ela disse.

E esse era o melhor tipo de magia.

FIM

Notas

[←1]

Lembrando que elas estão na aula de francês e deveriam estar falando a língua e não inglês.

[←2]

Seriado americano.

[←3]

Comerciais que vendem jóias, tipo o Mil e Uma Noites.

[←4]

Tradução literal seria, espaço de cabeça, mas é como um site que pode ser visto com aqueles óculos de tecnologia avançada, que se é possível escanear as pessoas e as informações, como entrar em uma realidade virtual, nesse conto, será usado o nome em inglês mesmo.

[←5]

Micose que dá nos pés.

[←6]

Na verdade, aqui tem 2 pontos – zero-g é um jogo de PC, mas também significa câmara de flutuação – aquela que parece gravidade zero e você fica voando. Como essa aula é meio um faz-de-contas, fiquei em dúvida sobre qual está sendo usado, eu acredito q seja o jogo.

[←7]

Um resfriado muito mais forte que o resfriado comum.

[←8]

Escaneamento do corpo humano, ou seja, uma espécie de aparelho que fica com vc monitorando todas as suas funções vitais, nesse conto também será usada essa p alavra em inglês.

[←9]

Nome científico – onchocerciasis, é causado por um bichinho que vive nos rios tropicais, ele meio que se alimenta da córnea e deixa a pessoa ce ga, parece catarata.

Rapid Eye Movement (Movimento Rápido dos Olhos) - é a fase do sono na qual ocorrem os sonhos mais vívidos. Durante esta fase, os olhos movem-se rapidamente e a atividade cerebral é similar àquela que se passa nas horas em que se está acordado. As pessoas acordadas durante o sono REM, normalmente, sentem-se alertas, com maior índice de atenção e refrescadas, ou mais dispostas e prontas para a atividade normal. Os movimentos dos olhos associados ao REM são gerados pelo NGL (versão inglesa) do Tálamo e associados a ondas occipitais. Durante o sono REM o tônus muscular da pessoa diminui consideravelmente.

[←11]

Casaco de inverno, com capuz.

[←12]

Essa Estação realmente existe, ela fica no Pólo Sul.

[←13]

Não tenho certeza de chamar assim, mas é a parte de cima do palco, onde ficam as cortinhas e as luzes.

Uma peça de teatro.

[←15]

Acredito que aqui ela esteja falando sobre a idade pré histórica, antes da descoberta do fogo ou na descoberta do fogo.

[←16]

Uma peça chamada O Bardo de Shakespeare.

[←17]

NT: no texto original, a palavra é *handfast* e é um costume tradicional na Europa, e significa fazer um contrato de casamento

[←18]

NT: festival que celebra a primeira colheita de trigo do ano, comemorado em primeiro de agosto, em alguns países de língua inglesa do Hemisfério Norte

[←19]

NT: músicas animadas de origem Irlandesa

[←20]

NT:na mitologia Irlandesa, significa receber uma maldição ou, paradoxalmente, um presente. Se alguém submetido a geas viola o tabu associado á maldição, essa pessoa sofrerá desonra ou até morte.

[←22]

Ficou estranho a letra, pq em inglês ciumes e dar o fora começam com J. O que não acontece em português.

[←23]

NT: *selch* ou *selk* é a palavra escocesa para foca. Selchies são criaturas da mitologia islandesa, escocesa e irlandesa e podem se transformar de focas em humanos

[←24]

NT: selchies podem se transformar em humanos quando tiram suas peles de verdade.

Table of Contents

[Dormindo com o Espírito](#)
[Abominável Mundo Perfeito](#)
[Mais ralo que Água](#)
[Fan Fic](#)
[Perdido de Amor](#)
[Notas](#)